

FERNANDO HENRIQUE FOGAÇA CARNEIRO
(Organizador)

Anais do I Congresso sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul



I CIELS | sul

1º CONGRESSO INTERDISCIPLINAR SOBRE
ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS DA REGIÃO SUL



Escola Especial para Surdos Frei Pacifico



I CIELS | sul

1º CONGRESSO INTERDISCIPLINAR SOBRE
ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS DA REGIÃO SUL

COORDENAÇÃO GERAL

Fernando H. Fogaça Carneiro (ESFP/UFRGS)

COORDENAÇÃO GERAL ADJUNTA

Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Daniele Miki Fujikawa Bózoli (UTFPR)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alessandra Ayres (ESFP)

Andréia Gulielmin Didó (ESFP/PUCRS)

Deisi Cristina Gollo Marques Vidor (UFCSPA)

Fernando Robson de Almeida (ESFP)

Léia Kosinski Rodriguez (ESFP)

Luciane Bresciani Lopes (UFRGS)

M^ª Elisabete Rodrigues de Magalhães (ESFP)

Mariane Pereira Lombardi (ESFP)

Mirca Regina da Conceição Lima (ESFP)

Mirian Cristina Corrêa Fogaça Carneiro (ESFP)

Priscila de Abreu Bortoletti (ESFP)

Sabrina Doki dos Santos (ESFP)

Vinicius Martins Flores (UFRGS)

Virgínia Leão Schell (CFP)

COLABORADORES

Brasil Telles Filho

Fabiane Cristina Zanini dos Santos

Kátia de Freitas Ferreira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Cristiane Lima Terra Fernandes (UFPel)

Daniel Duarte Silveira (UFPel)

Luciane Bresciani Lopes (UFRGS)

Rúbia Denise Isabão Aires (IFSul)

Fernando H. Fogaça Carneiro (ESFP/UFRGS)

Vinicius Martins Flores (UFRGS)

Deisi Cristina Gollo Marques Vidor (UFCSPA)

Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Carla Damasceno de Moraes (UFSC)

Tânia dos Santos Alvarez da Silva (UEM)

Adriana Stella C. Lessa-de-Oliveira (UESB)

Marcos Luchi (UFSC)

Wasley de Jesus Santos (IF Baiano)

TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS

Andréia Gulielmin Didó

Diego Rafael Machado da Silva

Fernando Henrique Fogaça Carneiro

Kemi Oshiro Zardo

Priscila de Abreu Bortoletti

Sandro Rodrigues da Fonseca

Sharon Leonel da Costa

Vanize Martins Flores

Vinicius Martins Flores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Silvana Corrêa – CRB 1605

C749

Congresso sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul. (1. : 2018 : Porto Alegre).
Anais do I Congresso sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul, realizado
em Porto Alegre, no ano de 2018. / Fernando Henrique Fogaça Carneiro (Organizador).
Porto Alegre: Escola Especial para Surdos Frei Pacífico, 2019.

1 Livro digital. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gipels/wp-content/uploads/2019/08/anais_ciels.pdf>

ISBN 978-65-809-37-00-4

1. Congressos. 2. Escrita da Língua de Sinais 3. Escolas especiais 4. Educação, ensino e treino de grupos especiais I Carneiro, Henrique Fogaça. II Título.

CDU 376

APRESENTAÇÃO

O I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul (CIELS-Sul) ocorrerá na cidade de Porto Alegre-RS nos dias 13, 14 e 15 de dezembro de 2018, nas dependências da Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP). Foi idealizado por pesquisadores relacionados a estudos referentes à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mais especificamente à sua representação gráfica comumente chamada de Escrita da Língua de Sinais (ELS), com foco no sistema SignWriting. A demanda partiu do I Encontro Nacional de Ensino e Letramento em Escrita da Língua de Sinais, ocasião em que foi proposta a realização de uma série de eventos regionais sobre o assunto. Até o momento, sabe-se da ocorrência de eventos nas regiões Nordeste (em Janeiro de 2018) e Norte (em Maio de 2018). Ambos contaram com a presença de pesquisadores representantes da região sul, atualmente vinculados à comissão organizadora I CIELS-Sul. A segunda edição do Encontro Nacional citado está prevista para o ano de 2019, quando haverá uma socialização a nível nacional das discussões pautadas nesses eventos regionais. Soma-se a isso a carência (ou inexistência, até o momento) de eventos abrangentes na região sul sobre a ELS. Diante dessas necessidades, concebeu-se este congresso que, apesar de apresentar um destaque à região sul, aceitará participantes de todo o Brasil.

Objetivo do evento

Apresentar experiências, pesquisas e produções desenvolvidas na região sul sobre a ELS em diferentes âmbitos, perspectivas e campos de conhecimento, compartilhando saberes com os demais estados do Brasil.

Objetivos específicos

- a) Discutir práticas pedagógicas envolvendo a ELS;
- b) Divulgar e socializar inovações tecnológicas referentes à ELS;
- c) Divulgar e socializar materiais didáticos com ELS produzidos pelas escolas e universidades brasileiras;
- d) Promover debates relacionados aos estudos linguísticos da ELS;
- e) Verificar o papel da ELS na área da Saúde, como na Fonoaudiologia e no Serviço Social.

PROGRAMAÇÃO

Quinta-feira (13/12/18)

Entre 16:00 e 18:00 (Opcional)

Visita guiada pela escola

Acompanhada pelos profissionais da instituição

18:00-18:30

Abertura do Evento

No saguão, com a participação de alunas da escola para sinalização do Hino Nacional

18:30-19:00

Momento Cultural

Apresentação teatral

19:00-19:30

Discurso de abertura

Videogravação da Profa. Valerie Sutton, criadora do sistema SignWriting

19:30-20:30

Palestra: História da Escrita da Língua de Sinais no Brasil

Prof. Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa

20:30-22:00

Coquetel Comemorativo

Sexta-feira (14/12/18)

08:30-10:30

Mesa Redonda: Práticas Pedagógicas com Escrita da Língua de Sinais na Região Sul

Profa. Ma. Daniele Miki Fujikawa Bózoli (em vídeo)

Prof. Me. Fernando Henrique Fogaça Carneiro

Profa. Esp. Priscila de Abreu Bortoletti

Mediadora: Profa. Mariane Pereira Lombardi

10:30-11:00

Coffee Break

11:00-12:30

Minicursos

12:30-14:00

Intervalo para Almoço

14:00-15:30

Trabalhos Científicos

15:30-16:00

Coffee Break

16:00-18:00

Mesa Redonda: Pesquisas sobre Escrita da Língua de Sinais na Região Sul

Profa. Dra. Giovana Medianeira Fracari Hautrive

Prof. Me. João Paulo Ampessan (em vídeo)

Prof. Me. Vinicius Martins Flores

Mediador: Profa. Esp. Maria Elisabete Rodrigues de Magalhães

MINICURSOS

Produção de materiais didáticos em Escrita da Língua de Sinais

Ministrante: Alessandra Ayres

Local: Sala de Vídeo

Arte com Escrita da Língua de Sinais

Ministrante: Fernando Robson de Almeida

Local: Sala de Geografia e História

Escrita de Sinais na Educação Infantil

Ministrante: Sonia

Messerschmidt

Local: Sala do Centro Social

PROGRAMAÇÃO

Sábado (15/12/18)

08:30-10:30

Mesa Redonda: Ensino de Libras mediante o uso da Escrita da Língua de Sinais

Profa. Dra. Edneia de Oliveira Alves (em vídeo)
Prof. Esp. Isaac Figueredo de Freitas
Profa. Juliane Emmert
Mediador: Profa. Alessandra Ayres

10:30-11:00

Coffee Break

11:00-12:00

Palestra: Tecnologias Digitais e a Escrita da Língua de Sinais

Profa. Ma. Cristina Almeida da Silva

12:00-14:00

Intervalo para Almoço

14:00-15:30

Mesa Redonda: Possibilidades a partir da Escrita da Língua de Sinais nos campos da Fonoaudiologia e da Linguagem

Profa. Dra. Carina Rebello Cruz
Profa. Dra. Deisi Cristina Gollo Marques Vidor
Mediadora: Fga. Fabiane C. Zanini dos Santos

15:30-16:30

Apresentação dos Pôsteres e Coffee Break

16:30-18:00

Mesa Redonda: Estudos Linguísticos sobre a Escrita da Língua de Sinais

Profa. Dra. Carla Damasceno de Moraes
Profa. Dra. Débora Campos Wanderley
Mediador: Profa. Ma. Andréia Gulielmin Didó

18:00-18:30

Encerramento

Trabalhos Científicos

▪ SALA A (Sala de Vídeo)

OS RELATOS DA EVOLUÇÃO DA ESCRITA DE SINAIS: estudos e produções

Wilson Miranda, Paula Maiane Cavalheiro, Sonia Messerschmidt, Aline Pedrozo, Jeferson Miranda

NOTAS INTRODUTÓRIAS DO TEATRO: a tradução utilizando o SignWriting

Kemi Oshiro Zardo, Vinicius Martins Flores

PARAGRAFAÇÃO EM ESCRITA DE SINAIS: análise em livros publicados em Libras

Kácio de Lima Evangelista

LITERATURA EM ESCRITA DE SINAIS: a tradução no papel

Caroline Barros Weiler, Giovana Ceconello Mendes, Vinicius Martins Flores

▪ SALA B (Sala do Centro Social)

A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA DO PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS ESCRITA

Ricardo Oliveira Barros, Débora Campos Wanderley

A TECNOLOGIA E A ESCRITA DE SINAIS: uma proposta de tradução de campanha impressa da área da Saúde

Sharon Leonel da Costa, Vinicius Martins Flores

AS NTICs ADAPTADAS PARA SURDOS

Daldemiro Madeiro de Lima, Márcio Machado Rodrigues, Márcio Rogério, Renata de Arruda Câmara Silva

A TECNOLOGIA E A TERMINOLOGIA EM LIBRAS: relato de uso da Escrita de Sinais no registro de termos LGBTI+

Diego Rafael Machado da Silva, Vinicius Martins Flores

SUMÁRIO

PARTE I: Palestras e Mesas-Redondas

HISTÓRIA DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL 8
Antônio Carlos da Rocha Costa

O ENSINO DE MATEMÁTICA E A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS: relatos de
experiências com alunos surdos bilíngues do ensino fundamental.....15
Fernando Henrique Fogaça Carneiro

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS: da sinalização à escrita
bilíngue.....35
Priscila de Abreu Bortoletti

LÍNGUA DE SINAIS ESCRITA: estratégias pedagógicas possíveis na prática docente
do professor surdo53
Giovana Fracari Hautrive

ENSINO DE LIBRAS COM O *SIGNWRITING* : da empiria docente à hipótese de
pesquisa.....70
Isaac Figueredo de Freitas

PARTE II: Trabalhos Científicos

OS RELATOS DA EVOLUÇÃO DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS: estudos e
produções85
Wilson Miranda, Paula Maiane Cavalheiro, Sonia Messerschmidt, Aline Pedrozo, Jeferson Miranda

NOTAS INTRODUTÓRIAS DO TEATRO: a tradução utilizando o SignWriting.....94
Kemi Oshiro Zardo, Vinicius Martins Flores

PARAGRAFAÇÃO EM ESCRITA DE SINAIS: análise em livros publicados em Libras... 103
Kácio de Lima Evangelista

LITERATURA EM ESCRITA DE SINAIS: a tradução no papel.....114
Caroline Barros Weiler, Giovana Ceconello, Vinicius Martins Flores

A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA DO PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS ESCRITA..... 125
Ricardo Oliveira Barros, Débora Campos Wanderley

A TECNOLOGIA E A ESCRITA DE SINAIS: uma proposta de tradução de campanha
impressa da área da saúde..... 137
Sharon Leonel da Costa, Vinicius Martins Flores

AS NTICs ADAPTADAS PARA SURDOS..... 150
Daldemiro Madeiro de Lima, Márcio Machado Rodrigues, Márcio Rogério, Renata de Arruda Câmara Silva

A TECNOLOGIA E A TERMINOLOGIA EM LIBRAS: relato de uso da Escrita de Sinais
no registro de termos LGBTI+ 158
Diego Rafael Machado da Silva, Vinicius Martins Flores

PARTE III: Resumos de Pôsteres

LATU SENSU EM ESCRITA DE SINAIS: uma real necessidade?.....167
Kácio de Lima Evangelista, Daniela Gomes Gumiero

A ESCRITA DE SINAIS E SEU USO NAS ESCOLAS DE SURDOS DA REGIÃO SUL DO
BRASIL: uma análise quantitativa e qualitativa a partir dos professores e gestores
de escolas de surdos..... 168
Priscila Paris Duarte, Grasielle Pavan

UMA PROPOSTA DE DICIONÁRIO BILÍNGUE *SIGNWRITING*/PORTUGUÊS: discutindo
a importância de acesso a leitura em língua materna pelos surdos..... 169
José Sinésio Tôres Gonçalves Filho

AS PERSPECTIVAS FAMILIARES A RESPEITO DO APOIO SOCIAL PESSOAL E
ENFRENTAMENTO DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS RELATADAS POR FAMÍLIAS
CODAS.....170
Maria Carolina Abianna, Mariana Gonçalves Boeckel

PARTE I

Palestras e Mesas-Redondas



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

HISTÓRIA DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa

O título da palestra é História da Língua de Sinais no Brasil. Ela tem 22 anos e eu só participei nos primeiros 10 anos – começou em 1996 e eu só participei até 2006. Quem participou todos estes 22 anos foi a Marianne Stumpf. Na verdade, ela é quem deveria dar esta palestra, mas infelizmente ela não pôde vir. Eu recebi com surpresa – uma grata surpresa – o convite do Prof. Fernando para substituir a Marianne. Faz 12 anos que eu estou afastado de qualquer atividade sobre a Língua de Sinais e sobre Escrita de Sinais. Faz 12 anos que eu não converso com a Valerie Sutton também, e estou enferrujado na Língua de Sinais.

Foram 10 anos de atividade. Muita coisa aconteceu, muitas pessoas estiveram envolvidas. Desde o final da semana passada eu tenho tentado me lembrar das pessoas, das coisas que eram feitas – e teria muita coisa para contar –, mas a memória também vai falhando um pouco, por isso não vou conseguir contar tudo. O que eu vou falar vai ficar um pouco fragmentado demais. Espero que vocês, com as perguntas, possam completar os espaços que eu for deixando em branco, os buracos que eu for deixando nessa minha fala.

Eu comecei a estudar o sistema SignWriting em 1996, eu creio. Entrei em contato com Valerie e ela me mandou gentilmente todo o material que ela tinha. Lembro que eram três pastas: uma com o manual do sistema, uma com um software e a outra com vários textos escritos em Língua de Sinais Americana (ASL). Eu estudei aquele manual e logo ficou óbvio que eu precisava alguém que conhecesse língua de sinais no Brasil, porque o Inglês eu consegui entender, mas a ASL não consegui entender. Ademais, eu não tive interesse na ASL, me importava com a língua de sinais no Brasil.

Naquela época eu dava aula na pós-graduação em Computação na UFRGS. Entrei em contato com uma aluna que estava cursando Mestrado lá, que é a Profa. Márcia Campos. Ela era professora da Escola Especial para Surdos Concórdia, por isso pedi a ela a indicação de um aluno da própria escola, ou aluno de graduação, que fosse surdo e que tivesse interesse em participar de um projeto de pesquisa para



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

fazer/escrever a língua de sinais. Para a minha sorte, e a de todos nós, ela indicou a Marianne.

Eu a encontrei no bar da Faculdade de Educação – no tempo em que havia ainda bar na Faculdade de Educação da UFRGS. Conversamos, passei o material para ela, e ela estudou durante uma semana. Depois dessa uma semana, ela retornou completamente motivada, completamente encantada. Então combinamos de iniciar o projeto, de trabalho, de aprendizagem. Por sorte ela já tinha entrado na Universidade Luterana do Brasil, cursando graduação em Informática. Com isso, pude oferecer uma bolsa de Iniciação Científica a ela, criando um vínculo oficial com o projeto.

Perto dessa época eu já tinha mudado para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Eu mudei quatro vezes de Universidade – talvez seja por isso que o Prof. Fernando encontrou como solução para o meu minicurrículo o título de “colaborador de diversas universidades do sul do Brasil”. Meu vínculo agora é com a Universidade Federal do Rio Grande. Mas naquela época eu estava na PUCRS.

Naquela universidade nós começamos a aprender em conjunto. A ideia era a de escrever a língua de sinais e buscar formas para isso. Para esta fala de hoje, eu não gostaria de descrever os fatos e os acontecimentos, mas falar mais das ideias que estiveram presentes neste projeto. Como faz doze anos que eu estou afastado, eu não sei o que as pessoas pensam hoje a respeito da ELS. Eu fiquei muito contente de saber que o Frei Pacífico adotou o ensino da ELS, mas não sei exatamente como isso tem funcionado e o que as pessoas pensam sobre isso. Digo isso porque agora eu vou falar sobre as ideias que nós tínhamos naquele tempo. Pode ser que vocês achem engraçado, ou pensem “Naquele tempo eles pensavam isto, pensavam aquilo”, mas pode ser que ainda façam sentido essas ideias. Façam sentido para vocês, e que a gente possa ir conversando um pouco, também, sobre elas.

Eu vou contar a ideia principal que apareceu, quando a gente escreveu o primeiro sinal de Libras. A partir da escrita deste primeiro sinal se desenhou todo o projeto e tudo que aconteceu nos dez anos seguintes. Tudo começou com a escrita deste primeiro sinal, com o que a gente pensou sobre a escrita deste sinal. Eu pedi para a Marianne que ela nos mostrasse um sinal simples para que a gente pudesse aprender a escrever. Ela mostrou o sinal de “Brasil”. Este foi o primeiro sinal que nós escrevemos:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

o sinal de "Brasil". E era realmente muito simples, porque era uma configuração de mão em B, num movimento vertical ondulatório, uma representação direta, com o movimento ondulante vertical, uma flecha dupla com ponta preta, para uma mão só.

Eram dois símbolos, e com isso a gente representava o sinal de Brasil. Mas ao mesmo tempo era um sinal muito complicado. Por quê? Se por um lado a mão tinha uma representação direta na configuração em B, o movimento padrão de fazer o contorno do mapa do Brasil com a mão não tinha registro no sistema, por isso tivemos que usar uma flecha padrão para o movimento ondulatório. Diante disso, metade do sinal a gente escreveu com muita naturalidade, mas o movimento não ficou natural. Além disso, como combinar estes dois símbolos?

Normalmente, a mão deveria ser colocada no início da flecha, mas a flecha inclinada ficava com um desenho muito estranho. A mão colocada no fim da flecha era a outra possibilidade, mas também ficava muito estranho. No meio da flecha era uma outra combinação mais estranha ainda. E a gente não conseguia acertar uma forma que fosse agradável de se olhar, e de ler, e de reconhecer o sinal, até que finalmente a gente colocou a mão em cima da flecha, sendo esta de forma vertical e não inclinada. Pelo que eu pude ver, ao longo do tempo, essa combinação desses dois símbolos ficou como a escrita do sinal de Brasil: a mão em cima, a configuração em B e a flecha na vertical para baixo.

Mas ao mesmo tempo a gente se deu conta de uma coisa muito importante: nós estávamos tentando descrever como é que se fazia o sinal de Brasil. A gente tentou descrever, tentou explicar. Mas o resultado final foi uma combinação de símbolos que não *descreve* o sinal de Brasil, porque faz um movimento que não é o correto visualmente. Com isso, ficou claro para nós que são duas coisas diferentes: a escrita do sinal e a descrição do sinal. Essa é a primeira ideia que eu queria passar para vocês. Nos demos conta que uma coisa é descrever o sinal, outra coisa é escrever o sinal. Uma coisa é explicar como é que o sinal é feito, outra coisa é criar uma representação para que se leia imediatamente o sinal que está sendo representado.

Isso porque a escrita não é uma descrição, a escrita é uma convenção. Esse pressuposto dirigiu todo o projeto nos 10 anos seguintes, pois a nossa preocupação não foi *descrever* sinais, não foi *descrever* textos em língua de sinais, mas foi *escrever*



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

textos e discursos em língua de sinais. Ora, qual é a diferença? A diferença é que qualquer um pode descrever, basta conhecer o sistema de símbolos e olhar, ter a perspicácia, ter a capacidade de captar os detalhes presentes nos sinais. A Valerie Sutton, por exemplo, é uma grande descritora de sinais. Ela tem a capacidade incrível de descrever sinais. A gente vê o que ela descreveu e a gente entende perfeitamente, sabe como o sinal é feito. Mas ela não escreve. Por que que ela não escreve? Escrever é uma atividade que só o surdo pode fazer, porque escrever é se comunicar.

Com isso, o desenvolvimento da escrita de sinais para nós ficou sendo uma coisa que só poderia ser feita pelos surdos, não por nós ouvintes, não pelos ouvintes que participavam do projeto. Ou seja, uma coisa é a atividade da análise linguística de sinais, onde se descreve o sinal, outra coisa é a comunicação com escrita via sinais. Assim, todo projeto foi executado para agregar o maior número possível de surdos e o ensino do sistema de símbolos, estimulá-los a produzir textos. Essa foi a atividade principal do projeto durante estes 10 anos.

Eu queria fazer um comentário. Estou falando muito de mim, mas eu não sou o personagem principal desta história. O personagem principal é a Mariane, ela que acompanhou os 10 anos do projeto, e também duas pessoas mais, em Pelotas, os surdos Ivana e Diogo, para onde eu tinha me transferido, para trabalhar na Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Então essas foram as pessoas que realmente realizaram a atividade de produção de textos em língua de sinais. Escreveram muitas histórias, agregaram pessoas. Ao todo acho que tivemos mais de 50 pessoas trabalhando nesta equipe e, num determinado momento, tínhamos 10 alunos surdos da Escola Alfredo Dub envolvidos no projeto.

Enquanto isso, a Marianne seguiu o seu caminho. Ela terminou a graduação em Informática e tinha que decidir o que fazer, porque ela queria continuar na pesquisa. Uma alternativa era ela entrar no Mestrado da Faculdade de Educação, onde o Prof. Carlos Skliar estava orientando alunos surdos, mas a principal preocupação dele era a questão da identidade dos surdos e a Marianne estava interessada na Escrita da Língua de Sinais, e essa pesquisa ela só poderia continuar entrando no Doutorado de Informática na Educação. Então ela teve, eu tive que fazer um pedido especial para que



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

ela pudesse ingressar no Doutorado sem ter o Mestrado. O pedido foi aceito, pois justifiquei a importância de Marianne fazer o Doutorado sem ter feito o Mestrado.

A pesquisa de Doutorado dela foi a respeito da Escrita da Língua de Sinais e estava toda voltada para a aprendizagem dessa escrita. Contudo, não no sentido de como as crianças podem ser ensinadas a escrever em língua de sinais. A preocupação era como descobrir a *espontaneidade*, como as crianças espontaneamente escreveriam em língua de sinais. A ideia estava mais ou menos baseada no trabalho da educadora argentina Emilia Ferrero, onde ela estuda a escrita espontânea da criança. Na visão dela, a criança começa a desenhar e depois começa a diferenciar desenho e escrita. E na escrita de língua de sinais – que é praticamente um desenho –, fica uma questão muito interessante de se investigar: como é que a criança passaria do desenho do sinal (isto é, da descrição do sinal) para a escrita do sinal. Um dos focos da Marianne foi exatamente observar essa evolução das crianças.

Um exemplo bastante significativo que a gente achou na época – talvez vocês não tenham essa mesma impressão hoje – foi o de uma criança que estava exatamente na etapa intermediária de distinguir entre desenho e escrita. Marianne pediu para a turma escrever o sinal de “zebra”. Algumas crianças desenharam zebra, outras crianças escreveram zebra em português – ninguém conhecia ainda completamente o sistema de Escrita da Língua de Sinais. Mas uma criança desenhou seis barras, seis linhas verticais. Era assim: uma curta, uma comprida, uma curta, uma comprida... A barra comprida era a listra preta da zebra, a barra branca era a listra curta, depois novamente a barra comprida como a listra preta, a barra curta como listra branca. Então não era o desenho de uma zebra, mas também não era uma escrita, mas era uma maneira que a criança encontrou de expressar simbolicamente a ideia de zebra. E era isso que a Marianne estava buscando, não é? Essa etapa na qual, conforme Emilia Ferrero, convém introduzir a escrita. Esse é o momento em que faz sentido introduzi-la.

Outro problema que a Marianne enfrentou e encontrou uma solução muito boa é sobre a ausência de computadores e softwares para a ELS. Como é que a gente pode fazer para escrever sinais sem computador? Utilizando lápis e papel, não é? O problema é que com lápis e papel não conseguiríamos fazer todos os detalhes que a



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

escrita no sistema SignWriting exige. Então a Marianne inventou uma ideia: a escrita rápida. A escrita rápida é uma escrita simplificada, onde não se escreve o sinal com todos os seus detalhes, mas o mínimo necessário para lembrar o que é o sinal, de modo que possa ser feito manualmente, rapidamente. Resulta que não é uma descrição do sinal, porque é muito simplificado. Aquela mesma descrição pode representar vários sinais diferentes. Mas é como qualquer língua: em português, por exemplo, uma palavra pode ter vários sentidos diferentes. É preciso olhar a frase. Se temos a frase, conseguimos entender o que aquela representação simplificada pode significar. E a Marianne explorou, então, a questão da escrita rápida. A tese dela tratou da ELS no computador e no papel, justamente por ter estudado os dois aspectos.

Por fim, gostaria de contar só mais um caso que eu acho bastante interessante, ocorrido com a Ivana e o Diogo lá em Pelotas. Depois de eles escreverem vários textos e contarem várias histórias – dos Três Porquinhos e outras histórias infantis –, eles resolveram traduzir para a língua de sinais uma publicação que as pessoas gostavam muito lá em Pelotas, que eram as histórias em quadrinhos publicadas pelo André Macedo. Ele era um desenhista que tinha dois personagens muito conhecidos, que são um gaúcho, "grosso que é uma barbaridade", e o Betinho, que é uma criança, um gurizinho, muito simpático, que tem uma franjinha e o cabelinho lisinho. O Diogo e a Ivana traduziram a história para Libras e o autor aceitou publicar. A historinha se tornou um livrinho, e eles apresentaram este livrinho na FENADOCE, que é o grande evento da cidade. Foi num auditório como este que estamos, cheio, muito cheio, e o Diogo era o presidente da Associação dos Surdos de Pelotas naquela época. Ele fez um discurso em defesa da cultura surda, da língua de sinais e da ELS que impressionou todo mundo.

Penso que naquele momento ficou claro para os ouvintes que essa escrita tem que ser inventada pelos surdos, porque é uma convenção, uma convenção social. É a comunidade dos surdos que tem que chegar a um acordo a respeito de como é que se escreve cada um dos sinais. É uma coisa cultural, uma atividade da cultura surda. E dentro disso há uma coisa bastante importante, isto que vocês, Escola Frei Pacífico, fazem aqui, que é ensinar o sistema de escrita para as crianças pequenas, porque são elas que vão decidir se faz sentido ou não escrever a língua de sinais. Não podemos



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

pressupor que é bom escrever a língua de sinais. Pode ser que seja bom, mas não seja útil; pode ser que seja útil, mas não seja bom.

Pode ser que as pessoas não estejam interessadas em escrever a língua de sinais, que os surdos não estejam interessados – afinal de contas, o SignWriting é uma invenção de uma ouvinte. Os ouvintes é que acham que os surdos iriam gostar de escrever a língua de sinais, mas pode ser que os surdos não gostem. Por isso, penso que os surdos têm que decidir isso. É o que pensávamos naquela época e ainda penso. Não são os adultos. Não são os adolescentes. São os pequeninhos, aqueles que vão realmente aprender a escrita – não só a fase inicial de alfabetização. Eles é que depois, daqui a 10 anos ou 20 anos, vão poder dizer se vale a pena ou não vale a pena escrever a língua de sinais.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

O ENSINO DE MATEMÁTICA E A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS: relatos de experiências com alunos surdos bilíngues do ensino fundamental

Fernando Henrique Fogaça Carneiro – ESFP/UFRGS¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir relatos de experiências ocorridas durante um período de 5 anos em relação aos processos de ensino-aprendizagem de matemática e ao uso da Escrita da Língua de Sinais (ELS) com alunos surdos bilíngues de diferentes etapas. Para tal, mostrar-se-á uma série de atividades, juntamente com a resposta dos alunos, as quais serão analisadas de acordo com uma metodologia de cunho qualitativo. O referencial teórico do trabalho está ancorado nos Estudos Surdos, na Etnomatemática e nos Estudos Culturais em Educação, com autores como Gelsa Knijnik, Adriana Thoma e Alfredo Veiga-Neto. Alguns apontamentos são colocados no final, como a relevância do contato com a ELS nos primeiros anos da escolarização, o desenvolvimento da autonomia do aluno a partir desse código e o caráter interdisciplinar que um professor assume dentro de uma escola bilíngue, em especial ao utilizar a ELS.

Palavras-chave: Escrita da Língua de Sinais. Educação de surdos. Educação matemática.

Introdução

Durante os últimos anos, tenho me dedicado ao ensino, à pesquisa e à extensão, voltando-me para a área da Educação Matemática, dos Estudos Surdos e da Escrita da Língua de Sinais. Nesse período, em meio a participações em eventos científicos, escrita de dissertação, publicações em periódicos qualificados, elaboração de capítulos de livro, também fiz a opção de permanecer professor do ensino básico, apesar das diversas atribuições paralelas e a possibilidade de me dedicar inteiramente aos estudos. O motivo? Acredito que a escola ainda seja um campo privilegiado para a área da Educação, ao mesmo tempo energia, combustível e comburente de nossos

¹ Doutorando em Educação. E-mail: <fernando.carneiro@ufrgs.br>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

empreendimentos pedagógicos; o início de nossas pesquisas, o meio no qual exercemos as práticas de ensino e o fim de nossas ações de extensão.

Dito isso, tomo a liberdade de apresentar aqui algumas de minhas práticas pedagógicas, as formas as quais optei por conduzir tais empreendimentos e os retornos que os alunos produziram a partir desse desenrolar. Faço isso de forma leve, informal e descompromissada com o "rigor científico" de uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e cadastrada na Plataforma Brasil após meses de uma longa espera e o atendimento de uma série de normas. Apesar disso, não deixo de descrever os detalhes dessa investigação e do caminho que trilhei até que eu pudesse desenvolvê-la, trajetória a qual se inicia com minha formação acadêmica e profissional, apresentada a seguir.

Em 2013, licenciuei-me em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, no mesmo mês em que coleei grau, comecei a trabalhar na Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (ESFP) como professor dessa disciplina. Desde então, atuo com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, o que hoje corresponde ao 6º, 7º, 8º e 9º anos. Em 2015 fui aprovado no curso de Mestrado em Educação na UFRGS e, nesse mesmo ano, também passei a trabalhar na UFRGS como Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais. Em 2017 apresentei a dissertação intitulada "O ensino da matemática para alunos surdos bilíngues: uma análise a partir das teorizações de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein", analisando entrevistas e comentários de professores de surdos sobre o ensino da matemática (CARNEIRO, 2017). Por fim, em 2018, iniciei o curso de Doutorado em Educação, também na UFRGS, e tenho pesquisado sobre as mudanças ocorridas nas escolas de surdos, em especial na disciplina de Matemática, tendo como base os Projetos Político Pedagógicos e Regimentos das mais antigas escolas de surdos do Rio Grande do Sul.

Nessa jornada, não tive a oportunidade, até o momento, de registrar minhas práticas pedagógicas em alguma obra que pudesse chegar ao olhar de outros professores que talvez estivessem compartilhando de sensações semelhantes, ou que tivessem objetivos similares. Diante do convite para palestrar sobre e da tarefa de elaborar um texto que trate precisamente de práticas docentes com alunos surdos em um evento sobre ELS, optei por redigir um texto com o objetivo de *apresentar e discutir*



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

relatos de experiências vivenciadas por mim e ocorridas durante um período de 5 anos em relação aos processos de ensino-aprendizagem de matemática e ao uso da Escrita da Língua de Sinais com alunos surdos bilíngues de diferentes etapas.

O trabalho está dividido da seguinte forma: na seção seguinte, abordo alguns dos elementos teóricos que permearam muitas de minhas atitudes no decorrer do caminho docente, assim como as noções que adoto durante a escrita deste texto, seguidas da apresentação do espaço empírico e da metodologia adotada. Na sequência, passo a apresentar as atividades realizadas com os alunos e suas percepções, acompanhadas por uma breve análise qualitativa desses pontos. Por fim, mostro alguns questionamentos que surgiram a partir desse ensaio; propostas para novas pesquisas a serem realizadas.

Estudos Surdos, Estudos Culturais em Educação e Etnomatemática

Pelo menos desde a realização de meu Trabalho de Conclusão do Curso, em 2013, estive familiarizado com uma série de conceitos advindos dos campos dos Estudos Surdos, Estudos Culturais em Educação e Etnomatemática. Autores como Michel Foucault, Stuart Hall, Alfredo Veiga-Neto, Carlos Skliar, Gelsa Knijnik, Lodenir Karnopp e minha orientadora na época, Adriana Thoma (*in memoriam*), permearam boa parte de minha escrita, interpelando-me e produzindo meu entendimento acerca da surdez, da matemática, da educação. Talvez um dos principais conceitos, emblemático ao tratarmos da ruptura amplamente conhecida como “virada linguística”, seja o de linguagem, bastante explorado pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein em sua obra de maturidade.

Para Wittgenstein (2014), a linguagem não configura um meio neutro para transmissão de ideias; deve ser entendida por meio do *uso* que dela se faz. O austríaco argumenta que estamos, a todo momento, executando *jogos de linguagem* em diferentes ocasiões, os quais respeitam determinadas regras (*gramática*) e constituem *formas de vida*. Um entendimento semelhante nos apresenta Foucault (2015), na obra “Arqueologia do saber”, ao retratar os conceitos de discurso, enunciado e enunciação – os quais serão tratados na seção seguinte –, com a diferença que o



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

francês já assume como pressuposto que a linguagem não é neutra, inspirado pelas ideias, por exemplo, do próprio Wittgenstein, de Jacques Derrida e de Friedrich Nietzsche.

Nesse contexto, coloca-se sob rasura uma série de termos, algo que decorre do borramento do conceito de "significado" postulado pelo linguista Ferdinand de Saussure, se entendido a partir de uma matriz essencialista. O que se tem argumentado é que o significado das coisas é algo que está em constante mudança, e segue sendo modificado a partir dos usos que fazemos da linguagem, dos jogos de linguagem de praticamos (WITTGENSTEIN, 2014). Com isso, não seria possível termos um mesmo entendimento, por exemplo, do que é o surdo, o aluno, o professor, a matemática *etc.*, justamente por estarmos lidando com uma multiplicidade de surdos, alunos, professores, matemáticas, ainda que esses termos (ou sujeitos) apresentem traços que os aproximem, o que Wittgenstein (2014) chama de *semelhanças de família*.

Apesar disso, ao vermos textos que tratam da surdez (THOMA, 2006; LOPES, 2011; SKLIAR, 2013), é comum encontrarmos o conceito de "cultura surda", por exemplo. Partindo das teorizações mostradas anteriormente nessa seção, podemos intuir que não estamos falando de "cultura" num sentido tradicional. De fato, um dos entendimentos bastante discutidos há algumas décadas foi o de *cultura*, ressignificado a partir da virada linguística e dos movimentos sociais que emergiram no século XX, constituindo algo que Veiga-Neto (2010) chama de "virada cultural". O autor dedica um artigo inteiro a um debate sobre o que se entende por Cultura (no singular e com letra maiúscula) e culturas (no plural e com letra minúscula), dialogando com filósofos como Immanuel Kant e Stuart Hall, mostrando a flutuação desse conceito através dos tempos e o que se entende nos dias atuais. Com efeito, nos textos que tratam sobre a cultura surda citados anteriormente, referem-se à Hall (1997, p. 20) para afirmar que "[...] a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo.", uma noção que se afasta da ideia de que a cultura (no singular) seria um acumulado das conquistas da humanidade até o momento, tal como entendido tradicionalmente (VEIGA-NETO, 2003).

Assim, vê-se que os conceitos de cultura surda, assim como identidade surda, pedagogia surda, educação de/para surdos e outros são adjetivados como "surdos" por



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

se aproximarem, terem uma semelhança de família – ou marcadores culturais comuns (LOPES; VEIGA-NETO, 2010); contudo, não deixam de constituir sujeitos múltiplos e únicos, atravessados por discursos que produzem sua subjetividade. Apesar disso, como pontua Lopes (2011), a marcação da surdez nesses diferentes conceitos tem uma função política de resistência: a de aproximar e articular “minorias” para que lutem por objetivos comuns. Nesse sentido, nasce a escola bilíngue para surdos, um espaço que, além das adequações metodológicas e linguísticas, já muito difundidas, também tem o papel de formar sujeitos *surdos*, e não deficientes auditivos como em outros espaços inclusivos (SKLIAR, 2013).

Nesse contexto, não faria sentido para mim, enquanto professor, utilizar metodologias semelhantes às que fui treinado para aplicar durante a graduação. Enquanto agente de uma instituição como a escola, espaço de normalização e disciplinamento por excelência, eu não estaria produzindo sujeitos-alunos apenas, mas sujeitos surdos. Ademais, havia a tarefa de ressignificar a matemática que eu apresentaria para os alunos, a fim de produzir também uma “matemática surda”, que coubesse ao mesmo tempo na gramática dos jogos de linguagem praticados no campo da Pedagogia e da Surdez.

Nesse sentido, um dos meus primeiros movimentos para a identificação dessa matemática, além da experimentação em sala de aula, foi a investigação, durante o curso de Mestrado, dos enunciados presentes na fala/escrita de professores de surdos sobre o ensino dessa disciplina (CARNEIRO, 2017). Nesses materiais, identifiquei algumas regularidades, presentes nas enunciações analisadas, as quais conformaram dois enunciados principais tratados no trabalho. O primeiro deles, “A escola de surdos e a escola de ouvintes apresentam fortes semelhanças de família” (CARNEIRO, 2017, p. 132), foi identificado a partir da verificação de que as práticas pedagógicas para surdos e para ouvintes são bastante semelhantes em sua fundação: civilizar e normalizar, produzindo sujeitos dóceis e fabricados de acordo com a norma estipulada por determinado grupo. Isso também é válido para a disciplina de Matemática, a qual para as entrevistadas não muda muito do ensino da matemática para ouvintes, só basta que seja algo acessível ao aluno. Seguindo essa linha, viu-se o enunciado “O surdo é um sujeito visual, por isso é preciso trabalhar com materiais concretos na aula de



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

matemática.” (CARNEIRO, 2017, p. 132), uma junção e ressignificação dos já conhecidos enunciados “É preciso usar material concreto para ensinar matemática” e “O surdo é um sujeito visual”.

Diante dessas informações, viu-se que não havia uma mudança significativa, pelo menos ao se tratar do conhecimento matemático, em relação ao que eu já havia tido contato na faculdade. Apesar disso, muitos trabalhos apontavam para a necessidade de uma pedagogia surda, voltada para as especificidades dos alunos bilíngues, com metodologias adequadas. Teoricamente, seria possível apresentar uma grande quantidade de trabalhos que falam sobre tais assuntos, com diferentes perspectivas, mas me limitarei a assumir que, mesmo que tudo fosse aparentemente igual no ponto de vista matemático, havia algo diferente em “ser professor” num espaço bilíngue, ainda mais na escola investigada que possui uma série de particularidades quando comparada à outras instituições. Esses aspectos se fazem importantes de serem conhecidos para fins de contextualização, e serão apresentados na seção seguinte.

Espaço empírico, materiais e metodologia

Conforme consta em seu PPP, a ESFP foi fundada em 1956 na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, inicialmente com o objetivo de acolher pessoas surdas, as quais não tinham um lugar que os atendesse na época. É mantida pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida e foi idealizada pela fundadora da irmandade, Madre Clara, e o franciscano Frei Pacífico de Bellevaux, cujo nome foi assumido pela instituição como forma de homenagem por sua dedicação à causa. Além da escola, também funciona no mesmo espaço a Clínica Especializada em Comunicação Frei Pacífico e o Centro Social Frei Pacífico, ambos com objetivos semelhantes ao da escola. A instituição é filantrópica, por isso se sustenta com doações de empresas, convênios e pela mantenedora da congregação.

A imensa maioria dos alunos é carente, recebendo bolsa de estudo de alguma entidade (município, estado ou da própria mantenedora) e benefício do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), além de passagem escolar gratuita. A escola



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

oferece almoço aos alunos que permanecem em atividades do Centro Social no turno inverso. O acompanhamento com profissionais da Assistência Social, Psicologia, Fonoaudiologia e Otorrinolaringologia é oferecido gratuitamente para alunos, e existe a possibilidade de gratuidade dos atendimentos para o público externo por meio de um processo de avaliação com a assistente social.

Até o ano de 2015, não haviam diferenças grandes da ESFP em relação às demais escolas: períodos de 45 a 50 minutos, uma turma por série/ano, um professor por turma, anos finais pela manhã e anos iniciais à tarde. A partir de 2016, houve uma reestruturação da escola e aderência a um novo plano pedagógico, no qual as turmas seriam constituídas a partir de seus conhecimentos – e não de sua série oficial –, as turmas dos anos iniciais contaram com duas professoras pedagogas, e as turmas dos anos finais com um professor especializado (por disciplina), todos juntos no mesmo turno da tarde. As atividades passaram a ser baseadas em projetos pedagógicos menores, vinculados a um projeto maior que perpassava o ano todo e era definido pela comunidade escolar no final do ano letivo para o ano seguinte.

A interdisciplinaridade era bastante incentivada pela equipe diretiva, e alguns dos professores especializados tinham um horário semanal com as turmas dos anos iniciais para a realização de projetos e acompanhamento das professoras – como era o meu caso, na disciplina de Matemática. Em 2017, com o aumento de uma turma nos anos finais, não houve mais períodos específicos de um professor especializado para cada turma dos anos iniciais, mas seguiu-se o plano do ano anterior e os projetos interdisciplinares. Essa modalidade tem seguido até o momento, com professores pedagogos e especializados convivendo juntos no mesmo turno, elaborando atividades e propostas que envolvam todos os alunos da escola durante as reuniões semanais.

Os materiais analisados foram atividades, trabalhos e provas elaborados por mim em diferentes anos, para diferentes séries, e aplicadas com os alunos na disciplina de Matemática. O período dessa análise é de 2013, ano em que ingressei no corpo docente da escola, até 2018. Os comentários dos alunos não foram registrados em diário de campo – afinal, não havia a pretensão inicial de se produzir uma pesquisa a partir de minhas práticas cotidianas –, por isso serão mencionadas por mim diretamente no corpo do texto, juntamente com minhas próprias observações. A



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

metodologia utilizada está baseada na Análise do Discurso em Michel Foucault, a partir das noções de discurso, enunciado e enunciação, das quais trato a seguir.

Segundo Foucault (2015), *enunciações* são abundantes, únicas e irrepetíveis. Trata-se de qualquer "ato de fala" ou signo que produza sentidos, como frases ditas, desenhos, danças, músicas, sinais, arquiteturas, designs *etc.* Já *enunciados* perpassam as enunciações, são reforçados ou atenuados por eles, interpelam sujeitos e os constituem. Sobre esse assunto, Veiga-Neto (2014) comenta que os enunciados são manifestações de um saber que é aceito, repetido e transmitido, e por isso acaba constituindo *discursos*. De fato, o próprio Foucault (2015), em uma de suas muitas definições de discurso, aponta que este é um conjunto de enunciados, mas que de certa forma ainda respeita a certas regras, e por isso é possível identificarmos o discurso pedagógico, o discurso da educação matemática, o discurso médico, o discurso jurídico, entre outros.

Esses conceitos são centrais para a elaboração de uma metodologia inspirada em Michel Foucault. Para o filósofo (FOUCAULT, 2015), nessa linha de pensamento, o papel do investigador ao analisar os materiais empíricos é identificar nas enunciações quais enunciados estão ali presentes, para que se possa compreender de que forma eles se constituíram através dos tempos (arqueologia, história do presente), quais os efeitos de suas prescrições sobre os sujeitos (genealogia), e quais os efeitos dessas relações do sujeito com ele mesmo (ética, subjetivação). Para tal, analisa-se o material empírico sem a pretensão de "desvelar" os segredos escondidos sob sua sombra, mas observá-lo como um monumento, em sua superficialidade, sem se referir a ideologias ou outros atravessamentos que estariam ocultos.

Ainda que se trate de uma análise superficial (no sentido de "superfície"), não significa que haja uma falta de rigor científico. Nesse sentido, concordo com André (2013) ao sustentar que metodologias qualitativas não necessitam necessariamente de nomes que as etiquetem ou procedimentos repetíveis já validados, mas seu rigor metodológico reside na descrição dos caminhos tomados. Ciente dessas implicações, passo a relatar minhas experiências e percepções relacionadas ao ensino da matemática e a forma que a ELS entrou em minhas práticas pedagógicas. Para tal, apresentarei algumas imagens de trabalhos realizados com os alunos e farei



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

comentários, juntamente com as colocações dos próprios alunos, a fim de identificar os efeitos que tais práticas produziram nos sujeitos-alunos.

Ensino de matemática, LIBRAS e ELS

Início esta seção relatando sobre as orientações que recebi do antigo professor de matemática da ESFP durante a minha primeira semana de trabalho, na segunda quinzena de agosto de 2013, na qual estivemos atuando juntos em sala de aula: utilize poucas palavras, priorize o que é visual e explique tudo em língua de sinais. Compreendi com isso que eu deveria focar na parte técnica da matemática – operações, exercícios, elementos geométricos *etc.* – e me expressar muito bem em língua de sinais (sinalizada), pois esses seriam os pilares de minha docência. Contudo, eu não conseguia assumir tal postura, pois acreditava que esses alunos deveriam ser capazes de, sem nenhum apoio, resolver problemas matemáticos, por exemplo, que eram muitas vezes deixados de lado pelos professores anteriores. Além disso, entendia que meu papel era o de professor, e não tradutor e intérprete dos alunos, por isso pensei não ser justo eu estar sempre disponível para interpretar os textos em português que eles tivessem contato durante as aulas.

Meu primeiro movimento foi me remeter às ferramentas que eu tinha conhecimento. Uma delas, a qual tive contato em função da pesquisa de mestrado da professora Érika Vanessa de Lima Silva – também orientada pela professora Adriana da Silva Thoma –, foi a ELS, mais especificamente o sistema SignWriting. Soube por meio dela que havia materiais sobre o assunto: uma apostila traduzida originalmente produzida pela criadora do sistema, Valerie Sutton, e um livro cujo objetivo era o ensino do SignWriting. Sob posse desses materiais, consegui aprender o básico do código, e então pedi a permissão da equipe diretiva da escola para utilizar a ELS em minhas avaliações. Diante do apoio (e incentivo) que me foi passado pela direção, passei a produzir trabalhos e provas escritas com português e ELS, para que os alunos pudessem optar qual código seria mais apropriado. Tal decisão foi comunicada a eles, assim como a minha opção por não interpretar as questões durante as provas.



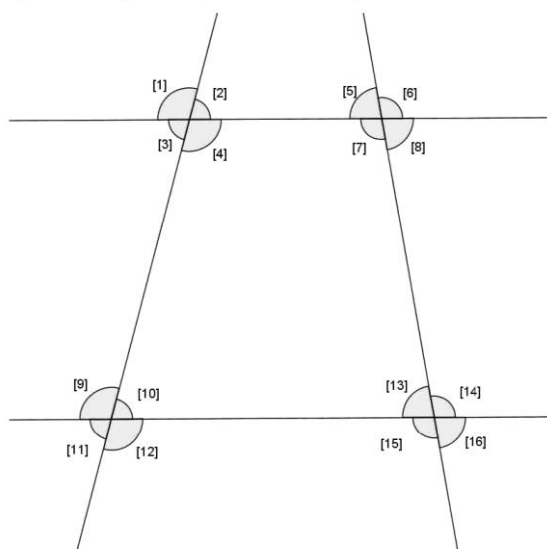
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
 13 a 15 de dezembro de 2018
 Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
 R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

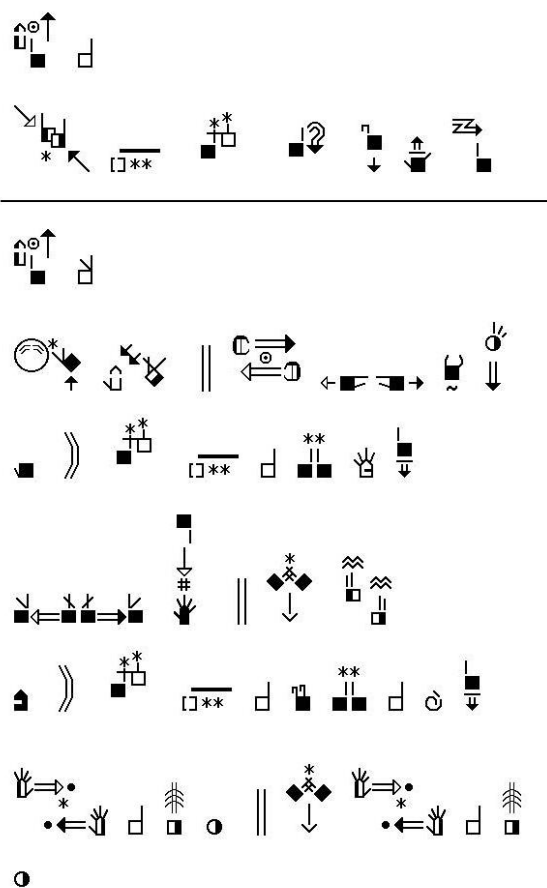
Os primeiros trabalhos que produzi, ainda naquele ano de 2013, apresentaram diferentes configurações, frutos de tentativas de minha parte. Inicialmente, deixei os textos e os exercícios sem ELS, deixando esse recurso somente nas páginas finais, disposto de forma horizontal, a despeito do já convencionalizado formato vertical de leitura. Essa decisão ocorreu em função da resistência inicial dos alunos e da falta de costume destes com o código. Este caso está ilustrado na Figura 1:

Figura 1 – Páginas 2 e 5 de um trabalho para a 7ª série sobre Ângulos.

2) Observe a figura e complete as frases com a palavra correta.



- Os ângulos [1] e [4] são opostos pelo vértice e, por isso, são iguais.
- Os ângulos [15] e [16] são suplementares e, por isso, somam 180°.
- Os ângulos [2] e [9] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [6] e [14] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [9] e [12] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [13] e [15] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [5] e [8] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [3] e [10] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [6] e [14] são _____ e, por isso, _____.
- Os ângulos [4] e [12] são _____ e, por isso, _____.



3

5

Fonte: Elaborado pelo autor.

O trabalho ilustrado na Figura 1 foi o primeiro que realizei com eles desde o momento em que iniciei. Eles ainda estavam acostumados a terem as perguntas



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

interpretadas pelo professor e a não responderem questões teóricas ou problemas matemáticos, algo que penso se aproximar do que muito se comentava a respeito da educação de surdos há alguns anos: a redução ou simplificação de conceitos durante o ensino bilíngue (LUNARDI, 1998; LUNARDI; SKLIAR, 2000; FORMOZO, 2009). Uma das afirmações sustentadas por autores que discutem o assunto, como Formozo (2009, p. 38), é a de que “[...] há uma simplificação dos conteúdos, pois os alunos [surdos] sempre estão ‘atrasados’ em relação aos ouvintes.”, o que de alguma forma serviu como força motriz de minha insistência em manter questões teóricas e vinculadas com o português, ao invés de somente propor cálculos ou exercícios de fixação.

Com isso, entendo que minha já descrita atitude naquele momento foi pautada por práticas de resistência ao que estava instituído pelo discurso da educação de surdos, ou mesmo práticas de contraconduta em relação ao possível enunciado – identificado a partir das enunciações proferidas pelo professor anterior e pelos materiais de matemática antigos da escola – que estava posto para mim naquele contexto: o de que o surdo no ensino fundamental aprende matemática por meio de exercícios técnicos, treinamentos de repetição, sem a necessidade/utilidade de textos em português, problemas matemáticos ou maiores explicações. Certamente seria bastante pretensioso de minha parte afirmar a existência dessa colocação com base em apenas alguns materiais, por isso a cito como uma *possibilidade*, ao passo que considero sua força naquele contexto, a qual me interpelou e conduziu minhas condutas, minhas formas de ser professor naquele momento e naquele espaço.

Retomando a sequência dos fatos desdobrados a partir da proposta do trabalho presente na Figura 1, segui com a postura que havia me comprometido, a de não interpretar as questões. Como era a primeira vez e imaginei que poderia haver um estranhamento por parte dos alunos, ainda fiz o papel de intérprete algumas vezes, mas os incentivando a tentar fazer a leitura de forma autônoma e consultar a ELS quando necessário antes que pudessem contar com meu auxílio. As respostas dos alunos tiveram diferentes formatos, mas carregavam as mesmas impressões: o estranhamento em relação a um novo professor (ouvinte) e suas práticas, bem diferentes das do antigo professor (surdo); a falta de utilidade da ELS para a vida deles; a falta de conhecimento da ELS, sendo algo que não ajudava em nada naquele



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

momento; a dificuldade da ELS; a falta de necessidade de outro código além da Libras sinalizada. Tais relatos também estavam presentes nas aulas, nas quais eu também costumava utilizar as ELS cotidianamente, e por isso acabava sendo algo a mais que eles precisavam copiar nos seus cadernos, o que inclusive era bastante demorado na opinião deles.

Observando o decorrer do trabalho, identifiquei que os alunos sequer iam até o final das páginas deste para ver a escrita, afirmando que aquilo era desnecessário. Somando isso aos demais relatos dos alunos, mas ainda com o propósito de tornar a ELS útil e eficaz para a leitura autônoma destes, elaborei um novo formato para os trabalhos e provas, passando a inserir a ELS juntamente com as frases em português. Mantive a estrutura horizontal pelo mesmo motivo já citado, e suprimi elementos como o "1)", referente à ordem dos exercícios. Isso está ilustrado na Figura 2, a seguir:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
 13 a 15 de dezembro de 2018
 Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
 R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul


Figura 2 – Páginas 1 e 5 de outro trabalho para a 7ª série sobre Ângulos.

ESCOLA ESPECIAL PARA SURDOS FREI PACÍFICO

Nome: _____

Série: 7ª Turma: 711 Data: ___/___/___

Disciplina: Matemática Professor: Fernando Fogaca

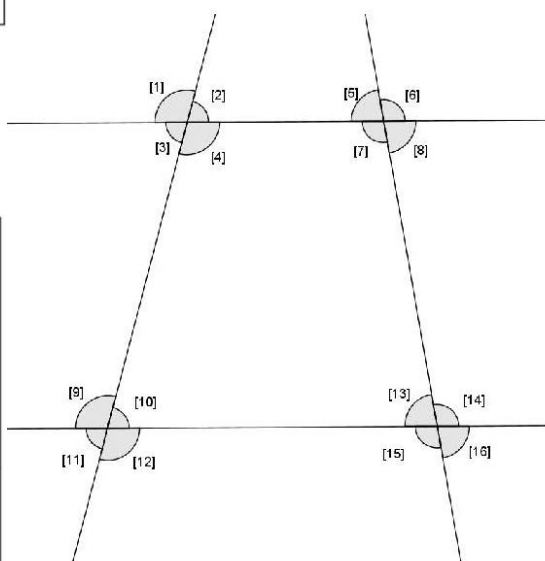


1) Encontre o valor do ângulo ?



<p>a)</p>	<p>b)</p>
<p>c)</p>	<p>d)</p>

3) Observe a imagem. Escreva o tipo de ângulo formado pelos pares.



- | | |
|-----------------------|----------------------|
| a) [1] e [3]: _____ | f) [8] e [13]: _____ |
| b) [14] e [15]: _____ | g) [7] e [8]: _____ |
| c) [3] e [9]: _____ | h) [5] e [13]: _____ |
| d) [7] e [16]: _____ | i) [4] e [11]: _____ |
| e) [10] e [12]: _____ | j) [1] e [12]: _____ |

1

5

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na esperança de que os alunos pudessem utilizar a ELS como um apoio na compreensão da língua portuguesa, propus esses exercícios em uma prova escrita sem consulta – e dessa vez sem a tradução/interpretação de textos feitas por mim de forma alguma. As reclamações dos alunos, já expostas, se potencializaram nesse contexto, provavelmente por estarem diante de uma situação estranha e desconfortável, na qual estavam sozinhos e sem o apoio do professor. Alguns alunos foram até a supervisão para fazer reclamações formais a respeito dessa maneira de trabalho, indicando sua prejudicialidade. Também foi feita uma solicitação para que o professor antigo retornasse, pois ele era muito melhor do que o atual.

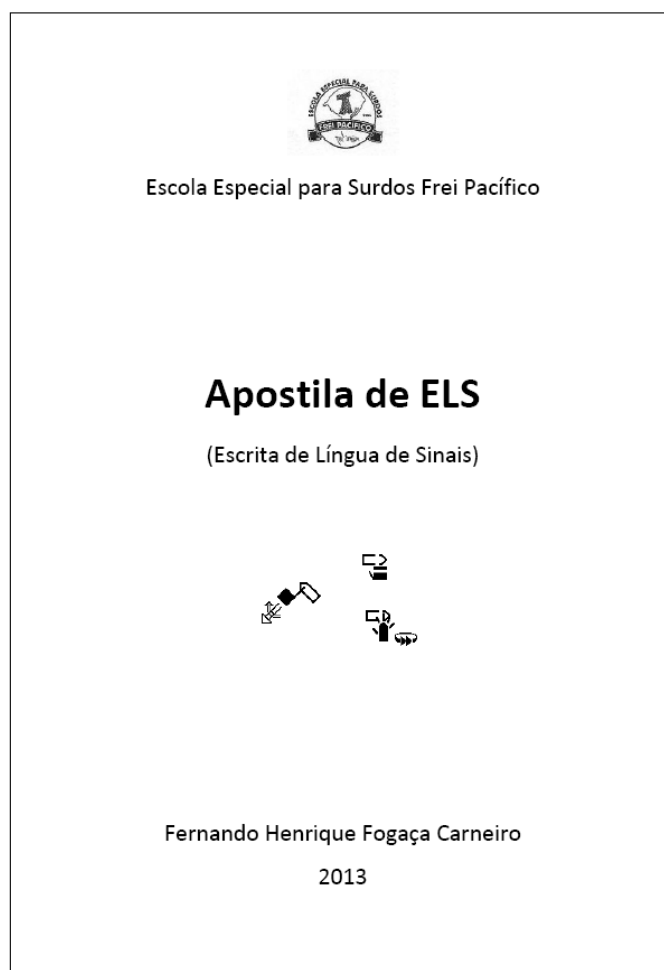


I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Diante desses fatos, conversei com as turmas para identificar quais seriam suas dificuldades no quesito leitura e as demandas deles para um melhor aproveitamento das aulas. Além das reclamações que já foram citadas, muitos alunos reforçaram que não entendiam a ELS, nunca haviam visto esse código ou suas regras, e por isso não poderiam utilizá-lo durante as tarefas. Com isso, em conversa com a direção e a professora de Língua de Sinais da escola, planejei um minicurso de ELS para os alunos dos anos finais, ao qual dediquei uma semana de aulas. Para isso, produzi uma apostila a ser utilizada pelos alunos, com uma síntese das informações presentes nos materiais a que eu tinha acesso até o momento.

Figura 3 – Apostila de ELS para os alunos



Fonte: Elaborado pelo autor.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Identifiquei uma falta de interesse por parte desses alunos durante o minicurso, os quais ignoraram boa parte de minhas explicações, faziam outras atividades paralelas ou ficavam conversando com os colegas. Em frente a essas atitudes – as quais podem também ser entendidas como práticas de contraconduta, mas desta vez em relação às propostas do professor –, segui os anos seguintes realizando esses minicursos de uma semana, incentivando os alunos a se apropriarem da escrita e a utilizando no cotidiano. Também mantive a decisão de não interpretar questões durante as provas escritas, o que de certa forma motivou os alunos a aprender algumas regras básicas da ELS. Também penso ser importante destacar que a ELS era estudada na disciplina de Línguas de Sinais, e a partir de minha mobilização penso que houve uma mudança de atitude dos alunos em relação à essa disciplina, havendo uma maior dedicação deles para o seu aprendizado.

Nesse período em questão, embora não fosse minha vontade inicial, acabei cedendo à prática de diminuição de textos e simplificação (ou supressão) de problemas matemáticos. Por outro lado, também ocorreu que os professores dos anos iniciais passaram a utilizar amplamente a ELS com seus alunos, de forma que seu uso foi instituído pela equipe diretiva e endossado pela comunidade escolar. Os relatos dessas professoras é que os alunos viam a ELS e se apropriavam dela com rapidez, utilizando em situações cotidianas e fazendo relações compatíveis com o que se espera, por exemplo, de alunos ouvintes com a língua portuguesa.

Essa nova realidade foi observada de perto por mim no ano de 2016, ocasião em que a escola propôs uma grande reestruturação interna, já comentada na seção anterior. Nos períodos em que estive com os alunos dos anos iniciais, via uma grande diferença em relação aos meus alunos, em especial sobre a ELS. Um dos projetos que me chamou a atenção ocorreu com a turma da Educação Infantil: o Projeto Animais. A professora da turma me convidou para integrar o projeto de alguma forma, por isso optei por trabalhar os conceitos de Classificação, Seriação e Contagem por meio da quantificação das patas dos animais, classificação destes em grupos semelhantes e organização dos conjuntos em ordem crescente. No primeiro momento, mostrei imagens dos animais, juntamente com o seu sinal (sinalizado e escrito). No segundo

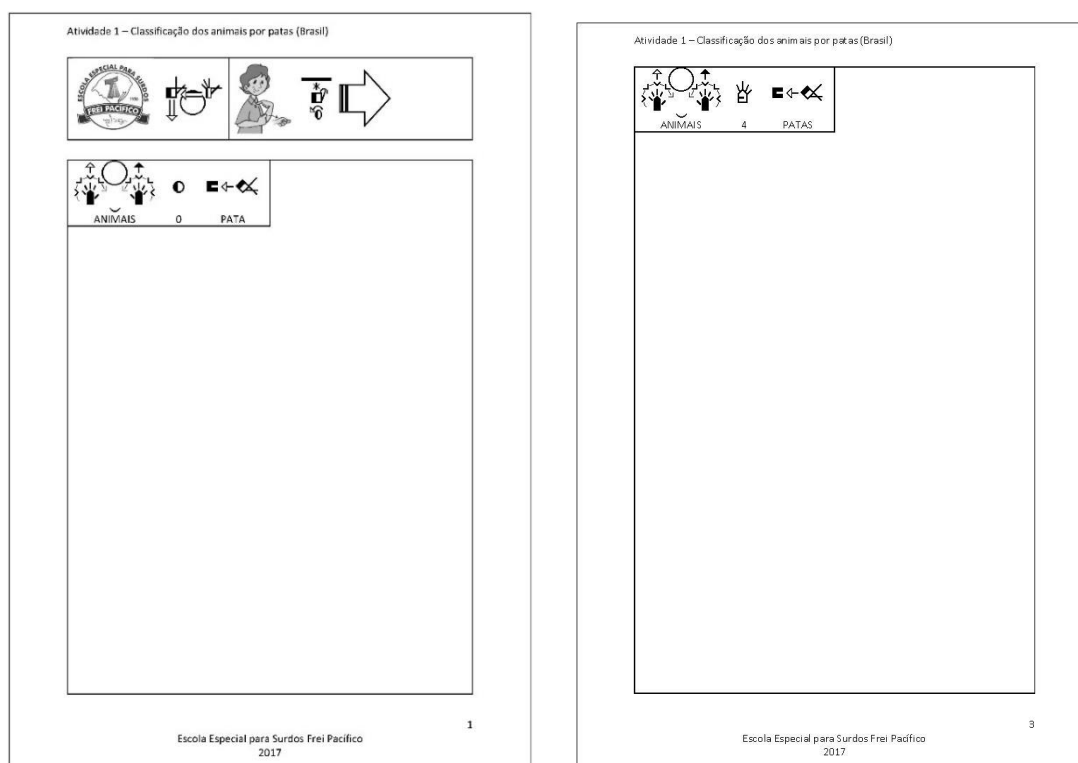


I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

momento, ofereci a eles alguns animais e pedi que unissem os animais com seu sinal e nome em português, a quantidade de patas que ele tinha, e o grupo ao qual ele pertencia.

Figura 4 – Atividade sobre animais e suas patas (Parte 1)



Fonte: Elaborado pelo autor.


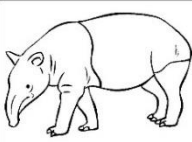


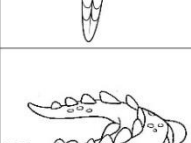
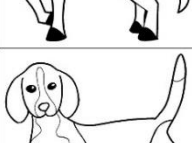


I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
 13 a 15 de dezembro de 2018
 Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
 R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 5 – Atividade sobre os animais e suas patas (Parte 2)

Atividade 1 – Classificação dos animais por patas (Brasil)



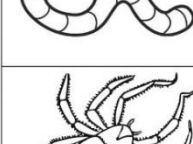
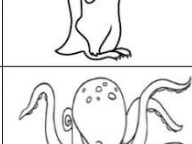
	
	
	






0 patas	8 patas	8 patas	2 patas	4 patas
4 patas	4 patas	2 patas	4 patas	6 patas

Escola Especial para Surdos Frei Pacífico 2017

6

Atividade 1 – Classificação dos animais por patas (Brasil)

				
CAVALO	ARARA	CACHORRO	POLVO	ARANHA

Escola Especial para Surdos Frei Pacífico 2017

7

Fonte: Elaborado pelo autor.

A resposta dos alunos foi, para mim, bastante surpreendente. Eles tiveram facilidade em associar os nomes/sinais dos animais à sua figura em comparação à contagem das patas, a qual foi um processo um pouco mais dirigido por mim e pela professora regente. Sem maiores dificuldades, conseguimos concluir essa tarefa em duas aulas. Essa prática mostrou um dado importante para mim: esses alunos, ainda que muito jovens, já estavam se apropriando da ELS e tinham nela uma forma de segurança para responder ao que estava sendo proposto, o que não era percebido em outros momentos e com outras turmas de alunos que não estavam apropriadas dessa escrita.

Tinha-se, então, a seguinte configuração: alunos mais novos que estavam bastante habituados com a ELS e aprendiam suas regras com maior facilidade, e alunos mais velhos que não haviam experimentado um maior contato com o código.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Os alunos mais novos pediam pela ELS e reclamavam quando ele não estava presente; os alunos mais velhos pediam para não precisar copiar no caderno da ELS para não ocupar espaço ou perder tempo. Diante de conjunto de enunciações proferidas pelos alunos, entendo que havia ali uma ruptura em relação ao que tradicionalmente se esperava de aulas com textos em português, ou escrito de outra forma, uma mudança no discurso dos alunos a respeito de sua aprendizagem. Enquanto os mais velhos sustentavam enunciados que convergiam para a ideia de que “o surdo não precisa aprender nem utilizar a ELS”, os mais novos propunham uma inversão, demandando a ELS para seus professores. Dito de outra forma, entendo que os diferentes jogos de linguagem praticados por esses sujeitos-alunos, aproximados por suas semelhanças de família, ilustravam as múltiplas formas de vida que tinham e a nova gramática que estava sendo por eles conformada a respeito da sua própria educação.

Considerações finais

Neste trabalho, busquei mostrar algumas de minhas experiências enquanto professor de Matemática de alunos surdos na ESFP. A partir de uma reflexão dessas práticas, pude identificar algumas particularidades interessantes a respeito do ensino de matemática, do uso da ELS pelos alunos surdos da instituição e da constituição do professor bilíngue.

Em relação à matemática, percebe-se uma busca pela *eficiência* – a obtenção de mais resultados em menos tempo – em detrimento da *eficácia* – obtenção de bons resultados, independentemente do tempo. Dito de outra forma, a ideia vigente era a de que o aluno surdo deveria produzir mais cálculos certos dentro do período de tempo estipulado, e para isso eram omitidos elementos como os problemas matemáticos e a interpretação de textos (tanto em português como em Libras) por serem considerados uma barreira na aprendizagem desse sujeito. O enunciado que parece sustentar tal posicionamento é o de que o surdo é um sujeito visual, e por isso deve desenvolver suas competências por meio de materiais concretos e elementos gráficos, desassociados das abstrações.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Sobre a ELS, identificou-se que os surdos mais velhos, que nunca tiveram acesso à ELS e aprenderam somente por meio da língua portuguesa ou outras linguagens propostas, se posicionam contra a adoção da ELS em suas práticas cotidianas, por julgarem que esta não é necessária. Por outro lado, os alunos que sempre estiveram expostos à ELS desde a infância hoje pedem para que a ELS seja utilizada e esteja presente em todos os momentos de sua caminhada.

Por fim, em relação ao professor bilíngue, identificou-se que este sujeito atua em diferentes âmbitos. De forma especial, pontua-se que o professor bilíngue, independentemente de sua área de conhecimento, se constitui como professor de português e de língua de sinais. Curiosamente, esse vínculo do docente de surdos com a área das Linguagens parece ser algo historicamente produzido – em determinado momento focado no ensino da oralização, hoje com o ensino da Libras e do português escrito. Tal afirmativa preliminar ainda carece de maiores estudos, os quais pretendo realizar nos próximos anos.

A partir dessas três constatações, espera-se que novas investigações possam ser realizadas, por meio de pesquisas ocorrendo nas escolas, com as crianças surdas da atual geração, para que possam ser analisados os seus olhares e percepções a respeito de si mesmos e da sua educação. Manifesto aqui a importância de termos ciência de que vivemos em novos tempos e ocupamos diferentes espaços, os quais penso que devem ser investigados em sua particularidade, sem acharmos que por falarmos com um determinado surdo de determinada época seja uma segurança de que todos os sujeitos surdos estarão nele representados.

Referências

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. [31?], n. 113, p. 51-64, maio/ago. 2001.

CARNEIRO, F. H. F. **O ensino da matemática para alunos surdos bilíngues**: uma análise a partir das teorizações de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

FORMOZO, D. P. Professores surdos discutindo o currículo. In: THOMA, A. S.; KLEIN, M. (Org.). **Currículo & Avaliação: a diferença surda na escola**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 32-48.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, M. C. VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (Org.). **Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 116-137.

LUNARDI, M. L. Cartografando Estudos Surdos: currículo e relações de poder. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 157-168.

LUNARDI, M. L.; SKLIAR, C. Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação: um debate entre professores ouvintes e surdos sobre o currículo escolar. In: GÓES, M. C. R.; LACERDA, C. B. F. (Org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000. p. 11-22.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 7-32.

THOMA, A. S. Educação dos surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 9-26.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2014.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. [8?], n. 23, p. 5-15, maio/ago. 2003.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & Educação**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS: da sinalização à escrita bilíngue

Priscila de Abreu Bortoletti – ESFP²

Resumo: O artigo visa destacar o caminho usado ao longo da minha experiência docente com surdos para um ensino bilíngue, da sinalização à escrita. Tem como foco o principal desafio enfrentado nas escolas, que é a de alunos surdos lerem e escreverem na Língua Portuguesa de forma significativa. Este estudo está baseado em concepções entorno da Educação de Surdos e perspectiva educacional bilíngue. Fundamentado no campo dos Estudos Culturais em Educação e Estudos Surdos. Ao longo deste trabalho é evidenciado como a Escrita da Língua de Sinais (ELS) pode ser um sistema de escrita importante para a aprendizagem da Língua Portuguesa escrita de forma significativa pelos surdos? Para refletir sobre essa questão, me detive aos registros de atividades em que a ELS foi utilizada, analisando os avanços apresentados pelos alunos em relação à leitura e escrita tanto da primeira língua quanto da segunda língua. Dentre os achados, destaca-se: a valorização da primeira língua do aluno, a partir de atividades e avaliações nessa língua; autonomia de produção textual por um aluno surdo, que escreve e lê sua produção na primeira e segunda língua; compreensão e aquisição da Língua Portuguesa de forma significativa, entendendo a importância social da escrita para comunicação com o meio em que vivem.

Palavras-chave: Escrita da Língua de Sinais. Educação de Surdos. Educação bilíngue.

Introdução

Ao refletir sobre a Educação Bilíngue para surdos, percebe-se a necessidade de aprofundamento nas discussões, principalmente em relação ao conceito desta perspectiva educacional e, conseqüentemente, a forma de efetivar seu uso em sala de aula com alunos surdos. Desta forma, no ambiente escolar, evidencia-se uma preocupação entorno do ensino da Língua Portuguesa para surdos na sua modalidade escrita, sem que haja a desvalorização da primeira língua destes alunos, no caso a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Sendo assim, a partir das práticas pedagógicas realizadas ao longo de seis anos de experiência como professora nos anos iniciais de alunos surdos em uma escola para surdos, da rede privada, de Porto Alegre – RS foi possível verificar um caminho para o ensino da Língua Portuguesa escrita de forma

² Licenciada em Pedagogia. Graduanda em Letras Libras. E-mail: <pri.abreu90@gmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

significativa. Para tanto, este caminho da sinalização à escrita, envolve a valorização da LIBRAS bem como a escrita dessa primeira língua, denominada Escrita da Língua de Sinais (ELS), e então a tradução para a escrita da Língua Portuguesa, sendo este um ensino bilíngue.

Este trabalho visa destacar as formas de um ensino bilíngue para o principal desafio enfrentado nas escolas, que é a de alunos surdos lerem e escreverem na Língua Portuguesa de forma significativa. O estudo está baseado em concepções em torno da Educação de Surdos e perspectiva educacional bilíngue. Fundamentado no campo dos Estudos Culturais em Educação, por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida dos indivíduos e das populações.

A partir da Lei nº 10.436/02, que reconhece a LIBRAS como língua, e o Decreto nº 5.626/05, que salienta o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua, inicia-se, de fato, as lutas por uma educação bilíngue que adentre o viés da diferença. Por isso, é necessário entender, primeiramente, que o "ser bilíngue", no caso de sujeitos surdos, tem relação com uma situação bilíngue social, por viverem em meio a uma sociedade ouvinte.

Assim, as escolas para surdos, são, na maioria das vezes, os responsáveis pelo ensino da Língua Portuguesa, a segunda língua desses sujeitos, para que haja a inclusão deste grupo na sociedade a que estão imersos. Com isso, passei a refletir sobre como a Escrita da Língua de Sinais (ELS) pode ser um sistema de escrita importante para a aprendizagem da Língua Portuguesa escrita de forma significativa pelos surdos?

Para responder a essa questão, me detive aos registros de atividades em que a Escrita da Língua de Sinais foi utilizada, analisando os avanços apresentados pelos alunos em relação à leitura e escrita tanto da primeira língua quanto da segunda língua.

Deste modo, propõe-se, neste artigo uma reflexão e a discussão sobre o uso e a importância da ELS no ensino bilíngue de alunos surdos, focando nesse caminho da sinalização à escrita de uma segunda língua, de forma significativa para o sujeito em



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

questão. Salienta-se nas considerações finais deste trabalho, a necessidade de mais estudos e evidências de ensino bilíngue, para que se tenha de fato um ensino de qualidade e com sentido para estes alunos.

Educação de surdos e luta por escolas bilíngues

Há alguns anos, as escolas para surdos vêm discutindo sobre o ensino bilíngue na educação de surdos para além de aulas apenas ministradas na LIBRAS, pensadas para a aprendizagem efetiva dos alunos surdos. O que ainda se nota nas escolas são professores capacitados para dar aula, usando a Língua de Sinais, porém utilizando metodologias de ensino que não atingem a compreensão desses sujeitos. Aulas envolvendo o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita, em que o quadro fica coberto de texto e os alunos não conseguem realizar a leitura com autonomia, sendo aulas massacrantes e desinteressantes para eles.

Ao considerar que "ser bilíngue" para este grupo é uma questão social, pois "[...] os surdos, constituindo um grupo minoritário, estão obrigados ao bilinguismo, enquanto os ouvintes seguem sendo monolíngues." (KARNOPP, 2005, p. 227). Se torna necessário pensar sobre como ensiná-los, atribuindo sentido e mostrando a importância em se tornar um ser bilíngue.

Pensar a Educação Bilíngue e, conseqüentemente, em escolas bilíngues nos remete a compreender as duas línguas que estão sendo evidenciadas nessa discussão: a LIBRAS e a Língua Portuguesa. A LIBRAS é uma língua completa, que se difere da língua falada, no caso a Língua Portuguesa. A Língua de Sinais ao ser produzida, basicamente pelas mãos, apresenta parâmetros, isto é, "[...] propriedades de configuração de mãos, movimentos, locações, orientações de mão e dos aspectos não-manuais dessa língua." (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.50). Deste modo, a Língua de Sinais, de modalidade viso-espacial, é considerada uma língua natural e, por isso, compartilha "[...] uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação [...]" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30)". Por outro lado, a Língua Portuguesa, que envolve textos, frases, palavras e letras



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

corresponde à língua falada, no caso a língua oral, sendo a aquisição deste sistema, por alunos surdos, mais difíceis por ser a escrita de uma língua sonora, de um:

[...] sistema funcional complexo que tem sua origem na análise dos sons da linguagem, da separação de certos sons do fluxo da linguagem e de sua transformação em fonemas constantes e generalizados. (STUMPF, 2011, p. 52).

Essas duas línguas são trabalhadas nas escolas para surdos e necessitam serem ensinadas, pois muitas vezes os alunos adquirem a Língua de Sinais neste ambiente escolar, sendo aprimorada de forma mais fácil pelo uso cotidiano que fazem no contato com a comunidade escolar surda. Já a utilização da Língua Portuguesa se dá pela questão social, por integrarem uma sociedade ouvinte, e precisarem se comunicar com ela. Porém, pela dificuldade em atribuir sentido ao que está escrito, muitos alunos apresentam dificuldades para se comunicar nesta forma escrita. Assim, é preciso considerar a importância do uso da Escrita da Língua de Sinais (ELS) para o ensino da escrita da Língua Portuguesa e prática da sua leitura.

Como começou o uso da Escrita da Língua de Sinais

Este artigo tem um caráter qualitativo, em que foram coletadas e analisadas histórias e sequências didáticas realizadas com alunos surdos de segundo a quarto ano, com intuito de promover a compreensão do que era ensinado, primeiramente na LIBRAS e Escrita da Língua de Sinais e após através de traduções, leituras e realização de respostas, demonstrando interpretações dos textos lidos na Língua Portuguesa.

Para tanto, justifica-se que o interesse para o uso da Escrita da Língua de Sinais (ELS) em sala de aula, com alunos surdos, iniciou no estágio obrigatório do Curso de Pedagogia em 2012, ao realizá-lo em uma escola para surdos. Durante o estágio a professora surda, titular da turma, avisou que fazia uso da ELS durante suas aulas. Assim, veio o desafio de aprender a usar esse sistema de escrita e com isso ir percebendo que o aprender à segunda língua era para uma função social. Ou seja, notei que essa escrita da Língua Portuguesa tem uma função social para os sujeitos surdos e, com isso, fui verificando a importância do uso da ELS durante as aulas. Essa



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

verificação não se deu neste ano de aprendizagem e sim no ano seguinte (2013), quando fui efetivada nessa mesma escola e passei a usar esse sistema.

Quando entrei na metade do ano de 2013, a professora que ocupei a vaga era a titular da turma que fiz meu estágio. Ela então me deixou seu material e a continuação da produção de um livro com os alunos "A cigarra surda e as formigas" na ELS. Assim, mesmo a distância, ela foi me auxiliando mandando a ELS pronta e eu tendo que fazer com os alunos a tradução dessa história da ELS para o português. Foi um trabalho bem interessante, pois percebia a autonomia dos alunos na leitura da história e, com isso, a compreensão do que estavam lendo.

Os anos foram passando e seu uso se tornou uma prática cotidiana nas minhas aulas e cada vez fazendo mais sentido para mim. Assim, em 2015, foi organizado o projeto "Alice no País das Maravilhas", envolvendo as turmas da Educação Infantil e anos iniciais. Esse projeto rendeu várias reflexões a partir do filme da Alice e da apresentação teatral, por um grupo de atores surdos, da história da Alice, culminando na construção de um livrão intitulado "Alice no País das Maravilhas", contendo a ELS e a tradução para o português.

Nesse mesmo ano foi trabalhada, paralelamente, outra história e uma sequência didática, que promoveu a compreensão do que estava sendo trabalhado. Essa sequência didática envolveu contação da história na LIBRAS; produção textual coletiva na ELS; tradução para o português escrito; comparação estrutural entre as duas línguas; produção individual no português escrito; confecção de um sinalário, contendo as fotos dos alunos realizando os sinais e junto dela a escrita desse sinal.

A partir dessa prática foram acrescentadas mais atividades sequenciais como a de interpretar textos; provas sinalizadas e de escrita, sendo aperfeiçoadas de acordo com o grupo de alunos e o processo de aprendizado de cada um.

O caminho encontrado da sinalização à escrita significativa

Neste capítulo constam algumas das histórias e atividades realizadas com os alunos de segundo a quarto ano, que possibilitaram averiguar a importância da Escrita da Língua de Sinais para uma aprendizagem significativa e que atribuiu sentido ao uso



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

da Língua Portuguesa, compreendendo-a como segunda língua. Dessa forma, são apresentadas as análises desses materiais.

A partir do projeto “Alice”, já citado anteriormente, os alunos demonstraram interesse nos estudos voltados para as questões étnico-raciais, por isso foi criada uma história através de imagens, denominada “Minha família”. A partir dessa história foi realizada uma sequência didática.

Figura 1 – História “Minha Família”



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

A intenção dessa história era mostrar que as famílias podem ser compostas de estruturas diferenciadas, como: de uma mãe e um pai; só de pai; só de mãe; só de avó; de dois papais; de duas mães e que não tem problema nenhum viver nesse núcleo familiar. Além de entenderem as características hereditárias que herdamos. Após a contação dessa história os alunos realizaram a produção textual coletiva, observando as imagens e produzindo a história na ELS.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 2 – Produção textual coletiva “Minha Família”

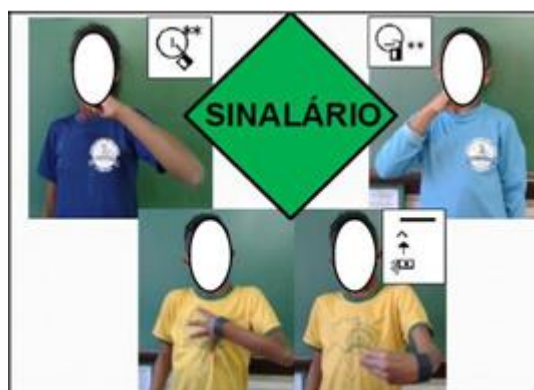


Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Com o texto pronto, realizaram a leitura da história e foi dada a continuidade desse estudo na informática, em que ocorreu a digitação da história na língua portuguesa, refletindo e comparando as duas línguas, sua estrutura diferenciada e entendimento de que o português não é a escrita da LIBRAS, e sim uma escrita de segunda língua.

Foram produzindo também o sinalário:

Figura 3 – Sinalário da história “Minha Família”



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

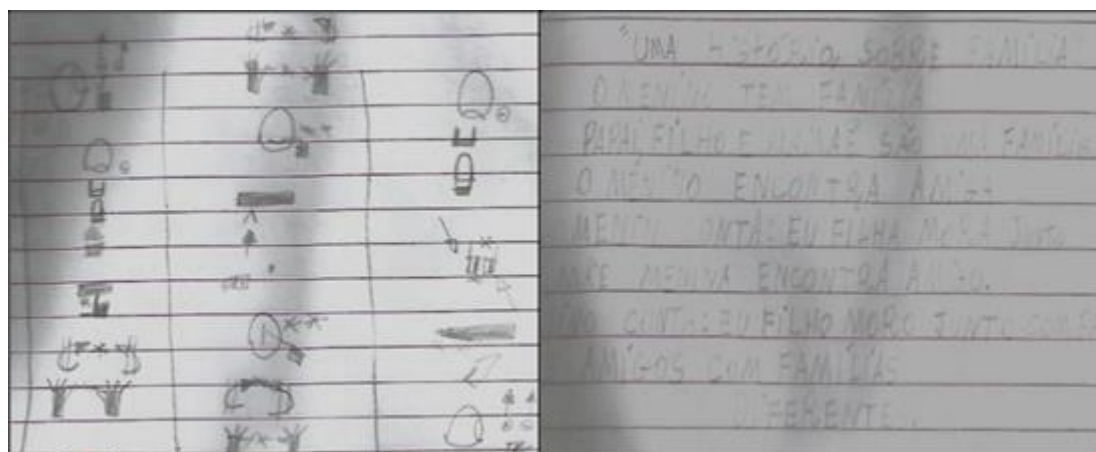
Esta prática culminou na produção textual individual sobre família, na ELS, e tradução para o português, refletindo sobre sua estrutura.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 4 – Produção individual na ELS e tradução para o português



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Nessa sequência didática é possível destacar vários aspectos importantes para se chegar ao ensino do português de forma significativa. Inicialmente, a importância da literatura, do contar uma história, de partir de um texto para um estudo de língua. Pensar que nos comunicamos por meio de textos e não por intermédio de palavras ou frases soltas (KARNOPP; KLEIN, 2005), entendendo assim que a leitura precede à escrita, há subsidia.

Outro aspecto é de compreensão do que está sendo estudado primeiramente na sua língua, no caso a LIBRAS. Isso demonstra a valorização dos componentes linguísticos dessa língua que também precisa ser trabalhada e aprendida para, conseqüentemente, se pensar no ensino da estrutura da Língua Portuguesa. Compreender que esse espaço escolar, muitas vezes, é o único lugar de uso da língua pelo aluno, sendo necessário o trabalho dos componentes linguísticos, da sua estrutura, demonstrando assim a importância do uso da Escrita da Língua de Sinais nas escolas.

Fica evidente que a LIBRAS é adquirida naturalmente no contato com o outro, usuário dessa mesma língua, demonstrando que “[...] através da língua, as crianças discutem e pensam sobre o mundo. Elas estabelecem relações e organizam o pensamento. [...]” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 28). Por isso, explorar mais essa língua se torna algo tão importante para o ensino de uma segunda língua, pois quanto



I CIELS-SUL

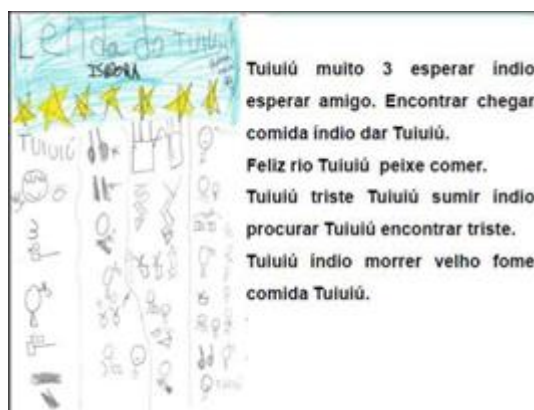
I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

mais conhecimento e domínio têm da sua língua, mais facilidade terá em aprender outras línguas.

A produção de textos na Escrita da Língua de Sinais possibilita que o aluno sinta que sabe ler e escrever um texto com autonomia. Perceba que essa é a escrita da sua língua, que também tem uma estrutura própria e, principalmente, entenda a necessidade de aprender a Língua Portuguesa escrita, que envolve uma situação social. Proporciona que o aluno enxergue que tudo na sua volta tem o português e que, por isso, ela é tão importante de ser aprendida. Então, permitir que o aluno escreva na sua primeira língua, com uso da Escrita da Língua de Sinais é entender que “[...] Esse sistema permite que a criança construa melhor a função semiótica, ou seja, tem a possibilidade de contar com uma representação mental indispensável para seu desenvolvimento cognitivo”. (PONTIN; SILVA, 2010, p.2). Com isso, passando a usá-lo para aprender a Língua Portuguesa de forma significativa, traduzindo seus textos para a segunda língua, entendendo suas estruturas.

Foram diferentes as histórias usadas com essa mesma estratégia sequencial da contação à tradução, ou seja, da sinalização a escrita do português. Por isso, destaco a contação da Lenda do Tuiuí, que também foi usado as imagens para sinalizá-la e a partir disso, cada aluno fez uma produção textual dessa lenda.

Figura 5 – Produção textual individual na ELS “Lenda do Tuiuí”



Fonte: Registro produzido em aula e traduzido pela pesquisadora.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Portanto, essa atitude aponta que há uma valorização de ambas as línguas, que há uma consciência de que a Língua Portuguesa é importante e ela deve ser escrita. Por isso, a tradução de um texto da ELS para o português é tão importante e, para tanto, mais essencial ainda é:

[...] a importância do conhecimento da língua de sinais, por parte do surdo e do professor, para o desenvolvimento de estudos comparativos entre a língua de sinais e a língua portuguesa, estabelecendo relações e diferenciações entre esses dois sistemas linguísticos. (KARNOFF, 2004, p. 107).

Essa importância fica evidente quando os alunos estão buscando a tentativa de escrita do português, em que primeiro procuram escrever a palavra de acordo com o sinal ou o sinal de acordo com a palavra, como é possível visualizar nessas duas imagens:

Figura 7 – Produção textual individual na ELS



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Na primeira imagem, o aluno escreveu uma pequena produção textual na ELS e após procurou traduzi-la para o português, realizando uma tradução na estrutura da LIBRAS. Conforme a imagem, em que a produção na ELS é na vertical e as palavras no português seguiram esse padrão, o aluno quis escrever o seguinte: MEIO (menino) LRA



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

(larga) LIXO UAGA (água) UAGA (água) LIXO PIX (peixe) FFITRE (triste). A produção traduzida é: O menino larga o lixo na água. O lixo na água deixa os peixes tristes.

Na segunda imagem, a aluna escreveu as frases no português, colocando a ELS como uma forma de lembrar o que significa cada palavra, ou seja, escreveu no português na estrutura da LIBRAS e ainda colocou a ELS como uma forma de lembrar algum sinal ao realizar a leitura do português e não saber o significado. Essas duas imagens enfatizam que usar a ELS, ou seja, esse sistema linguístico:

[...] juntamente com a língua portuguesa facilita a compreensão dos alunos surdos e lhes dá uma leitura autônoma, visto que solicitarão menos o auxílio do professor e utilizarão o SW como apoio tornando o aprendizado natural sem sentimento de obrigação, longe de barreira linguística e/ou sentimento de incapacidade. (PONTIN; SILVA, 2010, p. 8).

E essa forma de usar a ELS passou a aparecer em cartazes, produzidos pelos alunos em português, pois isso lhes dava segurança diante da apresentação para um público e autonomia para apresentarem sem o auxílio do professor. Os alunos passaram a serem os protagonistas.

Figura 8 – Cartazes produzidos pelos alunos para apresentação



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Além dos cartazes também usavam nos cadernos a ELS para, ao retomarem suas aprendizagens em casa, lembrarem o que estava escrito no português e assim conseguiam estudar para suas provas. Provas essas que aconteciam em duas etapas: uma sinalizada e outra em que precisavam escrever na Língua Portuguesa as respostas.

Há diferentes provas sinalizadas, dependendo do nível de aprendizagem que os alunos se encontravam, porém será apresentada uma forma realizada de prova



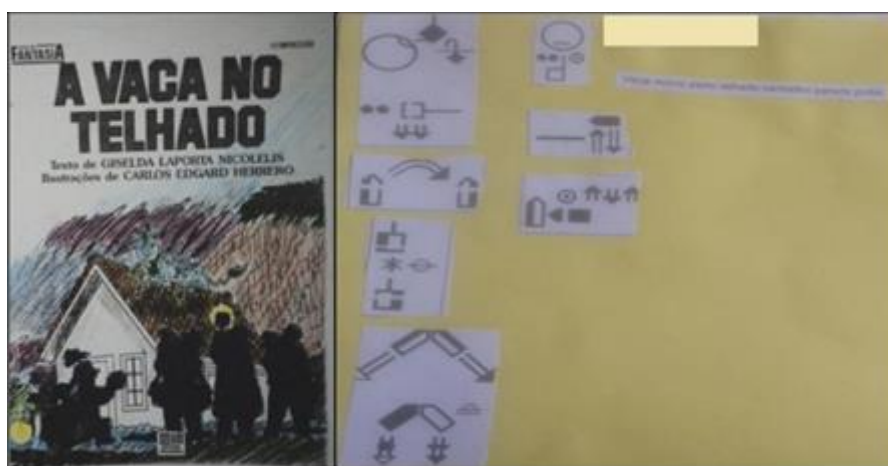
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

sinalizada e de prova escrita, sempre seguindo a ideia de sequência didática. A partir da realização de diferentes atividades ligadas a história trabalhada para exploração e compreensão do texto, finalizando com essas duas provas para análise do processo e não com a intenção de dar uma nota única e exclusivamente baseada nessas provas.

A história que envolveu essas provas é o livro “A vaca no telhado”, que foi contada com uso das ilustrações do livro e ELS nas aulas de Língua de Sinais, ministrada por uma professora surda. Depois foi explorada em sala de aula, realizando atividades conjuntas com essa professora. Esse estudo e sequência didática finalizaram com a confecção do livro “A vaca no telhado em ELS” baseada na história “real”, porém ilustrada pelos alunos, produzida na ELS e traduzida, por eles, para a Língua Portuguesa.

Figura 9 – Livro “A Vaca no Telhado” produzido em ELS e traduzido pelos alunos



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Com todo esse estudo foi realizada a primeira prova denominada prova sinalizada. Continha vídeos sinalizados com perguntas e alternativas de respostas para que os alunos marcassem na folha entregue, com as alternativas em português, a alternativa correta referente à história.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 10 – Prova sinalizada em vídeos referentes à história “A Vaca no Telhado”

1) Qual o título da história?

a) Assembleia dos Ratos
b) Grande Rabanete
c) A Vaca no Telhado

2) Como era a vaca?

a) Gorda
b) Magra
c) Cansada

3) O que a vaca come?

a) Árvore
b) Flor
c) Grama

4) Qual a cor do telhado da casa?

a) Amarelo
b) Verde
c) Vermelho

5) O que aconteceu quando ela estava no morro?

a) Começou a chover forte.
b) O sol ficou forte.
c) Começou a chover fraco.

12) Rita ligou para:

a) Revista
b) Televisão
c) Jornal

13) Quem tirou a vaca de cima do telhado?

a) Vaca
b) Polícia
c) Bombeiro

14) Desenhar e escrever a parte que mais gostou dessa história.

Vaca come.
susto chuva pig na cabeça.
vento.

Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Praticamente todos gabaritaram essa prova, que foi realizada em uma sala em que havia um datashow e cada questão era repetida três vezes. A última questão era a única que não envolvia múltipla escolha, pois solicitava que desenhasse e escrevesse a parte que mais gostou dessa história. Todos, no momento da escrita, realizaram a mesma na ELS. No momento que devolviam a prova pronta, eram solicitados que sinalizassem o que haviam escrito e com isso eu e outra professora, que era minha parceira de turma, escrevíamos no português o que era lido pelos mesmos.

Assim, é possível notar aspectos positivos em realizar uma prova dessa forma: um deles é a valorização da língua do aluno, avaliando-o perante a compreensão da sua própria língua e conhecimento adquirido ao longo do estudo, o outro aspecto é em relação à autonomia de produção textual por um aluno surdo, que escreve e lê sua produção demonstrando coerência, sem fuga do tema a que está imerso. Esse processo de uso da ELS deve “[...] levá-lo a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, de seu potencial e de motivações naturais.” (STUMPF, 2011, p. 44). Essa prova já mostra essa aquisição.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Com a realização da prova sinalizada foi dada uma semana de estudos e feita a prova escrita. Para essa prova, os alunos tinham um mural, como um sinalário, contendo os sinais e palavras trabalhadas dentro da história. Foi entregue a prova em que tinham que ler a pergunta e responder, usando a Língua Portuguesa escrita. Muitos estavam nervosos, mas nenhum negou-se a realizá-la, como acontecia antes do uso da ELS. Assim, ao final dessa prova, a maioria dos alunos nos apresentou resultados como este:

Figura 11 – Prova escrita no português referente à história “A Vaca no Telhado”



Fonte: Dados da pesquisa, capturados pela pesquisadora.

Ao considerar que a primeira prova é de uma aluna de terceiro ano e a segunda prova de um aluno de segundo ano é possível perceber o nível de compreensão e aquisição que estão da Língua Portuguesa. Sendo essa adquirida de forma significativa por eles. Ter essa capacidade de reconhecer o quão difícil é aprender a ler e escrever em qualquer uma dessas línguas me remete a pensar que “Ler e escrever em sinais e em português são processos complexos que envolvem uma série de tipos de competências e experiências de vida que as crianças trazem.” (QUADROS; SCHMIEDT,



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

2006, p. 31). E esses alunos já estão em um processo de aprendizado que só tendem a aperfeiçoar a cada novo desafio de escrita, melhorando cada vez mais. Dessa forma, é interessante salientar que:

[...] Aprender a ler e a escrever está além de conhecer os “mistérios” de um sistema linguístico, que é perceber que esta aprendizagem se transforma em instrumento de reconhecimento, de interferência e de participação no mundo. (SANTOS, 2012, p. 56).

Sendo que esses alunos já identificam a importância social que tem a Língua Portuguesa escrita, vivenciando situações em que a família não sabe a LIBRAS, não sabem a ELS e eles, para demonstrarem suas aprendizagens, precisam escrever em português. Isso, que é uma realidade triste para as crianças surdas, acaba sendo transformado em uma motivação a mais para tradução do que escrevem na ELS. Demonstrando em casa que sabem escrever, traduzir e ler o que traduziram com autonomia. Enfatizo que não estou defendendo as famílias que não procuram aprender a se comunicar com seus filhos, mas que professores desses alunos vão buscando estratégias para motivá-los a aprender com um mínimo de frustração possível.

Para encerrar as análises apresentadas é importante entender que:

[...] a Educação Bilíngue é vista não apenas como uma necessidade para os alunos surdos, mas sim como um direito, tendo sempre como base o pressuposto de que as Línguas de Sinais são patrimônios da humanidade e que expressam as culturas das comunidades Surdas. (STUMPF, 2009, p. 427).

As atividades apresentadas e analisadas são o caminho encontrado para uma Educação Bilíngue, que nos leva da sinalização à escrita significativa.

Considerações finais

A partir de todo o material coletado e apresentado referente à minha experiência como docente, ao longo dos seis anos em que atuo com surdos, percebo que esse é o caminho para uma Educação Bilíngue, por isso defendo o uso da Escrita da Língua de Sinais nas escolas para surdos. Quando me questionei sobre: Como a Escrita da Língua de Sinais (ELS) pode ser um sistema de escrita importante para a aprendizagem da Língua Portuguesa escrita de forma significativa pelos surdos? Encontrei ao longo desse material analítico algumas possíveis respostas, sendo elas:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

a forma de valorização da primeira língua usada naquele espaço escolar e de dar sentido ao português escrito. A questão de realizar atividades que comparem esses dois sistemas linguísticos, demonstrando para esses alunos que a Língua Portuguesa, presente em seu cotidiano, é uma segunda língua que deve ser aprendida, mas deixando explícito que é uma aprendizagem complexa como a de qualquer outra língua. Isso torna a Língua Portuguesa uma aquisição de conhecimento significativo para os alunos surdos.

Portanto, é evidente a necessidade de mais estudos voltados para a Educação Bilíngue, pois minha intenção não foi mostrar que esse é o único caminho a ser seguido para se ter um ensino bilíngue de fato e sim abrir para novas discussões sobre o que acredito ser um dos caminhos possíveis para uma educação de qualidade. Temos um sistema de escrita, que é a Escrita da Língua de Sinais, por que não utilizá-lo?

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

KARNOFF, Lodenir Becker. Língua de Sinais na Educação de Surdos. In: THOMA, Adriana; LOPES, Maura Corcini (Org). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 103-113.

KARNOFF, Lodenir Becker. Diálogos traduzidos: leitura e escrita em comunidades de surdos. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação**. Canoas: Ulbra, 2005. p. 225 – 240.

KARNOFF, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena. **A língua na educação de surdos**. Porto Alegre: SEDUC, 2005.

PONTIN, Bianca Ribeiro; SILVA, Erika Vanessa de Lima. Língua escrita: português/sinais (SW). In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 9., 2010, Palhoça. **Anais eletrônicos**. Palhoça: UFSC, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOFF, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, 2006.

SANTOS, Katia Regina de Oliveira Rios Pereira. Educação especial e escola: reflexões sobre os projetos educacionais para alunos surdos. In: FERNANDES, Eulalia (Org.). **Surdez e bilinguismo**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 51 – 64.

STUMPF, Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Org.). **Estudos Surdos IV**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2009. p. 426 – 451.

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Língua Brasileira de Sinais**. Indaial: Uniasselvi, 2011.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

LÍNGUA DE SINAIS ESCRITA: estratégias pedagógicas possíveis na prática docente do professor surdo

Giovana Medianeira Fracari Hautrive – UFSM

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a constituição dos saberes da visualidade, direcionados à construção de estratégias capazes de dar sentido à escrita da língua de sinais. A partir de fios teóricos de autores sócio históricos foi possível compreender as concepções docentes direcionadas a prática do ensino do sistema SignWriting. A abordagem metodológica utilizada foi de natureza qualitativa e desenvolveu-se a partir da perspectiva sociocultural de cunho narrativo. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de treze reuniões do grupo de estudos e de entrevistas semiestruturadas com cinco professores surdos da escola para surdos do Sistema Público Estadual de Educação da cidade de Santa Maria - RS. A análise da narrativa sinalizada dos professores surdos, que são responsáveis pelo ensino da escrita da língua de sinais – SignWriting, indicaram como resultados a importância acerca da consciência linguística, considerando os parâmetros da língua de sinais e destacam a necessidade de dedicarem-se aos estudos sobre a gramática. Ainda, evidenciamos o investimento realizado pelos professores surdos na profissão como professores da escrita da língua de sinais, assumem a condição aprendente enfrentando a realidade como passíveis de transformações. A cultura de colaboração instituída nas reuniões do grupo de estudo favoreceu a reorganização das práticas dos professores surdos fortalecendo os caminhos pedagógicos adotados. A escola para surdos se constitui como espaço potencial à formação, à reflexão e à inovação de práticas escolares.

Palavras-chave: Escrita da língua de sinais. Professor surdo. SignWriting. Estratégias pedagógicas.

Inserção temática

[...] Aqui na escola já fizemos algumas poesias sem depender da língua portuguesa escrita, apenas a língua de sinais escrita e os alunos me emocionaram com tantas aprendizagens que tiveram, o resultado da poesia me deixa emocionado quando eu lembro. Com relação à escrita de piadas eu ainda não tive experiências pessoais, mas precisamos escrever algumas para ver como vai ser com os alunos, estas estratégias precisam ser ampliadas por nós [...]. (Prof. Deneb /Reunião 4 do grupo de estudo).

Neste artigo, socializo o recorte de uma das dimensões da pesquisa de tese que direcionou o olhar para compreender os processos envolvidos na aprendizagem da docência de professores surdos sobre a escrita da língua de sinais. A pesquisa maior esteve vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A abordagem qualitativa sustentou o estudo que teve como objetivo compreender a aprendizagem docente de professores surdos que são usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Realizei um estudo com docentes surdos que atuam como professores de língua de sinais no contexto da escola para surdos. Os colaboradores deste estudo estão identificados por pseudônimos para a garantia do anonimato.

A opção por uma investigação qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LUDKE; ANDRÉ, 1986) de cunho narrativo sociocultural sustentou a pesquisa. A abordagem narrativa sociocultural é definida por Bolzan (2001) como um estudo qualitativo que comporta uma análise centrada nos processos de construções coletivas, a partir da realidade sociocultural em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos. Na pesquisa, foram considerados os componentes da situação investigada, as interações estabelecidas entre os professores surdos, os sentidos e os significados que foram narrados por eles.

O estudo caracterizou-se como sociocultural porque compreendeu a docência do professor surdo como uma construção histórica e social, constituído pelos processos interativos e mediacionais. A docência do professor surdo é tomada por uma cultura com especificidades próprias. Para Bakhtin (1988), os sujeitos precisam ser considerados no seu contexto histórico, datados, concretos, marcados por uma cultura, como sujeitos atuantes, responsáveis por criar, produzir e reproduzir a realidade social, na qual estão inseridos, ao mesmo tempo em que são originados/ produzidos e reproduzidos por ela.

Considerando estes elementos, foi necessário participar de situações dialógicas gestuais (reuniões do grupo de estudo) que provocaram a manifestação da vontade de sinalizar/narrar sobre a trajetória docente, assim como sobre a reflexão do processo de aprender e ensinar a língua de sinais escrita. Por isso, os sujeitos do estudo foram valorizados na dimensão social, cultural e pessoal.

As narrativas gestuais dos docentes surdos nos permitem refletir sobre os encaminhamentos e ações que organizam, bem como sobre os diferentes modos como constroem suas propostas pedagógicas para o ensino da língua de sinais escrita.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Também marcam os elementos necessários para a ação pedagógica direcionada à conquista de novos patamares educacionais para a comunidade surda.

No ato docente, os saberes são validados na dialogia estabelecida na interação com o grupo de docentes, delineando uma didática própria, respaldada pela construção do conhecimento pedagógico compartilhado, elemento que vai além da seleção de conteúdos a serem ensinados. Nessa didática própria e colaborativa, os professores surdos reafirmam suas concepções docentes direcionados à possibilidade do sistema de escrita de sinais. Os saberes pedagógicos que circunscrevem a docência dos professores surdos fazem parte dos fundamentos do ato docente a partir da defesa como usuário do sistema SignWriting. Para tanto, os docentes surdos destacam a importância da discussão sobre as estratégias de ensino, convergindo sobre a relevância dos estudantes como protagonista do processo.

Segundo Freire (1995), o ensino e a pesquisa estão atrelados, como se estivessem um no corpo do outro, pois enquanto o professor está desenvolvendo a sua docência está diretamente em busca, indagando ao outro e a si. A pesquisa do professor vem na direção de constatar e, ao evidenciar as constatações, é capaz de intervir em um processo que é dinâmico e singular. Assim, está implicado no processo de se constituir como professor, enquanto também favorece a formação pedagógica do outro, conquista novos patamares, conhece, comunica e anuncia.

Entendemos que os docentes surdos, sujeitos deste estudo, entram em contato com o seu campo de saber concomitantemente ao início da vida profissional como professores desta língua. A definição de uma didática própria e colaborativa é mobilizada pelas relações estabelecidas com seus alunos no contexto da sala de aula, nas reuniões do grupo de estudo com outros professores surdos e é proveniente da experiência docente no contexto da escola para surdos.

Os docentes surdos elegem os saberes específicos do campo da língua de sinais que precisam ter como base para pensar pedagogicamente sobre esse campo e aperfeiçoar o conhecimento de modo que seus alunos possam aprender a escrita da língua de sinais no sistema SignWriting.

Observamos no ato docente que a construção do conhecimento pedagógico compartilhado se constitui a partir das reuniões de estudo, nas quais os saberes da



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

experiência visual que emergem do cotidiano da escola para surdos, no âmbito da prática docente, são discutidos e reelaborados. Estes saberes não se encontram sistematizados em teorias, são saberes práticos que se integram ao ato docente e formam um conjunto de elementos, a partir dos quais, os professores surdos compreendem, interpretam e isso os torna capazes de orientar sua ação pedagógica como professor de língua de sinais escrita.

É por meio de situações dialógicas que os docentes expressam o vivido no contexto da sala de aula, entendemos que “não há estritamente falando um “eu penso”, mas um “nós pensamos”. Não é o “eu penso” o que constitui o “nós pensamos”, mas, pelo contrário, é o “nós pensamos” que me faz possível pensar (FREIRE, 2015, p. 141). Assim, os professores elaboram estratégias docentes por meio da dialogicidade estabelecida no grupo, constituindo uma didática própria a partir da interação, estabelecida pela cultura de colaboração que se constitui no espaço escolar.

As situações de aprendizagem estabelecidas no contexto da sala de aula são refletidas coletivamente, mobilizando os professores à construção do conhecimento pedagógico compartilhado, por meio dos saberes pedagógicos por eles eleitos; aprendizagem do sistema de escrita SignWriting.

A construção de conhecimento pedagógico compartilhado acontece a partir das necessidades postas pelo contexto da escola para surdos, sendo a prática docente dos professores surdos a fonte de expressão e sustento dos saberes que os constituem.

Estratégias pedagógicas possíveis para o ensino da Língua de sinais escrita

É por meio das análises da gestualidade narrativa que podemos dizer que os docentes surdos são estudiosos do campo. Sua organização e sistematização das estratégias didáticas pedagógicas indicam o delineamento de uma didática própria, compartilhada que tem na visualidade a sua especificidade.

O conhecimento sobre o sistema de escrita de sinais é organizado na forma de conteúdos escolares, didaticamente elaborados para favorecer a produção de conhecimento no espaço da sala de aula, responsabilidade do professor. Os docentes



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

surdos organizam os conteúdos a partir de um conjunto de saberes, os quais julgam necessários serem produzidos no contexto da sala de aula.

Assim, buscamos refletir sobre a constituição dos saberes da visualidade, direcionados à construção de estratégias capazes de dar sentido à escrita da língua de sinais – no sistema SignWriting, desse modo é necessário criar uma forma de organizar o trabalho pedagógico a partir de uma didática própria.

Os professores discutem sobre a relevância de pensar em estratégias pedagógicas para o ensino do sistema de escrita, reconhecem a importância, o e o lugar que esse sistema ocupa no contexto da escola. Desse modo, a reflexão direcionada para o ensino da SignWriting é alvo de problematizações nas reuniões do grupo de estudo. O desafio de criar estratégias pedagógicas para o ensino do sistema de língua de sinais escrita é lançado pelos docentes como uma provocação. Como podemos acompanhar no diálogo que segue:

[...] será impossível construir esse conhecimento com pouco tempo, o português ainda é prioridade. Vivemos uma influência maciça da escrita do português (Prof. Deneb).

- Eu concordo contigo, até mesmo porque precisamos pensar nas áreas de conhecimento, por exemplo, geografia é português, história é português, matemática é português, o português é mais forte, está relacionado em quase todas as disciplinas. A carga horária da língua de sinais é muito pequena comparada a estas outras disciplinas que estão vinculadas ao português (Prof. Sadr).

- Eu acho importante fazer essa discussão sobre as áreas do conhecimento e o uso da língua de sinais escrita (Prof. Gienah).

- Precisamos pensar nesse pouco tempo que temos para criar estratégias que facilitem a aprendizagem do aluno, precisamos facilitar e não podemos complicar o aprendizado deles, por isso, o pouco tempo que temos em sala de aula para ensinar a escrita dos sinais precisa ser bem utilizado (Prof. Albireo).

Reunião 11 do grupo de estudo

O grupo de professores está desafiado a pensar em *estratégias pedagógicas* distintas que contemple as especificidades culturais e linguísticas da comunidade de surdos. Portanto, é preciso considerar o pouco tempo que dispõem para o ensino desse sistema.

Os docentes mostram-se mobilizados a problematizar as estratégias pedagógicas com a finalidade de qualificá-las. Deneb sinaliza na sua narrativa que é



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

importante tornar esse conhecimento o mais funcional possível, compartilhando reflexões sobre a importância desta temática:

[...] às vezes, vejo os professores surdos com dúvidas com relação ao caminho sobre estratégias e metodologias que precisam seguir, então, eu estou sempre orientando sobre o caminho da L1, talvez porque eu tenha a formação em Letras/Libras e essa formação me ajuda [...] (Prof. Deneb/ entrevista pessoal).

[...] Eu penso que precisamos pensar como indicar e criar uma boa didática para que a gente consiga ensinar com mais segurança. [...] precisamos ter o nosso método, a nossa didática de professor surdo[...] algumas crianças podem até ficar prejudicadas no seu desenvolvimento se o professor não usar uma didática apropriada para ensinar a língua escrita [...] (Prof. Albireo / Reunião 11 do grupo de estudo).

Propostas são lançadas ao grupo pelo professor Deneb, a validação das estratégias acontecem por meio da socialização das experiências cotidianas.

A ênfase no professor surdo como profissional reflexivo em contexto da escola para surdos onde as orientações pedagógicas nascem e ganham força no próprio grupo de docentes e permite avanços na construção do *conhecimento pedagógico*. Isso implica no *posicionamento de mãos* como um *saber pedagógico* relevante para o ensino do sistema *SignWriting*:

[...] as crianças precisam entender que, conforme a posição da mão com referência ao braço, indica uma forma de escrita, essa escrita precisa de uma marca, a representação é branca, ou a metade é branca e preta ou somente preta. (Prof. Sadr/ entrevista pessoal).

A referência de Sadr está direcionada à forma como o *posicionamento da mão* é representado na escrita, destaca esse *conhecimento pedagógico* necessário para a leitura e a escrita dos sinais, assim como a representação na escrita dos sinais, quando é utilizada apenas uma mão ou as duas:

[...] hoje também temos o uso de um símbolo específico na escrita que representa o uso das duas mãos, algo que antes não tínhamos e precisávamos fazer a escrita das duas mãos, hoje usamos este símbolo e já está entendido que o sinal é bimanual com o movimento simultâneo ou alternado (Prof. Gienah/ Reunião 10 do grupo de estudo).

Os professores surdos elegem os conhecimentos voltados para a fonologia da língua de sinais como prioridade para pensar o sistema de escrita *SignWriting*, elaboram e compartilham reflexões sobre o modo como a língua é organizada.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

[...] as orientações da fonologia deveriam ser as mesmas que acontecem com as crianças ouvintes, mas para os surdos, as orientações precisam ter relação com a fonologia da Libras, os professores precisam ter orientação para ensinar a fonologia da língua de sinais para o surdo aprender a escrever a sua língua, [...] (Prof. Deneb / Reunião 2 do grupo de estudo).

Assim, os professores destacam que o ato docente precisa *contemplar os aspectos fonológicos da língua de sinais*. Sabemos que a Libras é organizada e efetivada por meio da sinalização. As mãos, as expressões faciais e corporais desempenham diferentes funções nessa organização. As línguas de sinais³ são produzidas por articuladores primários, ou seja, as mãos que se movimentam no espaço em frente ao corpo e em determinadas locações nesse espaço. Quadros e Karnopp (2004, p. 51) nos ajudam neste entendimento, quando nos dizem que

[...] um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente à direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos.

A língua de sinais é produzida pelas mãos associada a movimentos que envolvem a expressão facial e corporal que desempenham funções. Quadros e Karnopp (2004, p. 51) destacam que os "principais parâmetros fonológicos são locação, movimento e configuração de mão". Os professores surdos colocam em destaque as reflexões voltadas para os parâmetros da língua de sinais como elementos que constituem a organização do trabalho pedagógico, assim, os *conhecimentos gramaticais* são elementos necessários:

[...] faço o sinal várias vezes para ver os parâmetros exatamente como eles acontecem, fico com o olho grudado nas minhas mãos, fazendo os sinais que eu quero escrever, penso em todos os parâmetros que envolvem aquela palavra e vou escrevendo no papel até conseguir ver se está correto[...] (Prof. Albireo / entrevista pessoal).

[...] para o estudo da língua de sinais escrita, precisamos estudar as configurações de mãos, o movimento, o local e a expressão, também as expressões do rosto como a sobrancelha, a boca, os olhos, precisamos

³Refere-se a todas as línguas de sinais, independentemente de ser a língua brasileira de sinais (Libras), a língua de sinais francesa (LSF), língua de sinais americana (LSA) ou qualquer outra língua de sinais do mundo. Todas as línguas de sinais possuem critérios que fazem parte da língua e são respeitados por seus usuários com a finalidade de produzir o ato comunicativo. Há parâmetros que são estudados pelo campo da linguística e são universais, como a configuração de mãos, a locação, o movimento, a expressão.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

entender o uso do local, se o sinal começa da direita e vem com movimentos para a esquerda ou se começa ao inverso, esses movimentos e o local em que acontecem precisam ser escritos, sinto que é preciso ampliar essa escrita neste sentido. Precisamos conversar sobre isso e juntos decidir como podemos escrever esse movimento...Precisamos pensar sobre estes elementos do uso do local para termos mais liberdade para escrever [...] (Prof. Deneb / Reunião 4 do grupo de estudo).

Sabemos que as configurações de mãos são unidades mínimas sem significado se não estiverem acompanhadas de outros parâmetros como, por exemplo, o movimento, o toque ou assumindo novos sentidos e significados. Este parâmetro é destacado para se pensar a forma de ensinar o sinal, de modo a torná-lo o mais perfeito possível, realizado com precisão e absoluto rigor, definindo com exatidão a palavra que se propõe.

- É verdade que as crianças com idade de 4 ou 5 anos começam a pensar na configuração das mãos, por exemplo, para escrever os nossos sinais, para escrever Albireo, qual é a configuração de mãos que a criança precisa conhecer? A criança começa a pensar, primeiro na configuração de mãos, por exemplo, uma atividade com uma temática com os nossos sinais próprios, o sinal do Gienah e a criança logo pensa na configuração de mãos que faz o sinal de Gienah, ou seja, a criança não pensa no nome dele em língua portuguesa, é por isso, que, quando se refere a Gienah, a criança pensa na configuração da letra B e nunca na letra G. (Prof. Albireo).

Reunião 1 do grupo de estudo

Os professores destacam que a *configuração de mãos* é o primeiro parâmetro que as crianças utilizam para realizar reflexões sobre o ato da escrita. A configuração de mãos pode permanecer a mesma durante a articulação de um sinal, ou pode passar de uma configuração para outra no mesmo sinal. Quando há mudança na configuração de mão, ocorrendo o movimento interno da mão, há, conseqüentemente, mudanças na configuração dos dedos (BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004). No diálogo que segue, os professores destacam a relevância da *configuração de mãos* como um *conhecimento gramatical da Libras* que é utilizado para a organização do trabalho pedagógico:

- Lembro que no ano passado, havia um grupo brincando com os sinais e eu distribuí as cartinhas com as CM. Eles faziam um sinal, observavam a configuração do sinal e se aproximava mais três pessoas que o ajudava na construção da frase. Eu observei que os alunos ficavam nervosos porque não sabiam como organizar uma frase. Era preciso retomar o que já sabiam de vocabulário de Libras, olhavam para as mãos na configuração da carta e pensavam em sinais. Eles precisavam pensar no contexto da frase. Entendo



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

que a criança precisa construir essa relação do sinal com a CM e pensar na organização da frase (Prof. Lota).

- Como tu fizeste, Lota? Tu mostraste a mão? O dedo? A CM? O sinal? O alfabeto? (Prof. Albireo).

- Mostrei a CM, e expliquei que eles poderiam usar conforme o vocabulário que já sabiam para construir a frase (Prof. Lota).

- Agora temos 114 CM. (Prof. Sadr).

Reunião 1 do grupo de estudo

Os saberes específicos direcionados à configuração de mãos é elemento fundante nas decisões pedagógicas, caracterizando como um saber original no contexto do qual está fazendo parte. Destacamos a importância em considerar o professor como agente de sua formação.

Os docentes surdos destacam o parâmetro fonológico “*movimento*” como um *conhecimento gramatical* relevante para a organização do trabalho pedagógico. Os professores expressam a representação do movimento no sistema de escrita como o parâmetro fonológico mais complexo de representar, representa o deslocamento das mãos no espaço, durante a realização dos sinais, abarcando também o pulso e o antebraço.

Em alguns sinais, o movimento poderá acontecer em apenas uma das mãos. O movimento pode definir o sinal devido a sua constância, marcada por repetições ou não, pois há sinais que não contemplam o movimento, ou seja, sinais fixos. Também a direção do movimento apresenta diferentes formas. Há uma grande variedade de movimentos na Libras, este elemento precisa ser registrado por meio da escrita da mão que se movimenta durante o sinal – mão direita ou esquerda –, ou ainda, se as duas mãos se movem juntas como se fossem um ou com vários movimentos simultâneos, considerando o posicionamento da mão vertical, diagonal ou horizontal. Além da direção do movimento, é preciso considerar na escrita dos sinais a velocidade do movimento, os tipos de contato e o movimento dos dedos. No diálogo, evidenciamos esta preocupação como um *saber pedagógico*, direcionado ao *conhecimento gramatical da Libras*:

- Podemos pensar em vários sinais como novos, criar, jogar fora, que possuem a mesma configuração, mas o movimento é diferente (Prof. Gienah).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

- Observem que há várias formas para escrever o movimento dos olhos e sobrancelhas, pois o que difere no posicionamento do pescoço, olhos e sobrancelha, se o sujeito está olhando para cima ou para baixo, para o lado esquerdo ou direito, se o rosto está para frente com o olhar tranquilo ou desconfiado, enfim, depende da expressão que desejamos usar para dizer algo. A Valerie destaca alguns símbolos para movimentos sucessivos, contínuos, para movimentos que se repetem com o movimento da sobrancelha. Esse aspecto é importante ser valorizado na escrita, pois ajuda a compreender a entonação daquilo que estamos dizendo, se estamos indignados, curiosos, furiosos, esse movimento de repetição é importante (Prof. Sadr).

- Pessoal, olhem aqui, precisamos voltar para o estudo, observem que nos estudos de Valerie, ela destaca os olhos na escrita dos sinais, se os olhos estão fechados ou abertos [...] observem que há movimentos diferentes para os olhos, abrir os olhos, abrir e fechar com calma ou rapidamente, uma única vez ou sucessivamente, como acontece quando queremos dizer que estamos com sono (Prof. Deneb).

- Quando vamos escrever o movimento de um sinal, precisamos sempre pensar, eu fico repetindo o sinal várias vezes para compreender como preciso escrevê-lo (Prof. Albireo).

Reunião 8 do grupo de estudo

Os professores convergem no posicionamento diante do parâmetro "movimento" como o mais desafiador para o processo de ensino e de aprendizagem. Os estudos de Brito (1995) direcionados ao parâmetro fonológico "movimento" sustentam a complexidade deste elemento:

[...] é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mãos, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal. [...] nos movimentos internos da mão, os dedos se mexem durante a realização do sinal, abrindo-se, fechando-se, dobrando-se ou estendendo-se, o que leva a rápidas mudanças na configuração das mãos. O movimento que as mãos descrevem no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições. Em certos sinais, o movimento direcional é icônico [...] Alguns sinais se diferenciam pelo movimento (BRITO, 1995, p. 39).

A complexidade envolvida no parâmetro fonológico "movimento" mobiliza os docentes a unirem-se para direcionar os estudos e, ao entendimento deste elemento que é considerado essencial para a formação do sinal.

Os docentes compartilham de ideias e *estratégias pedagógicas* capazes de favorecer a construção da escrita de sinais pelos estudantes.

[...] A internet é uma força que temos para poder aprender, o uso dos vídeos é antigo, nós, surdos, usamos muito o vídeo para gravar a



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

língua de sinais, as piadas, as histórias da literatura, há também o uso de fotos (Prof. Deneb/ Reunião 4 do grupo de estudo).

[...] eu penso em estratégias, penso na visualidade em primeiro lugar, observo se os recursos estão corretos com os conceitos que pretendo desenvolver (Prof. Albireo / entrevista pessoal).

As *estratégias pedagógicas* usados em sala de aula precisam ser mobilizadores para que os aprendizes pensem sobre a gestualidade e sobre a escrita, assim os docentes enfatizam que *a produção de vídeo* é essencial para este processo de conscientização sobre o uso dos sinais de forma mais precisa no momento da sinalização. Observamos nas narrativas que seguem as manifestações dos professores:

[...] o uso do vídeo como uma estratégia para aprender a língua de sinais é ótima, precisamos fazer sempre um investimento maior, as crianças desde a educação infantil até o ensino médio precisam se ver no vídeo, é importante essa experiência para que eles se conscientizem quando falta um dos parâmetros da língua, como a locação, a expressão, o movimento, enfim, precisamos fazer mais vídeos, precisamos também investir no teatro, investir no ensino das configurações de mãos [...] (Prof. Deneb / Reunião 11 do grupo de estudo).

Os professores surdos mostram-se preocupados com as *estratégias pedagógicas* que valorizam a criação do cenário para se efetivar o ensino de Libras, assim confirmam que o recurso de gravar vídeos faz com que os aprendizes conscientizem-se sobre o uso dos parâmetros e da importância destes para o ato comunicativo e, conseqüentemente, para a escrita dos sinais. Logo, o *conhecimento gramatical da Libras* é elemento chave para a organização do trabalho pedagógico dos docentes. Os educadores surdos compartilham as *estratégias pedagógicas* sobre o uso da *produção de vídeos* como recurso para o aprimoramento da escrita dos sinais.

[...] eu sempre começo a estudar a temática umas três semanas antes, começo a organizar o material, organizar fotos e imagens, ver se há algum vídeo sobre a temática, procurar textos que descrevam a temática em português, faço toda essa busca sozinho e, depois do estudo, eu começo as adaptações para a língua de sinais escrita. No momento da aula, uso muito a fluência na Língua de sinais e também uso o recurso do vídeo, faço a gravação dos diálogos e depois faço a tradução na escrita dos sinais com legenda no próprio vídeo, os alunos gostam muito, porque eles conseguem ler, é um desafio provocar o desejo nos alunos pela leitura, então, quando eles se deparam com a escrita dos sinais eu percebo que eles têm mais interesse [...] (Prof. Albireo / entrevista pessoal).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Os professores surdos usam o recurso da *tradução da língua de sinais para a SignWriting*, essa *estratégia pedagógica* tem evidenciado que os aprendizes mostram maior interesse na escrita e na leitura.

[...] eu penso em estratégias para que eles consigam aprender, esse é o meu objetivo, que os alunos consigam aprender, eles me olham como um modelo. Tenho o compromisso de fazer as propostas de atividades que motivem, também algumas coisas de pesquisas, algumas coisas sobre a tradução, porque me parece que essas estratégias abrem a mente dos alunos (Prof. Gienah / entrevista pessoal).

Os educadores surdos indicam a importância de valorizar a *estratégia pedagógica* das *produções em vídeo* e do *uso da tradução* como elementos que despertam curiosidade nos alunos. Na organização do trabalho pedagógico, elegem os conteúdos que precisam adentrar a sala de aula. O objetivo é que os alunos se apropriem dos conteúdos selecionados, pois neste momento, a *organização de estratégias pedagógicas* é elaborada pelos professores.

Os professores surdos realizam reflexões compartilhadas sobre os *diferentes tempos escolares* que lhes exigem diferentes *estratégias pedagógicas*.

[...] tenho disciplinas no ensino médio, no curso de magistério, procuro valorizar a língua de sinais. Também os aspectos importantes da língua como a CM, também valorizo a história da educação de surdos, a contextualização na língua de sinais. É preciso haver conexões entre os sinais, uma sequência nas ideias, tudo isso é importante para a escrita da língua de sinais. Já nos sextos e sétimos anos, é diferente, exploro a poesia, estou sempre os estimulando, fazendo provocações para explorar a dinâmica da língua de sinais em uso [...] (Prof. Lota / entrevista pessoal).

[...] Do primeiro até o quarto ano do ensino fundamental é um conhecimento básico, mas, do quinto até o nono ano o estudo é mais profundo, a exploração do movimento do corpo, a exploração da expressão facial, há a expressão das sobrancelhas, da boca, do ombro, um conhecimento mais aprofundado que pode acontecer no ensino médio, o conteúdo precisa ser próprio da língua de sinais escrita [...] (Prof. Albireo / Reunião 1do grupo de estudo).

[...]o aluno começa a pensar no campo semântico que contempla essa configuração, primeiro na sinalização e depois a escrita dessas palavras em SignWriting, então, a partir disso, faço a provocação para ampliarmos para frases e textos curtos que envolvam o vocabulário, essa é uma das estratégias que eu uso para o ensino da língua de sinais escrita [...] (Prof. Deneb / entrevista pessoal).

[...] Eu tenho a disciplina de língua de sinais, também o ensino da língua de sinais escrita, também a disciplina de história da educação dos surdos, também a disciplina de didática, algumas no ensino médio e outras disciplinas no ensino fundamental [...] estou sempre pensando em estratégias para eles pensarem, lanço propostas de interação, de jogos, na



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

disciplina de didática- sempre buscamos compreender como pode acontecer aquele jogo, estudamos os jogos, as histórias sequenciadas que precisam ampliar a fluência da Libras, discutimos sobre a importância de aprenderem o contexto em que as coisas acontecem (Prof. Gienah / entrevista pessoal).

Os professores buscam alternativas no que se refere a *estratégias pedagógicas* e demonstram a importância do contexto discursivo associado ao vocabulário, pois na escrita, estes elementos são fundamentais. Os educadores compartilham reflexões direcionadas ao *conhecimento pedagógico compartilhado*. Bolzan (2009), ao se referir sobre o *conhecimento pedagógico compartilhado*, destaca que a reflexão é caracterizada pelo

[...] pensar sobre as situações de ensino propostas, interpretando as respostas de seus alunos, como aconteceu a aprendizagem, discutindo-as com os colegas, explicitando as experiências passadas e presentes, apontando para as possíveis transformações necessárias para o avanço do fazer pedagógico; e a transformação que se caracteriza pelo processo de apropriação (BOLZAN, 2009, p. 147).

Os docentes convergem sobre a ideia de que não há investimentos nos recursos pedagógicos como em publicações das áreas na escrita de sinais e demonstram intencionalidade pedagógica nas situações de ensino e de aprendizagem. Os docentes surdos alimentam o desejo de uma aula em que os seus alunos tenham a possibilidade de acesso ao conhecimento de forma geral:

[...] Também sonho com a publicação de livros em língua de sinais escrita para as disciplinas escolares [...] livros de geografia, história, ciências, escritos na língua de sinais com as mesmas informações que temos na língua portuguesa. Imagino os livros didáticos com glossários para explicar aqueles sinais que não conhecemos, nos ajudando no entendimento do sentido e significado de cada sinal[...] Falta muito né? Nós não temos nada disso, é preciso investir na elaboração destes materiais [...] (Prof. Albireo / entrevista pessoal).

[...] Tenho vontade de criar coisas novas para ensinar a língua de sinais escrita, por exemplo, na área de conhecimento da Geografia, como a língua de sinais escrita pode ajudar nesse conhecimento? [...] é preciso publicar livros com os conteúdos das áreas de conhecimento em língua de sinais escrita [...] assim, os surdos conseguirão ver e ler os conteúdos das disciplinas escolares [...] (Prof. Gienah/ entrevista pessoal).

[...] há alguns anos aconteceram algumas produções de literatura, alguns jogos, o baralho com as configurações de mãos, mas isso é muito básico, nós precisamos aprofundar e o Brasil precisa investir nos materiais didáticos próprios com a língua de sinais escrita. Nós não temos nada nesse sentido, não temos livros ou obras completas em língua de sinais escrita [...] (Prof. Lota / entrevista pessoal).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Os educadores sinalizam sobre o desejo em encontrar nos materiais didáticos a escrita da língua de sinais, pois assim, como na língua portuguesa, poderá também estar disponível no sistema *SignWriting*. Os professores manifestam que esse é um caminho privilegiado para avançar em direção à melhor compreensão dos processos que envolvem a escrita da língua de sinais em situações de sala de aula.

[...] precisaríamos entrar em contato com as empresas no Brasil para que eles fizessem investimentos nestas tecnologias, eu estava aqui cochichando com a P. sobre isso, como seria nossa vida se tivéssemos a escrita dos sinais no celular para enviar mensagens (Prof. Gienah / Reunião 4 do grupo de estudo).

[...] no primeiro e segundo ciclo, tem que ter uma relação de sentido com a escrita, se ensinar a criança a ter uma identidade própria, tem um material próprio didático para o 1º e 2º ciclo, mas é preciso começar diferente. Precisamos da história registrada sobre essa língua de sinais escrita. Aqui na escola nós temos o plano didático para o uso desta língua, aqui na escola ela contempla a área de conhecimento da linguagem, está no regimento e no PPP da escola. Eu li, pesquisei, procurei na Língua de Sinais Americana que tem pronto material didático em SW, há livros didáticos na Língua de Sinais Americana, podemos olhar na proposta didática da LSA e podemos pensar na Libras aqui no Brasil [...] (Prof. Albireo / Reunião 1 do grupo de estudo).

[...] lá no Canadá teve uma evolução dos símbolos das configurações, essa divulgação acontece no site da SignWriting, assim, conseguimos acompanhar a evolução da signWriting, conseguimos, porque agora temos a internet, aqui só chegou em 2001, porque nós não sabíamos que existia essa escrita, fico com vergonha, estamos atrasados, tenho vergonha [...] (Prof. Deneb / Reunião 1 do grupo de estudo).

[...] mas precisamos também deixar claro aqui que enfrentamos dificuldades há anos com relação a esse sistema para escrever no computador, enviar e-mails, entendo que a tecnologia está avançando e quem sabe, em um futuro próximo, teremos condições de usar a SignWriting rapidamente para enviar e-mails, escrever textos. Aqui na escola, usamos o programa para SignWriting que é muito antigo e não nos ajuda na agilidade para a escrita [...] (Prof. Albireo / Reunião 11 do grupo de estudo).

Nas narrativas anteriores, os docentes mostram o interesse em concentrar esforços em pesquisas no estudo de possíveis recursos didáticos e tecnológicos como caminho de acesso para avançar rumo a uma melhor compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem da língua de sinais escrita. Os professores realizam reflexões sobre a *permanência do ensino e da aprendizagem da SignWriting no contexto da escola*:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

[...] hoje nós temos a escrita dos sinais desde a educação infantil, são os sinais básicos, as cores, os sinais das crianças e das professoras: na alfabetização é um lugar potencial para o ensino da escrita dos sinais, é importante o professor fazer esse investimento [...] (Prof. Deneb / Reunião 4 do grupo de estudo).

[...] penso que precisamos continuar oferecendo a escrita dos sinais desde a educação infantil, a alfabetização das crianças está acontecendo no sistema SW, precisa continuar [...] (Prof. Sadr / Reunião 11 do grupo de estudo).

[...] sim, precisa continuar [...] Precisamos continuar com SignWriting. Aprender a língua de sinais escrita é muito bom, quando as crianças nos veem escrevendo em língua de sinais escrita ficam em cima do nosso ombro para ler tudo o que escrevemos, o olhar de admiração e encanto deles é muito grande, eles adoram ler quando nós estamos escrevendo. Isso porque eles conseguem fazer a leitura, é a nossa língua, por isso eles conseguem ler. Precisamos investir mais na alfabetização com as crianças pequenas, eles gostam de ler e escrever na própria língua [...] (Prof. Deneb / Reunião 4 do grupo de estudo).

Os docentes surdos destacam a tarefa da escrita dos sinais vinculada à sua função comunicativa e à possibilidade de influenciar outras pessoas e o próprio contexto da escola. É concebida como um tema escolar, em que os alunos demonstram que há sentido e significado nessa representação escrita, elemento vinculado a sua língua sinalizada. Os professores estão construindo a melhor representação da tarefa que precisam realizar.

Na realidade escolar em que os sujeitos deste estudo estão desenvolvendo a sua docência, eles elaboram uma didática própria e colaborativa que legitima o resultado de uma organização social. As *estratégias pedagógicas* sofrem retomadas constantes, ser reavaliadas e reorganizadas, tornando os professores surdos protagonista da sua docência. Este é o resultado dos processos interativos e mediacionais consolidado entre os docentes nas reuniões de estudo, decorrência da interação linguística existente no contexto escolar e que é valorado pela comunidade de surdos na medida em que decidem pela permanência do *conhecimento pedagógico compartilhado*.

Apontamentos finais

Nas reuniões de estudo os professores surdos revelam os modos do seu fazer docente, suas organizações e estratégias pedagógicas elaboradas, para o ensino do



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

sistema de escrita de sinais SingWriting. Ao relatarem o seu modo de compreender as relações entre a estrutura gramatical da Libras com a sua forma escrita, levam-nos a concluir que são capazes de criar diferentes formas de ensinar a escrita da língua de sinais por meio do sistema SignWriting. Ao problematizarem a forma de ensinar a escrita de sinais, os professores surdos destacam que os saberes da experiência visual são base para a organização do trabalho pedagógico. Logo, a organização de estratégias implica pensar nas formas de utilização desses saberes, a fim de produzirem sentido e significado às representações escritas para si e para seus alunos.

Os professores surdos mobilizam os saberes pedagógicos visuais para a produção de estratégias pedagógicas específicas que contemplam muitos aspectos, o conhecimento sobre o posicionamento das mãos no momento da realização do sinal associado a todos os conhecimentos do âmbito fonológico da língua de sinais, como a configuração de mão, o movimento e a representação desses parâmetros na escrita. Tais elementos são destacados como relevantes na produção de estratégias pedagógicas elaboradas pelos professores surdos para o ensino da escrita da língua de sinais, também colocam em destaque a relevância da produção de vídeos e o uso da legenda no sistema SignWriting como uma estratégia favorável para o ensino da escrita dos sinais.

No momento em que o grupo de professores surdos se reúne para compartilhar as estratégias e as práticas que desenvolvem para pensarem em como a língua precisa ser ensinada, eles projetam o próprio modo de construção e problematizam as dificuldades que enfrentam para o ensino do sistema de escrita. Nesse momento se projetam como aprendizes da língua, para então, criar e recriar modos de ensinar. À medida que eles fazem isso em conjunto, interagindo, discutindo e problematizando, estão produzindo a cultura de colaboração. É a cultura de colaboração estabelecida entre os professores surdos que edifica maneiras de pensar e de agir no contexto da escola para surdos, um fator que contribui para a aceitação de mudanças e de inovações das práticas pedagógicas direcionadas ao ensino e à aprendizagem do sistema de escrita de sinais - SignWriting.

A dinâmica estabelecida nas reuniões de estudo nos indica que a aprendizagem de ser professor no contexto da surdez não é um processo solitário, mas demanda a



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

interação com os colegas e alunos no espaço da escola para surdos.

A busca permanente de convergência de pontos de vista em diferentes momentos, ao longo das discussões nos grupos de estudo, indica a consistência na tomada de decisões frente ao ensino do sistema SignWriting bem como a manutenção desse sistema no contexto da escola para surdos.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLZAN, D. P. V. **A construção do conhecimento pedagógico compartilhado**: um estudo a partir de narrativas de professoras do ensino fundamental. 2001. 280f Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995.
- BRITO, L. F. **Formação de professores**: construindo e compartilhando conhecimento. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**. Estudos Linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

ENSINO DE LIBRAS COM O *SIGNWRITING*: da empiria docente à hipótese de pesquisa

Isaac Figueredo de Freitas (UNIVASF/UFSC)⁴

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar a experiência docente em sala de aula como atividade fecunda para o levantamento de hipóteses de pesquisas das quais resultem o aprimoramento de teorias que sustentem e orientem o processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de um texto que apresenta relatos – vivenciados pelo autor deste artigo, então na condição de professor – sobre o ensino de Libras para alunos não surdos do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, em que o sistema de escrita SignWriting foi experimentado como recurso didático, possivelmente, facilitador da consciência metalinguística e da evocação. Ademais, o pesquisador discorre sobre a emergência da hipótese de pesquisa que ganhou centralidade em sua tese de doutorado, ora em andamento. Para dar suporte teórico ao recorte dos dados empíricos apresentados no decorrer do texto, recorre-se a estudos do campo da Psicolinguística e da Linguística Aplicada. Em conclusão, este estudo incentiva os professores a perceberem a sala de aula não só como espaço da prática docente, mas, também, como campo gerador de curiosidade e inquietação científica.

Palavras-chave: Ensino de Libras. SignWriting. Consciência metalinguística. Evocação.

Introdução

O resumo técnico do Censo da Educação Superior do ano de 2015 revelou que, no Brasil, de um total de 33.501 cursos graduação ofertados, 7.629 eram cursos de licenciatura (MEC/Inep, 2018a, p. 15). Dados mais recentes, do relatório estatístico do Censo da Educação Superior do ano de 2017, apresentam um total de 1.589.440 alunos matriculados em cursos de licenciatura no Brasil. Essa cifra representa 19,3% do total de matrículas da educação superior de graduação, segundo o mesmo relatório (MEC/Inep, 2018b, p. 30). Tais números comportam uma parcela significativa de estudantes universitários brasileiros que já cursaram ou, em algum momento do seu percurso acadêmico, irão cursar a disciplina de língua brasileira de sinais (Libras) –

⁴ Professor de Libras, em cargo efetivo, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), lotado no campus de Sr. do Bonfim-BA. Doutorando em linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marianne Rossi Stumpf. E-mail: <isaacfreitas123@hotmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

componente curricular obrigatório⁵ nos cursos de formação de professores e de fonoaudiólogos desde o ano de 2002.

Considerando que a quantidade de estudantes surdos (2.138), com surdocegueira (139) ou com deficiência auditiva (5.404), pode-se concluir que os acadêmicos aprendizes da Libras são majoritariamente não surdos, justificando, portanto, uma abordagem de ensino da Libras como segunda língua (MEC/Inep, 2018b, p. 48). Os alunos do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, situado no campus de Senhor do Bonfim-BA, corroboram essa assertiva, pois, até o momento, não houve ingresso de nenhuma pessoa surda no curso e nem na disciplina Libras. Por isso, essa coorte de alunos são uma amostra ideal para o recorte deste artigo – aprendizes não surdos da Libras, como segunda língua, em um curso de graduação.

Com o objetivo de apresentar a experiência docente em sala de aula como atividade fecunda para o levantamento de hipóteses de pesquisas das quais resultem o aprimoramento de teorias que sustentem e orientem o processo de ensino e aprendizagem, este trabalho divide-se em três seções temáticas. A primeira seção conduz o leitor ao arcabouço teórico que, para o autor do trabalho, deve servir de fio condutor das discussões e posicionamentos assumidos ao longo do texto. A segunda, apresenta alguns dados que corroboram relatos de experiência sobre o ensino de Libras para pessoas não surdas com o uso do sistema SignWriting e a hipótese de pesquisa levantada pelo pesquisador. A última seção traz as considerações finais do autor e defende a empiria docente como forma de aguçar a inquietação e curiosidade de professores em suas próprias pesquisas.

SignWriting, consciência metalinguística e evocação

A escrita, como artefato cultural humano milenar, pode ser estudada e compreendida sobre diversos aspectos. Num esforço de reflexão intelectual aprofundada sobre a escrita, David R. Olson (1997 [1994]) apresenta oito princípios

⁵ A lei federal nº 10.436/2002 determinou a obrigatoriedade de inserir a Libras na grade curricular dos cursos de formação de professores e de fonoaudiólogos. Essa lei foi regulamentada pelo decreto federal nº 5626/2005.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

teóricos gerais que buscam direcionar as pesquisas que tomem, em alguma medida, os sistemas gráficos como objetos de estudo. Neste trabalho, em virtude do recorte temático, dar-se-á atenção especial apenas ao primeiro princípio postulado por Olson, qual seja:

[...] a escrita foi responsável por trazer à consciência certos aspectos da linguagem falada; ou seja, por torna-los objetos de reflexão, análise e planejamento. Por isso a história da escrita é necessariamente um fator de compreensão das implicações cognitivas da escrita, pois diferentes sistemas gráficos trouxeram à consciência distintos aspectos da linguagem. (OLSON, 1997 [1994], p. 274-275).

Olson (1997 [1994], p. 275) explica como os diversos sistemas gráficos, numa progressividade temporal histórica, trouxeram à consciência humana certos segmentos linguísticos. Assim, os métodos primitivos de escrita, como as figuras e emblemas, faziam emergir a compreensão do *sentido* ou *tema* da figura. Já os sistemas gerais de escrita oriundos da Mesopotâmia, Egito, China e da América Central, comportavam uma sintaxe na combinação de símbolos que compunham uma proposição e não apenas uma expressão de sentido. Tais sistemas gerais possibilitaram, por exemplo, o registro de proposições negativas e fizeram emergir a entidade linguística das *palavras* à consciência. Posteriormente, as escritas silábicas e alfabéticas possibilitaram o reconhecimento consciente de outros segmentos linguísticos subjacentes à fala humana - as *sílabas* e os *fonemas*, respectivamente.

Essa propriedade da escrita, de "trazer à consciência certos aspectos da linguagem falada", pode ser relacionada à consciência metalinguística. Neste trabalho, a consciência é tomada como entidade mental de propriedade cognitiva que se define pela percepção, atenção, e análise deliberadas de sensações e estímulos diversos sob quais um indivíduo exerça alguma medida intencional de controle (STERNBERG e STERNBERG, 2017 [2014]). Isto posto, pode-se ampliar o entendimento de consciência metalinguística. Karmiloff-Smith *et al.* (1996, p. 198 *apud* SOARES, 2018, p. 125) explicam que a "consciência metalinguística envolve reflexão consciente sobre vários aspectos da língua, análise ou controle intencional desses vários aspectos – fonologia, morfossintaxe, discurso, pragmática – indo além dos processos normais inconscientes de produção ou compreensão."



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Ao passo que o alfabeto é um código utilizado como instrumento preciso de registro das línguas orais, possibilitando uma reflexão consciente acerca dos constituintes linguísticos dessas línguas (SCLIAR-CABRAL, 2015), o mesmo não se sustenta, contudo, como código capaz de registrar e revelar os constituintes linguísticos das línguas de sinais. É neste ponto que o sistema de escrita *SignWriting* constitui-se como alternativa viável de registro capaz de, parodiando Olson (1997 [1994]), 'trazer à consciência os aspectos da linguagem sinalizada'. Capovilla e Sutton (2009) esclarecem que o

SignWriting é um sistema de escrita visual direta de sinais. Ele é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais (i.e., os quiremas ou configurações de mãos, sua orientação e movimento no espaço e as expressões faciais associadas), do mesmo modo como o *Alfabeto Fonético Internacional* é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas faladas (i.e., os fonemas). (CAPOVILLA e SUTTON, 2009, p. 73, grifo dos autores).

Além de possibilitar a dissecação dos elementos lexicais e sublexicais que compõem o sinal, o *SignWriting* registra os elementos de coesão e coerência visual implicados na sintaxe do discurso sinalizado (BARRETO e BARRETO, 2015). Esse potencial de registro dos elementos corpóreo-visuais, material articulatório intrínseco às línguas de sinais, colocam o *SignWriting* em posição destacada em relação a outros sistemas de escrita das línguas de sinais. Stumpf (2016, p. 83) pondera que "os linguistas que trabalham com língua de sinais concordam, em sua grande maioria, que ele é o único, dentre os já criados, que se presta para a comunicação entre pessoas". Talvez, esse protagonismo do *SignWriting* deva-se ao fato de que a sua ortografia é bastante transparente se comparada às de outros sistemas de escrita de línguas de sinais cujas ortografias são demasiadamente opacas.

Todo esse potencial do *SignWriting*, brevemente apresentado no parágrafo anterior, o candidata como elemento ótimo facilitador da evocação da forma/significante (SAUSSURE, 2012 [1970]) dos sinais de qualquer língua de sinais, neste artigo representadas pela Libras. Anderson (2011 [2009], p. 180, grifos do autor) explica que "durante a evocação, em geral, buscamos uma memória específica – um fato, uma ideia ou uma experiência específica muitas vezes chamada de *memória-alvo* ou *traço-alvo*". Por isso, ele conceitua a evocação como um "processo de recuperação



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

de uma memória-alvo com base em uma ou mais dicas, trazendo subsequentemente o alvo para a consciência".

Para Anderson (2011 [2009]) os traços de memória relacionam-se mutuamente através de ligações denominadas *associações/links*. Ele prossegue explicando

Associações são elos estruturais entre traços que variam em força. Por exemplo, se eu lhe pedisse para nomear uma *fruta*, você poderia dizer rapidamente *banana*, mas goiaba também é uma fruta. O fato de *goiaba* não vir à mente tão prontamente reflete a sua associação mais fraca com *fruta*. (ANDERSON, 2011 [2009], p. 180, grifos do autor).

O sucesso da evocação de uma memória-alvo depende, dentre outras coisas, do nível de ativação da memória a partir da força da associação provocada pela dica de evocação. Isso quer dizer que

A quantidade de propagação da ativação a partir da dica até um elemento associado é maior quanto mais forte for a associação, e a ativação é propagada em paralelo a todos os associados. Se [a memória-alvo] acumula ativação suficiente a partir da dica, ela será recuperada, embora outros associados possam ser ativados também. (ANDERSON, 2011 [2009], p. 181).

Alguns professores de Libras têm utilizado a escrita alfabética de palavras em língua portuguesa em caixa alta, as chamadas glosas, como recurso de anotação e representação dos sinais da Libras estudados em sala de aula (ALBRES, 2012), com o propósito de facilitar a aprendizagem dos alunos e a recuperação dos sinais aprendidos. Contudo, as fragilidades do sistema de escrita alfabético latino, já apontadas nesta mesma seção, em representar os níveis linguísticos da Libras de modo a fazê-los emergir à consciência do aprendiz ou falante da língua, sugerem que as glosas dos sinais da Libras são dicas com baixo nível de ativação da memória, porque, ao contrário do SignWriting, não estabelecem uma relação direta com o objeto a ser evocado (ANDERSON, 2011 [2009]).

Da empiria docente à hipótese de pesquisa

Conforme apontado no introito desse trabalho, a maioria dos alunos dos cursos de licenciatura do país, que têm a disciplina Libras como componente obrigatório em sua grade curricular, não são surdos. O curso de Licenciatura em Ciências da Natureza



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

(CCINAT), ofertado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)⁶ no *campus* de Senhor do Bonfim-BA não foge a essa regra. Os relatos desta seção e alguns dados que serão apresentados aqui foram gerados em momentos de ensino e aprendizagem conduzidos pelo professor de Libras que assina a autoria deste artigo, por esta razão tais experiências serão narradas na primeira pessoa do singular.

A ideia inicial de ensinar Libras para os estudantes do CCINAT com o uso do sistema *SignWriting* surgiu a partir da leitura do artigo intitulado *Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte*, de autoria de Leite e McCleary (2009). Nesse trabalho os autores relatam as dificuldades que alunos adultos ouvintes enfrentam no percurso de aprendizagem da Libras como segunda língua. Dentre as dificuldades, destacam: o uso fluente da datilologia, domínio da morfossintaxe da Libras e, no plano semântico, as complicações decorrentes do domínio de vocabulário. Segundo eles, “a ausência de uma escrita de sinais resultou também em algumas dificuldades adicionais para os alunos ouvintes”, mas, em um dos cursos frequentados, “a introdução de um sistema de escrita de Línguas de Sinais, o *Signwriting* (SW), foi recebido de maneira positiva pelos alunos” (LEITE; MCCLEARY, 2009, p. 254 – 255, grifo dos autores).

A leitura desse artigo ativou o gatilho da minha curiosidade de experimentar o *SignWriting* durante minhas aulas de Libras, sem uma sistematização metodológica rigorosa, mas apenas como uma experimentação provisória, à guisa de um ensaio, visando captar a reação dos discentes e os potenciais resultados do *SignWriting* na aprendizagem deles. Cabe, por isso, alertar aos leitores de que os dados aqui apresentados não suportam uma conclusão teórica segura, senão ao levantamento de uma hipótese de pesquisa que se desdobra em minha tese doutoral em andamento. Como professor pesquisador da minha prática, porém, estou convencido que, também, “desenvolvem-se teorias a respeito dos saberes e conhecimentos docentes em situação de aula e, posteriormente, produção de conhecimentos pelos próprios professores” (PIMENTA; LIMA, 2012 [2004], p. 49).

⁶ Para conhecer o curso de Licenciatura em Ciências da Natureza ofertado no *campus* da Univasf de Senhor do Bonfim-BA, queira consultar o portal do curso pelo site: <<http://portais.univasf.edu.br/ccinat-sbf>>.



I CIELS-SUL

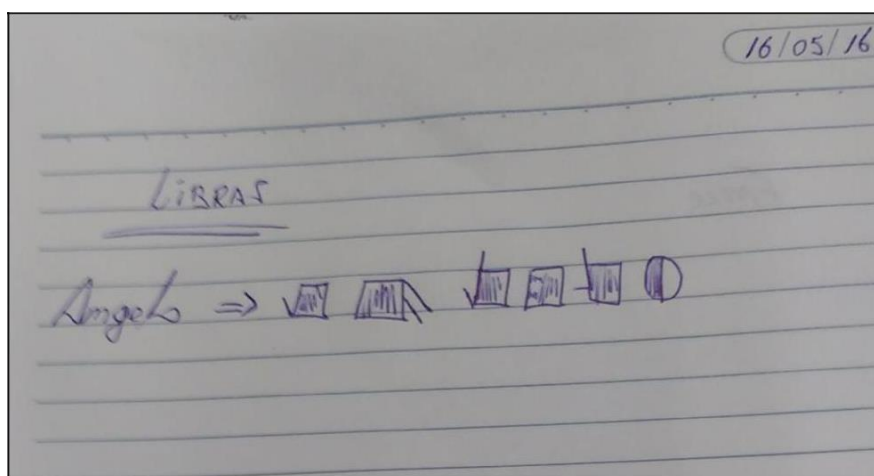
I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Os eventos de aula relatados aqui ocorreram durante o semestre letivo 2016.1, período que abrangeu os meses de abril a setembro do ano de 2016. Todas as aulas foram ministradas semanalmente em horário noturno ocorrendo sempre às segundas e sextas-feiras. A turma era composta de 22 alunos, 12 mulheres e 10 homens. Os ingressantes na disciplina tiveram seu primeiro contato formal com a Libras durante a disciplina, com exceção de uma discente que estava repetindo a disciplina. Pode-se dizer, portanto, que os estudantes estavam no mesmo nível de conhecimento linguístico da Libras – iniciante.

O primeiro encontro com a turma foi para docente e discentes se conhecerem. Iniciei apresentando-me em Libras, fazendo a datilologia do meu nome e escrevendo-o na lousa tanto em português como em *SignWriting*. Em seguida, usando o *SignWriting*, escrevi o meu sinal pessoal e expliquei do que se tratava. Terminada a minha apresentação, passei a perguntar o nome de cada aluno. Em resposta, diziam que não sabiam fazer o nome em Libras, por isso eu pedia que um aluno por vez escrevesse o próprio nome em português no quadro. Depois que o aluno escrevia seu nome, eu reescrevia o mesmo nome em *SignWriting* e o ensinava a sinalizar as letras, apontando e explicando a correspondência entre a configuração da mão e a sua respectiva representação em escrita *SignWriting*.

A seguir, apresento duas figuras que ilustram esse evento de aula:

Figura 1 – Anotação do discente Angelo



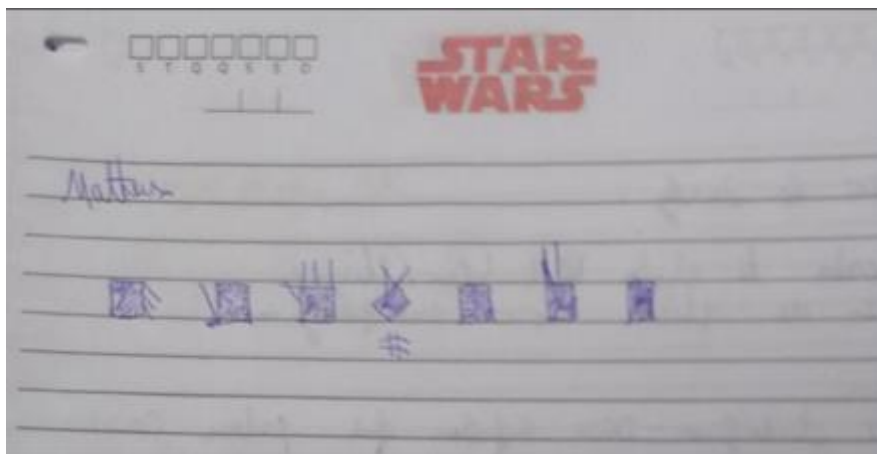
Fonte: Cedida pelo discente e elaborada pelo autor.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 2 – Anotação do discente Matheus



Fonte: Cedida pelo discente e elaborada pelo autor

É importante frisar que não solicitei aos discentes que fizessem nenhuma anotação em seus cadernos, essa iniciativa partiu deles próprios. No caso específico do aluno Angelo, o mesmo tinha uma rotina de trabalho noturno que dificultava a sua frequência regular às aulas de Libras. Depois de faltar a algumas aulas ele pôde comparecer e, buscando sondar a aprendizagem do mesmo, perguntei-lhe o nome em Libras. Ele pegou o caderno e abriu na página onde havia anotado o próprio nome em *SignWriting* – conforme Figura 1 – e fez a soletração manual, sem nenhum erro.

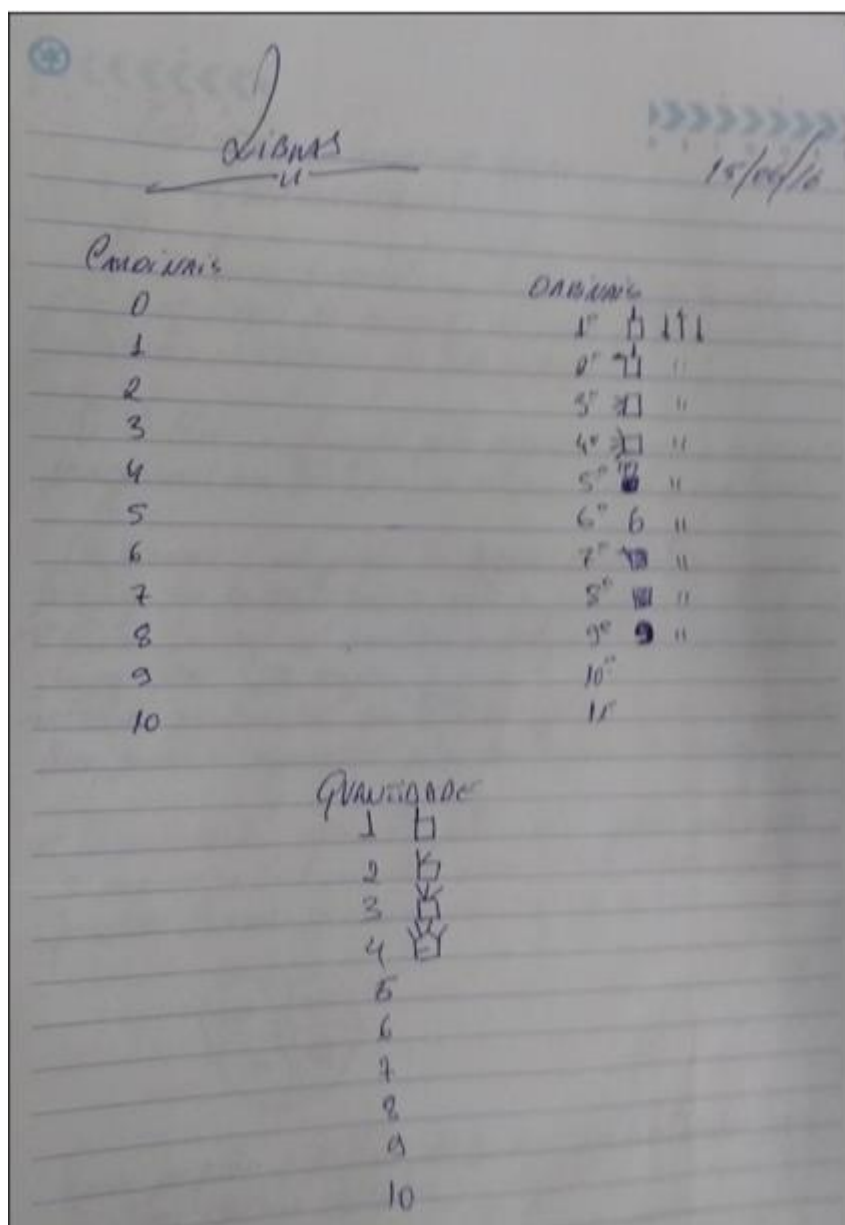
Em outro evento de aula, o assunto girava em torno do uso dos numerais em Libras em situações comunicativas. Expliquei as diferenças entre os numerais ordinais, cardinais e de quantidade e sobre algumas peculiaridades regionais na sinalização dos numerais. Apresentei essas diferenças utilizando o *SignWriting*, pois o mesmo permite explorar as mudanças nas configurações de mão e nos movimentos envolvidos na articulação de cada numeral sinalizado. Apresento abaixo as anotações de um discente referentes a essa aula:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 3 – Anotações do discente Josué



Fonte: Cedida pelo discente e elaborada pelo autor.

Pode-se observar nas anotações do discente Josué que ele busca anotar em *SignWriting* apenas o que é essencialmente necessário para uma posterior recordação. Por exemplo, na coluna dos numerais cardinais ele não fez nenhuma anotação em *SignWriting*, talvez porque não há diferença na configuração de mão desses números em relação aos ordinais que foram devidamente anotados. Ademais, percebe-se que o



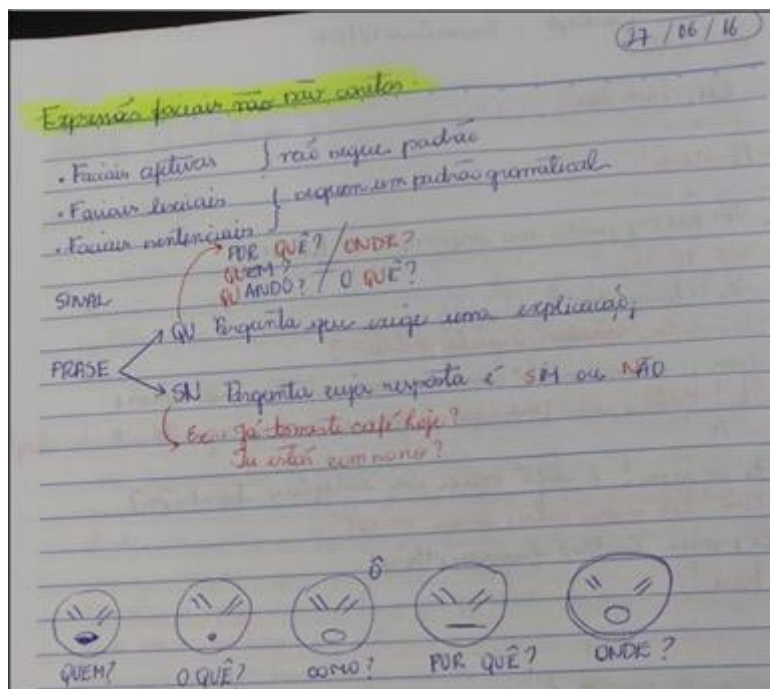
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

mesmo não escreve os numerais 6º e 9º em *SignWriting*, possivelmente pela iconicidade que esses numerais em Libras apresentam com a forma de seus referentes arábigos. Além disso, nota-se que na escrita dos numerais ordinais ele não repete as setas de movimento ($\uparrow\downarrow\uparrow$) presentes no primeiro numeral, em vez disso, ele utiliza um símbolo de aspas simples ("), comum à ortografia da língua portuguesa, para indicar que o símbolo de movimento se repete.

O terceiro e último evento de aula que ilustro a seguir, foi sobre o uso das expressões faciais de valor sintático, presentes nas sentenças interrogativas que requerem uma resposta explicativa do interlocutor – as chamadas interrogativas do tipo *qu* (o que, quem, onde, como, quando, por que, ect.) (QUADROS e KARNOPP, 2004). Essas expressões sentenciais apresentam um padrão no franzimento do cenho e alterações nos gestos bucais. Utilizando o *SignWriting*, fiz apontamentos na lousa para explicar as particularidades dessas expressões. Abaixo apresento as anotações feitas por um discente:

Figura 4 – Anotações do discente Rubecleiton



Fonte: Cedida pelo discente e elaborada pelo autor.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Acho importante destacar, das anotações do aluno Rubecleiton, que as mudanças dos gestos bucais, em cada partícula interrogativa, foram cuidadosamente anotadas. Segundo relato do próprio aluno, ele recorria a essas anotações, para exercitar as expressões faciais em frente ao espelho, nos momentos de estudo em casa.

A hipótese vem à tona

Os dados gerados nos eventos de aula, apresentados na seção anterior, não são suficientes para provar com consistência e profundidade nenhuma teoria. Ainda assim, foram suficientes para gerar inquietação e curiosidade acerca do lugar do *SignWriting* no ensino de Libras para pessoas não surdas. Se é verdade que alguns alunos, mesmo sem a solicitação do professor, fizeram anotações utilizando esse sistema de escrita e mais tarde recorreram ao que fora anotado, há indícios de um possível efeito de evocação a traços de memória do que foi estudado em sala de aula.

Ademais, quando o aluno Josué, por exemplo, acha necessário anotar a escrita de todos os numerais em *SignWriting*, com exceção dos numerais 6º e 9º, fortalece a suspeita de que o discente considera o *SignWriting* útil, principalmente, para recordar aqueles números cujas formas (significantes) em Libras não apresentam semelhança direta com os seus correspondentes arábicos. Por outro lado, as anotações do discente Rubecleiton parecem apontar para o potencial do *SignWriting* em trazer à consciência do aprendiz um aspecto sintático das sentenças interrogativas – as expressões faciais sentenciais.

Todas essas elucubrações, serviram de insumo para a elaboração da hipótese de pesquisa que a minha pesquisa de doutorado, em curso desde março de 2017, busca uma resposta de confirmação ou falseamento, a saber: *o uso do sistema, SignWriting no ensino de Libras para acadêmicos não surdos, favorece a ativação da consciência metalinguística e a evocação de traços de memória-alvo desses aprendizes*. A conclusão da pesquisa, quer confirme quer negue essa hipótese, faz-se necessária porque não encontrei, até o momento, nenhum estudo científico sistemático no Brasil,



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

corroborado por dados empíricos, que explique se o *SignWriting* realmente favorece a aprendizagem da Libras por alunos não surdos.

Os principais desafios que se colocam atualmente no percurso da minha pesquisa de doutorado são: a exigência de uma articulação interdisciplinar para compreensão, detalhamento e clareza do que subjaz os fenômenos e o objeto de pesquisa em foco; a carência de bibliografia em língua portuguesa que trate da relação entre leitura, consciência metalinguística e evocação; a dificuldade para definição da metodologia e dos instrumentos serem adotados para a obtenção dos dados durante a pesquisa de campo que se aproxima. Tais desafios servem-me de lembrete diário da responsabilidade e seriedade que uma tese demanda.

Considerações finais

A proposta central deste trabalho foi apresentar a empiria docente em sala de aula como alternativa fecunda para o levantamento de hipóteses de pesquisas que resultem em teorias que aprimorem o processo de ensino e aprendizagem. Com dados do Censo da Educação Superior, o autor demonstra que parcela significativa dos universitários brasileiros já cursou ou irá cursar a disciplina Libras em suas respectivas licenciaturas. Essa demanda de aprendizes de Libras não surdos, faz emergir a necessidade de estudos que busquem compreender, com mais clareza e objetividade, as peculiaridades do ensino dessa língua nos cursos de graduação.

Destarte, foi apresentado um breve recorte teórico sobre o sistema de escrita de língua de sinais *SignWriting* e sua relação com a consciência metalinguística e a evocação. O intento foi apresentar um fundamento que sustente a premissa de que o *SignWriting*, por captar os constituintes sublexicais, lexicais e sintáticos das línguas de sinais, possibilita aos aprendizes de Libras a percepção consciente desses constituintes. Ademais, o autor procura apontar para o potencial do *SignWriting* como escrita cuja leitura fornece dicas de evocação compatíveis com o objeto (significante) a ser evocado – os sinais da Libras.

O trabalho trouxe, como eixo metodológico, a apresentação de relatos empíricos vivenciados pelo autor, então na condição de professor, que serviram de



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

ensaio para o seu anteprojeto de doutorado, atualmente em curso. Defendendo a prática docente em sala de aula como espaço gerador de pesquisa, o texto, ao apresentar o percurso originador da hipótese de pesquisa, se propõe, não apenas a divulgar um estudo doutoral em sua fase embrionária, mas, também, a estimular em outros docentes um olhar mais atento aos problemas de pesquisa que podem emergir de sua própria empiria cotidiana.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 125 – 149, 19 de agosto de 2012.

Disponível em:

<<http://www.revel.inf.br/files/6e9e138e1df0292c48e355324465cb64.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ANDERSON, Michael C. Evocação. In: BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael W. **Memória**. Traduzido por Cornélia Stolting. Porto Alegre: Artmed, 2011 [2009]. p. 178 – 206.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2. ed. rev. atual. e ampl. Salvador: Libras Escrita, 2015.

CAPOVILLA, Fernando César; SUTTON, Valerie. Como ler e escrever os sinais de Libras: a escrita visual direta de sinais Sign Writing. In: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume I: sinais de A a H**. São Paulo: Edusp; Inep; CNPq, 2009. p. 73 – 121.

LEITE, Tarcísio de Arantes; MCCLEARY, Leland. Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Org.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. p. 242 – 277.

MEC/Inep. **Resumo técnico: Censo da Educação Superior 2015**. 2. ed. Brasília: Inep, 2018a. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2015.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MEC/Inep. **Censo da Educação Superior 2017: divulgação dos principais resultados**. Brasília: Inep/Deed, 2018b. Disponível em:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

<<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

OLSON, David Richard. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 1997 [1994].

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012 [2004].

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1970].

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Psicolinguística e alfabetização. In: MAIA, Marcus (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. p. 113-128.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

STERNBERG, Robert J.; STERNBERG, Karin. **Psicologia cognitiva**. Traduzido por Noveritis do Brasil. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017 [2014].

STUMPF, Marianne Rossi. O estado da arte da escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: uma meta-análise. In: BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tânia Aparecida; SEIDE, Márcia Sipavicius (Org.). **Entre a Libras e o Português**: desafios face ao bilinguismo. Cascavel, PR: EDUNIOSTE; Londrina: EDUEL, 2016. p. 83-116.

PARTE II

Trabalhos Científicos



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

OS RELATOS DA EVOLUÇÃO DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS: estudos e produções

Wilson Miranda – UFSM

Paula Maiane Cavalheiro – Escola Cóser

Sonia Messerschmidt – Escola Cóser

Aline Pedrozo – Escola Cóser

Jeferson Miranda – Escola Cóser

Este Trabalho científico tem com o objetivo de relatar a nossa pesquisa sobre a evolução da escrita de Língua de sinais, dentro do projeto intitulado “A Leitura e Escrita em Língua de Sinais: Estudos e Produções”, com o eixo temático: a educação. Se introduz com os professores surdos de LIBRAS, em Santa Maria - RS, da trajetória histórica de atravessamentos e desdobramentos no ensino de Escrita de Língua de Sinais nos vários espaços escolares e universitários, evoluindo-se assim novas experiências, novos significados, novos conhecimentos e novas produções de materiais de ensino. É importante ressaltar que a produção do conhecimento relacionada a este projeto junta-se as particularidades linguísticas e de identidades culturais do Ser Surdo. Objetivo: Trocar experiências, pesquisar, desenvolver, implementar e avaliar as produções de materiais didáticos de leitura e escrita em Língua de Sinais a serem produzidos pelos professores de LIBRAS em diferentes modalidades da Educação Básica junto o Curso Normal Para Formação de Professores Surdos, da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. Este projeto da UFSM liga-se com esta Escola. Metodologia: Foram realizados os estudos e produções exclusivamente com professores usuários de LIBRAS. Trabalhamos com os procedimentos metodológicos de acordo com a reflexão metodológica de Fardouly (2002) apud Vilson Leffa (2008) que salienta que como produzir materiais de ensino é uma sequência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem. Essa sequência de atividades pode ser descrita de várias maneiras, envolvendo pelo menos quatro momentos: 1) análise, 2) desenvolvimento, 3) implementação e 4) avaliação. Idealmente essas quatro etapas devem formar um ciclo recursivo, onde a avaliação leve a uma nova análise, reiniciando um novo ciclo.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Foram realizados os estudos e produções conforme resultados ou impactos esperados

1 - Escola Bilíngue de Surdos:

Os professores sentiram a importância da necessidade de uma escola bilíngue que atendesse o desenvolvimento humano dos cidadãos surdos, que perceberam que a continuidade da luta exigia conhecimentos da vida cotidiana, compreendendo as questões políticas, econômicas e sociais. Dessa forma começa uma nova luta do movimento, a luta pela educação bilíngue de surdos.

O movimento decidiu se engajar na mobilização da luta pela escola, para produzir uma proposta pedagógica diferenciada e formar professores bilíngues para atuarem na escola.

A constituição da escola se deu devido à preocupação das famílias dos surdos com a escolarização dos seus filhos, pois a grande parte deles possuía um baixo nível de escolaridade, a falta de currículo adequado, a falta de metodologia de ensino de Língua de Sinais como primeira língua e não desejavam o mesmo para seus filhos. Mas a escola deveria ser diferenciada, com professores e alunos envolvidos na luta do movimento, valorizando a vivência do educando e considerando que as crianças surdas possuem uma história de vida diferente de outras crianças. E o mais importante de tudo é que deveria trabalhar com os educandos a luta e a história do movimento, para que seja lembrada e valorizada pelas novas gerações que lhe darão continuidade.

No início de sua trajetória, a preocupação era o futuro das muitas crianças surdas, depois, a conquista da escola legal, e logo em seguida o tipo de metodologia de ensino a desenvolver nessa escola que tinha de ser necessariamente diferente em vista das circunstâncias e do jeito de atuação de aluno. O foco, no momento, é **estudo sobre a leitura e escrita em Língua de Sinais, a primeira língua.**

A Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, inaugurada em 07 de março de 2001. Atua na educação de alunos surdos, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental, EJA (Anos iniciais e finais), Ensino Médio, Curso Normal - Formação de Professores Surdos, localizada na Rua Valdemar Coimbra, s/n,



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Vila Lorenzi, Santa Maria/RS. Constitui-se com um diretor surdo e uma supervisora pedagógica ouvinte, trinta e cinco professores ouvintes e cinco surdos, duas turmas estagiários surdos do Curso Normal, dois funcionários surdos e alguns ouvintes, um intérprete de Libras / Língua Portuguesa.

A Escola tem como filosofia uma proposta de educação bilíngue para surdos, a Língua de Sinais como primeira língua e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua. Este ambiente linguístico tem como propósito promover o desenvolvimento do cidadão analítico, reflexivo, crítico, capaz de transitar emocional e intelectualmente pela sociedade.

2 – Produções de materiais didáticos:

Na cidade de Santa Maria, no início os professores usuários de LIBRAS que atuam na escola de surdos, sentiam a falta de formação sobre a metodologia de ensino especialmente a Escrita de Língua de Sinais, para tanto, há poucas pesquisas sobre essa ou existe poucos materiais didáticos para ensinar, bem como há poucas referências bibliográficas sobre estas especialmente as que trazem a Escrita de sinais, a Literatura Surda e registros de leituras em Língua de sinais como polígrafos, filmes de vídeo, tem um polígrafo “Metodologia de Ensino de LIBRAS-L1” do Curso de Letras/LIBRAS-EAD, da UFSC, de Basso, Strobel & Masutti (2009 p. 4 e 5) que narram salientando:

Há poucos anos atrás a LIBRAS não existia como disciplina escolar. A regulamentação da Lei através do Decreto-Lei nº 5.626/2005 proporcionou uma revisão nos estudos e procedimentos a respeito do ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – no contexto educacional do nosso país. Nossos profissionais surgiram no cenário educativo: o professor de LIBRAS e o intérprete de Sinais, como figuras imprescindíveis para que o acesso aos conhecimentos fosse possível aos alunos surdos, usuários da LS.

Paralelo ao aspecto da legislação, estudos sobre a Língua de Sinais (LS) reconhecem a necessidade de os alunos aprenderem esta língua nos diversos contextos de suas vidas, entre eles a escola. Entretanto, ainda não aconteceu



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

mudanças curriculares significativas na Educação Básica. A LIBRAS ainda é uma disciplina à parte da grade curricular na maioria das escolas e, muitas vezes, é compreendida como instrumento de comunicação entre surdos e não uma disciplina como demais.

É importante lembrar que o ensino de LS é uma proposta com fins definidos: o aluno surdo que adquire e aprende a LS no início de sua escolarização – educação infantil e primeira etapa do ensino fundamental – é aquele que terá experiências e competência linguística suficiente para, não somente acessar o conhecimento, mas também transformar esse conhecimento de forma crítica e ativa. E mais do que isso: a língua de sinais é a língua por meio da qual as identidades surdas são constituídas e a cultura surda se manifesta.

Buscando dar conta da aplicação da Lei. Os gestores das instituições educativas públicas e privadas iniciaram uma busca desenfreada por surdos que ensinasse LIBRAS nestas instituições. Estes professores foram contratados com uma dupla função: ensinar a LIBRAS como L1 para os alunos surdos e como L2 para os ouvintes (em especial os professores ouvintes, com vistas à formação de profissionais bilíngues).

Este processo trouxe uma problemática, dentre a qual destacamos: A falta de clareza entranhável do sistema de escrita de Língua de Sinais. Esta problemática nos mostra o longo caminho que ainda temos a percorrer para pesquisar e criar o novo sistema de Escrita de LS e ter o ensino e aprendizagem de LIBRAS como primeira língua e dar algumas respostas aos muitos questionamentos que os professores surdos fazem a respeito de sua prática pedagógica.

Aplicações e benefícios da Escrita de Sinais

Stumpf (2005) afirma que: A escrita preenche funções específicas...Descobrir essas funções pressupõe usar uma escrita com significado. A fala interior é uma fala condensada e abreviada...Quando nos comunicamos passamos não apenas uma mensagem, mas a nossa maneira de ver, sentir e ler o mundo.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

"A escrita de sinais em sala de aula aparece como característica da Cultura Surda, assim como o estabelecimento da Literatura Surda". (NOBRE, 2011, p. 28). Nas atividades escolares e leitura e a escrita de língua de sinais permitirão segundo Stumpf (2005, p. 46, 100) "um trabalho muito mais consistente com a língua de sinais que precisa ser completa e bem construída, para possibilitar ao surdo o acesso a todo conhecimento, [...] o que pode levar ao bilinguismo pleno".

Neste sentido, Quadros (2003 apud STUMPF, 2005) afirma que: A escrita da língua de sinais capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais. Se as crianças (surdas) tivessem acesso a essa forma de escrita para construir suas hipóteses a respeito da escrita, a alfabetização seria uma consequência do processo. A partir disso, poder-se-ia garantir o letramento do aluno ao longo do processo educacional.

Nobre (2011, p. 28) afirma que a aquisição da Escrita de Sinais possibilita a "tradução para a língua de sinais de um volume quase infinito de informações. Ao mesmo tempo a escrita é importante para a comunicação em qualquer nível", desde um bilhete, anotação, agendamento de atividades, e-mail, carta ou convite, "podendo ser registrado de um pensamento a um livro".

Além de esperarmos as novas experiências e produções, com resultados ou não, impactos, embasado nos questionamentos dos autores sobre como criar o novo sistema de Escrita de LS para produzir materiais didáticos: O que ensinar a Leitura e Escrita em Língua de Sinais? Como materializar / produzir para ensinar a ler e escrever em primeira língua? Como ensinar aos alunos com experiências visuais tão diversas? Como Enfocar a literatura em Escrita de Língua de Sinais entranhável? Como ensinar a ler e escrever os sinais? Como os alunos aprender e registrar a Língua de Sinais com escritos? Como busca alternativas para constituir a Leitura e Escrita de Língua de Sinais em diferentes níveis educativos?

Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos em três momentos. No primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico que contemplou o tema do estudo, com leituras, contribuindo no enriquecimento de conhecimento e alternativas de ensino e, portanto, na construção de materiais didáticos em Escrita de Língua de Sinais. Foram feitas discussões em algumas reuniões o estudo e produções



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

de materiais, fundamentados na temática que abordam a Leitura e Escrita em Língua de Sinais, a produção do conhecimento, produção de materiais, formação de professores, entre outros.

Posteriormente, foram desenvolvidas as atividades e os recursos didáticos, através de estudos, pesquisas, discussões e produções no local onde se realizou o projeto, buscando integrar professores e alunos através das dinâmicas de ensino-aprendizagem com materiais didáticos concretos e filmes.

Num terceiro momento realizou-se a aplicação dos recursos em classe e a avaliação dos resultados obtidos. Realizaram-se atividades didáticas na Escola de Surdos utilizando recursos alternativos combinados com o contexto escolar, a fim de (re) significar a teoria no contexto com a prática, buscando contribuir na superação das dificuldades encontradas.

Portanto, a continuidade do projeto oportuniza a pesquisa, discussões e reflexões sobre a Leitura e Escrita em Língua de Sinais: Estudos e Produções que, mesmo amplo e curto prazo, no início carece de recursos, mas, mesmo assim, os professores mantêm firme sua luta pela consecução de algumas produções ou a produzir a escrita de Língua de Sinais como revistinhas em quadrinhos, calendário e polígrafos de alguns sinais em sistema de escrita evoluída, com ensaios e mudanças.

O projeto significa uma alternativa na busca por soluções dos mais variados desafios, em especial, a criação do novo sistema de Escrita de Sinais e a construção de recursos didáticos, como a leitura e escrita em Língua de Sinais indispensáveis para um ensino diferenciado e de qualidade, possibilitando ao educando a construção do processo de aprendizagem através da sua participação nas aulas.

Devido à necessidade de recursos didáticos pedagógicos, principalmente para o ensino dos conceitos fundamentais em cada matéria/disciplina ou em maneira interdisciplinar, para o ensino em realidades educacionais diferenciadas, como é o caso da Escola Bilíngue de Surdos, é de vital importância à continuidade do projeto na perspectiva de avançar na construção de uma educação diferenciada através da dinamização das atividades pedagógicas e da construção do conhecimento voltado à realidade da identidade linguística e cultural e suas significações.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Conclusão e síntese dos principais resultados do trabalho

Com o desenvolvimento desse projeto observou-se que os trabalhos realizados com auxílio de leituras, discussões e mostra de alguns recursos bibliográficos e tornam-se mais atrativas, fazendo com que os educandos participem ativamente das atividades propostas, não sendo apenas um mero espectador, mas participante na construção dos conceitos fundamentais sobre A Leitura e Escrita em Língua de Sinais: Estudos e Produções.

Os estudos e produções serão realizados conforme resultados e/ impactos esperados:

Com o primeiro trabalho realizado nas reuniões o estudo e produções sobre leitura e escrita de Língua de Sinais, notou-se que alguns professores apresentavam dificuldades para se descreverem e de se expressarem, pois desconhecem esta temática especialmente a Escrita de Sinais dentro da educação diferenciada com uma história de exclusão social pela política educacional nacional.

No segundo trabalho, percebeu-se que eles tinham pouco conhecimento em relação à Escrita de Sinais, continuamos a estudar, discutir e explorar esta escrita através de livros e pelo internet. Apesar do andamento no desenvolvimento da atividade, os professores aprenderam através das palestras as noções de escrita de sinais, através das suas relações e especificidades com a teoria e a prática.

Encontrou-se dificuldades para ministrar o estudo e produções de materiais devido aos problemas de agendamento e também a dificuldade para fazer os recursos por falta de materiais escolares, assim poucos recursos didáticos foram confeccionados pelos professores e coordenador.

No terceiro trabalho percebemos que esse sistema de Escrita de LS antiga, criada por Valérie Sutton, americana ouvinte, possui antiga, obscura, não entranhável para aprendizagem e para criar produtos próprios, automáticos. Portanto, nós decidimos criar o novo sistema de Escrita de LS aqui em Santa Maria, com ensaios.

Com a sucessão das atividades adquirimos experiência e aprendemos a superar nossas limitações no ensino e nas produções. As atividades planejadas, desenvolvidas,



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

contribuíram para a articulação entre a teoria e a prática. Apresentamos este na Escola de Surdos, Escola E.E.E. Dr. Reinaldo F. Cóser e noutros lugares.

Por isto, o outro participante, Jéssica Garzão, acadêmica voluntária, apresentou o banner no JAI 2016.

E eu fiz o relatório de 2016 modificado um pouco, conforme a situação real do trabalho em andamento.

Enfim, o projeto possibilitou nossa qualificação como professores em formação na medida em que trabalhamos com uma proposta educacional voltada a uma realidade social diferenciada, com ênfase na educação bilíngue de surdos. O contato com essa realidade educacional diferenciada nos fez refletir sobre a problemática da língua, as condições de vida dos surdos e a formação dos professores e a importância dos recursos didáticos para a Escola Bilíngue de Surdos.

As atividades dos professores compreenderam a realização das atividades educativas abordando o tema gerador, o resgate histórico da Escola Bilíngue de Surdos e a questão de produções de materiais de ensino da Língua de Sinais como primeira língua, necessidades imediatas apontadas pelos professores. Além disso, realizaram na constante reflexão acerca das práticas desenvolvidas nesta escola e como atuar nesta realidade diferenciada na busca de minimizar as carências, respeitando este espaço-tempo.

Referências

LEFFA, Vilson J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **Produção de materiais de ensino: prática e teoria**. 2. ed. Pelotas: Educat, 2008.

NOBRE, Rundesth S. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica da escrita em Sign Writing**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OVIEDO, Alejandro. **Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839): pioneiro de los estudios sobre a sordera**. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <<http://www.cultura-sorda.eu/4.html>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

STROBEL, K. L.; BASSO, I. M. S.; MASUTTI, M. **Metodologia do ensino de LIBRAS como L1**. Florianópolis, UFSC: 2009.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

STUMPF, M. R. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para osurdo. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.) **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SUTTON, V. **Sign Writing**: manual. [S.l.: s.n.], 1996. Disponível em: <www.signwriting.org>. Acesso em: 10 dez. 2018.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

NOTAS INTRODUTÓRIAS DO TEATRO: a tradução utilizando o SignWriting

Kemi Oshiro Zardo– UFRGS⁷

Vinicius Martins Flores – UFRGS⁸

Resumo: Na atualidade há um aumento de oferta de acessibilidade para pessoas com deficiência. Sendo assim, os diferentes serviços são disponibilizados, como audiodescrição, legendagem, interpretação para a Libras – Língua Brasileira de Sinais, entre outras. Dessa forma nosso artigo propõe e discute o acesso antes do evento cultural, mais especificamente no teatro, por meio da tradução de uma nota introdutória teatral, nomeada por algumas companhias de teatro por cartazes como *teasers* ou programação. Com o objetivo geral de propor um material na primeira língua do sujeito surdo, apresentamos um esboço de tradução do material produzido pelo Armazém Companhia de Teatro, peça: Hamlet, de William Shakespeare; dirigida por Paulo de Moraes em 2018. O material configura-se como um informativo, sendo que, para o produto final optou-se por usar o sistema de escrita de sinais – *SignWriting*. A ideia é um começo para repensar a forma de informar o espectador sobre as informações teatrais, transformando o espaço, sendo mais acolhedor.

Palavras-chave: Teatro. *SignWriting*. Acessibilidade. Libras.

Introdução

É notável um crescente de peças teatrais ofertando acessibilidade comunicacional para a comunidade surda, considerando que a legislação referente a Libras – Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2002; BRASIL 2005) já foi estabelecida por mais de uma década. O setor cultural comemorou a sanção do decreto publicado em junho do presente ano (2018) que especificou o número de espaços reservados às pessoas com deficiência em teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte e outros equipamentos culturais. A ampliação da acessibilidade foi assegurada pelo

⁷ Graduanda em Letras – Bacharelado em Tradução e interpretação em Libras/Língua Portuguesa. E-mail: <diego.rafael@ufrgs.br>.

⁸ Doutorando em Letras - Psicolinguística. E-mail: <viniciusmartinsf@gmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Decreto 9.404/2018, publicado pela Presidência da República e elaborado conjuntamente pelo Ministério da Cultura (MinC), o Ministério do Esporte e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. O documento reforça a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que prevê a garantia de um percentual de espaços para pessoas com deficiência.

Essa mesma legislação (BRASIL, 2015) aponta que para obtenção do financiamento, as salas de espetáculo deverão dispor de meios eletrônicos que permitam a transmissão de subtítuloção por meio de legenda oculta e de audiodescrição, além de disposições especiais para a presença física de intérprete de Libras e de guias-intérpretes, com a projeção em tela da imagem do intérprete sempre que a distância não permitir sua visualização direta.

Dessa forma nosso estudo consolidou em propor o acesso antes do evento cultural, ou seja, optamos pelo teatro, especificamente em tradução de uma nota introdutória teatral, nomeada por algumas companhias de teatro por cartazes, teasers ou programa. Com o objetivo geral de propor um material na primeira língua do sujeito surdo, iniciamos um esboço de tradução do material produzido pelo Armazém Companhia de Teatro, peça: Hamlet, de William Shakespeare; dirigida por Paulo de Moraes em 2018.

Subsídios para a pesquisa

A pesquisa permeou as questões terminológicas e o formato de apresentação da mesma. Sendo uma área nova de pesquisa, a dificuldade enfrentada foi localizar estudos anteriores que se remetem a tradução em escrita de sinais utilizando o sistema de escrita SignWriting em notas introdutórias de teatro. Portanto, nos coube uma responsabilidade em discutir além da tradução, mas tocar em assuntos como a funcionalidade de uma nota introdutória, diagramação e as questões terminológicas.

O teatro é uma das mais antigas formas de expressão do homem, com eminente intuito estético, de apreciação sensível e comunicação. Nas festividades dionisíacas que marcam os primórdios das manifestações teatrais no Ocidente, todos participavam das danças, cantos, rituais e representavam outros que não a si próprios, em estados de êxtase provocados pelo vinho e outras substâncias alucinógenas. Quando alguns dos participantes afastam-se do grande grupo e passam a participar das



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

práticas, mas desta vez não enquanto atuantes, e sim como observadores, distanciam-se aqueles que agem (atores) daqueles que veem (espectadores), e temos o princípio do teatro como o concebemos contemporaneamente. Desde seus primórdios o teatro esteve ligado aos rituais sagrados e aos dias de festividades e comemoração, uma quebra do espaço-tempo cotidiano em que outros mundos e atmosferas fazem-se possíveis, tornam-se carne através dos atores. Espaço privilegiado em que deuses e heróis humanos interatuam e comunicam àqueles que observam, que expectam e esperam (FERREIRA, 2005, p. 104).

As discussões podem ser levadas para diferentes direções, como visto, Ferreira (2005) coloca que o teatro é um lugar de diferentes possibilidades de interpretações. Então o tradutor será mais um no processo a compreender a mensagem de uma forma que perpassa por seu conhecimento e vivências de mundo.

Para Dias e Lopes (2012), as pesquisas necessitam ser aprofundadas em seis eixos para que o teatro seja acessível para todos, os quais são: (1) Motivações individuais para frequentar o teatro; (2) fatores que afastam as pessoas do teatro; (3) condicionantes financeiros no acesso ao teatro; (4) Preconceitos em relação à oferta teatral; (5) relação entre público e instituições teatrais; (6) papel das organizações da sociedade civil na divulgação do teatro. Esses eixos apresentados foram analisados por Dias e Lopes (2012), que acompanharam o processo da criação a execução do projeto de teatro. Como resultado para solucionar as problemáticas de cada eixo, foi necessária uma equipe multidisciplinar composta por nove elementos (incluindo os criadores) distribuídos por áreas de conhecimento tão multifacetadas como: teatro, produção cultural, vídeo, sociologia, assistência social e animação sociocultural.

É interessante notar que mesmo com um grupo tão diverso, os estudos de Dias e Lopes (2012) não citam a acessibilidade para pessoas com deficiência. Mas os estudos apontam dados importantes para pensarmos os nossos estudos relacionados às notas introdutórias em escrita de sinais. Já que o estudo de Dias e Lopes (2012) foi de cunho exploratório realizando uma pesquisa-ação com entrevistas, temos dados como este:

"Que a gente lê os cartazes, aquilo às vezes não nos diz nada! O que é que aquilo nos diz? Ainda agora está lá um... só vê um homem, e umas letras assim e não sei quê. Aquilo não diz nada à gente! Não me diz nada não vou!"
- Gracinda, empregada de limpeza – (DIAS; LOPES, 2012, p. 104).

Analisar os estudos de Dias e Lopes (2012) nos proporciona uma reflexão sobre o acesso desses materiais na modalidade escrita da língua portuguesa, já que para o



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

surdo essa é a sua segunda língua (BRASIL, 2002). Se para a entrevistada Gracinda, que é ouvinte, e possui uma formação básica escolar e lê em primeira língua, como deve ser esse processo para o espectador surdo que recebe um material impresso? Outro fator interessante da pesquisa estudada foi a grande reclamação dos entrevistados em ter que ler o material de divulgação do teatro na segunda língua, por ficarem limitados a falta de informação, ou pela não compreensão dos cartazes. Da mesma forma, acreditamos que para o surdo deve ser algo complexo ler os materiais na sua segunda língua, sendo que em determinadas peças teatrais os informativos podem ser apresentados em outras línguas, ou seja, parte das informações em inglês e parte em língua portuguesa.

[...] nas sociedades com melhor nível de vida, onde os consumidores são, em geral, mais instruídos, com maior acesso à informação e por isso mais exigentes e seletivos, que se torna essencial estudar os seus gostos, interesses, necessidades, comportamentos e hábitos, para procurar satisfazê-los da melhor forma, rentabilizando atividades e obtendo lucros financeiros (DOMINGOS, 2010, p. 6).

Para Domingos (2010) os *teasers*⁹ produzidos serviriam dois escopos, e funcionariam como (1) mecanismos de discussão e confrontação representacional; e como (2) instrumentos de divulgação do projeto à comunidade. Os achados de pesquisa de Dias e Lopes (2012) demonstram que a programação cultural disponibilizada é inacessível, ou melhor, de difícil interpretação, criando um certo hiato entre o possível público com o teatro. Em outras palavras, as informações de uma programação devem ser claras e com uma linguagem acessível.

Outros dois pontos são importantes e que auxiliam a justificar a presente pesquisa. A primeira é o veículo de comunicação, pois o material impresso é ainda de grande valia, já que materiais em vídeo são mais caros por exigirem uma produção maior (e as pequenas companhias não possuem orçamentos para tanto). Ficando assim os cartazes/*teasers* como meio de alternativa comunicacional mais comum e eficaz, podendo os mesmos serem usados de forma impressa ou em redes sociais.

Discussões

⁹ Teasers e cartazes para esse estudo são considerados de mesma finalidade, pois compreendemos que os dois servem para informar, conforme Tameirão (2018).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

O estudo aqui proposto ocorreu de forma inicial, mas destacamos alguns pontos para uma análise deste primeiro produto. Uma das primeiras preocupações foi localizar a referência terminológica para definir os sinais dos personagens, o que ocasionou uma busca por vídeos de tradução sobre a peça.

Quadro 1 – Termos

Hamlet	Shakespeare

Fonte: Elaborado pelos os autores (2018).

Como percebe-se no quadro 2, o original apresenta informações em duas línguas, sendo uma delas na língua original, no caso a língua inglesa. Isso para o sujeito surdo pode ser um entrave de entendimento, já que para ler teriam que ter o domínio do inglês, além do português como segunda língua e a Libras. Outro ponto é uma grande quantidade de informações, espalhadas num design gráfico com imagens, disposição de letras que formam o nome da peça. Ou seja, para conseguir organizar uma tradução completa do material é necessário propor um novo texto compactado e um novo design para ficar legível a escrita de sinais.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Quadro 2 – Miolo

Original – Miolo



A história de *Hamlet* é a história da destruição de uma ordem estabelecida. A destruição é um tempo em que o consentimento coletivo (e inconsciente) à manipulação está em toda parte e ao redor de todos. *Hamlet* (a personagem) é o agente provocador da destruição desta ordem. E Shakespeare, pra quem desconheço, é um genial dramaturgo recém-descoberto, com algumas coisas urgentes a dizer sobre a guerra, sobre a loucura do mundo e sobre nossos líderes políticos modernos.

O mundo em *Hamlet* é uma representação. Todos tem seus papéis previamente determinados. E *Hamlet* (a personagem) faz parte deste mundo, embora não aceite o papel que lhe foi reservado. Isolado, persegue a verdade e tenta ser mais verdadeiro do que, provavelmente, é possível ser. No caminho, buscando conhecer a si mesmo integralmente e também conhecer integralmente as pessoas ao seu redor, *Hamlet* vai se fragmentando. Quando decide representar, escolhe a loucura como personagem. Mas nosso tempo é o caos e acortou um curto-circuito.

Eu estava ouvindo Heroin, na voz de Lou Reed.
(I wish that I was born a thousand years ago)

Away from the big city
Where a man cannot be free

Of all the evils of this town

And of himself and those around

Oh, and I guess that I just don't know)

quando pensei ter encontrado o tom que *A Ratoeira* teria em *Hamlet*.

A Ratoeira é a peça que *Hamlet* (a personagem) decide apresentar pra desmascarar o assassino de seu pai. É esse momento — quando *Hamlet* forma uma espécie de banda de garagem, de performance underground, pra tentar que a exposição tosca da verdade jogue uma certa luz sobre a história — é o ápice da loucura fingida de *Hamlet*. A partir dali, a loucura de *Hamlet* torna-se a loucura do mundo e vice-versa.

Ou seja, na loucura do mundo deste início de século (um tempo de dissensões e insensibilidades sociais, de uma prontidão absurda para abusar do poder), *Hamlet* já não finge loucura, ganha a estatura de um não-herói e se transforma num personagem envolvido num jogo político muito maior do que ele. Prensado contra a parede, ele absorve a loucura de seu tempo e torna-se um sujeito destrutivo, atormentado e letal. Um *Hamlet* cheio de som e fúria.

A *Elisnora* de nosso tempo (o lugar desta história) é um perigo real. Lá, as esferas do público e do privado se confundem, estão indistintas. Todos espionam a todos. Alguém se sente seguro ali? Alguém ali? E Shakespeare, nosso genial e caótico dramaturgo, destila sua raiva, seu desespero, seu desejo de beleza e anseio por um mundo novo. O resto é silêncio?

Paulo de Moraes



Agradecimentos:

Maria Luiza Seloni de Moraes, Alessandra Felício, Amanda Cardido, Ana Madalena Guimarães Martins, André Mielnik, Antônio Salvador, Barbara Heliodora, Cam Louro, Daniel Braga, Eva Vaz, Martins, Fernando Eraso, Flávio Souza, Flora Meneses, Flávia Antunes, João Fátima, Jussara Leprevost, Lidiane Martins, Luana Martini, Luciane Martins, Luciano Martins, Luiz Antonio Leprevost, Mariela Freitas, Marta Viana, Mateus Sebato, Miriam Chor Blandi, Moni Magalhães, Nina Martini, Fabíola, Olíndina Pacheco, Raissa Târnica, Ricardo Pacheco, Sofia Favero, Thiago Chaves (livreiro no campo | 'Boca Pequena'), Tissa Palma, Vanessa Damasco, Van Maran Konatsus Martins, Edla de Almeida Seloni e funcionários da Fundação Progresso.

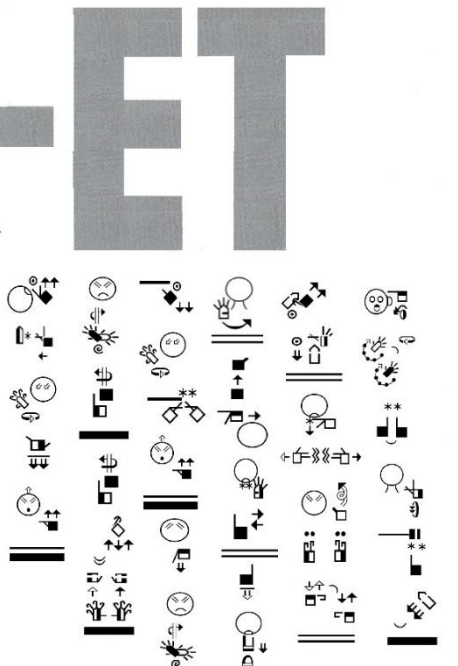
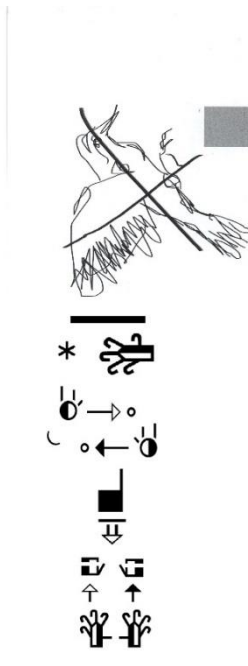
Agradecimentos SP:

Academia Braille, Carlos Bernardino, CCSP (Kil Abreu e Produção Artes Cênicas), Claudemilson Dias Vieira e Funcionários Novotel Jaraguá, Flávio Lichan, Lavert, Selma Ricco, Via Sapone, Personalite Transpares e Mudanças, Roberto Attiano.

E os restaurantes:

Bar Arte Gastronomia (Do Maso), Apfel, Bar Exquisite, Consulado, Minerva, Córrego, Consulado, Minerva, Praça Frango Com Tudo, Kayama, Lella Trattoria, Bela Cerveja, Luna de Capri, Natural das Anas, Nutriom, Pólo e Planetas.

Miolo - Versão em SingWriting



Agradecimentos:

Maria Luiza Seloni de Moraes, Alessandra Felício, Amanda Cardido, Ana Madalena Guimarães Martins, André Mielnik, Antônio Salvador, Barbara Heliodora, Cam Louro, Daniel Braga, Eva Vaz, Martins, Fernando Eraso, Flávio Souza, Flora Meneses, Flávia Antunes, João Fátima, Jussara Leprevost, Lidiane Martins, Luana Martini, Luciane Martins, Luciano Martins, Luiz Antonio Leprevost, Mariela Freitas, Marta Viana, Mateus Sebato, Miriam Chor Blandi, Moni Magalhães, Nina Martini, Fabíola, Olíndina Pacheco, Raissa Târnica, Ricardo Pacheco, Sofia Favero, Thiago Chaves (livreiro no campo | 'Boca Pequena'), Tissa Palma, Vanessa Damasco, Van Maran Konatsus Martins, Edla de Almeida Seloni e funcionários da Fundação Progresso.

Agradecimentos SP:

Academia Braille, Carlos Bernardino, CCSP (Kil Abreu e Produção Artes Cênicas), Claudemilson Dias Vieira e Funcionários Novotel Jaraguá, Flávio Lichan, Lavert, Selma Ricco, Via Sapone, Personalite Transpares e Mudanças, Roberto Attiano.

E os restaurantes:

Bar Arte Gastronomia (Do Maso), Apfel, Bar Exquisite, Consulado, Minerva, Córrego, Consulado, Minerva, Praça Frango Com Tudo, Kayama, Lella Trattoria, Bela Cerveja, Luna de Capri, Natural das Anas, Nutriom, Pólo e Planetas.

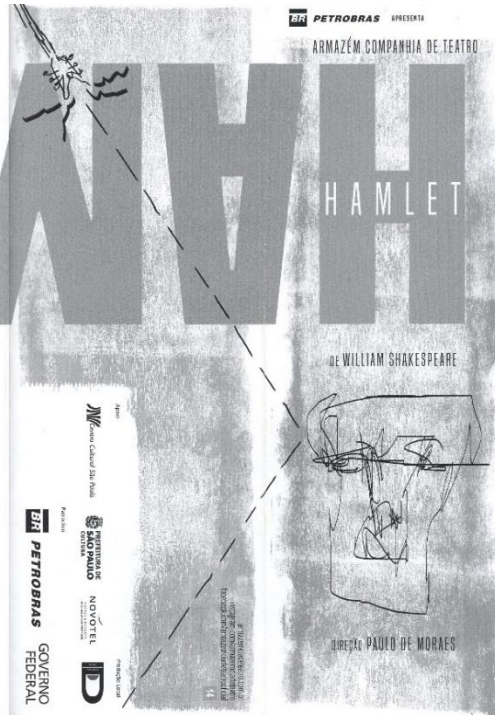


I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Original

Participação em Vídeo: Adriano Garib
Cenografia: Carla Berri e Paulo de Moraes
Iluminação: Maneco Quinderé
Figurinos: Carol Lobato e João Marcelino
Trilha Sonora Original: Ricco Viana
Preparação Corporal: Patrícia Selonk
Coreografias: Toni Rodrigues
Preparador de Esgrima: Rodrigo Fontes
Fotografias e Vídeos: João Gabriel Monteiro
Programação Visual: João Gabriel Monteiro e Jopa Moraes
Canções de Horácio: Luiz Felipe Leprevost
Colaboração na Dramaturgia: Jopa Moraes e Paulo de Moraes
Assistente de Iluminação: Felício Mafra
Assistente de Cenografia: Livia Charret
Assistente de Figurinos: Gabi Castro
Cenotécnico: Marco Souza e Equipe
Costureira: Ralida Marques Lima
Técnico de Palco: Joeldes Kemenson
Assessoria de Imprensa: Ney Motta
Produção Executiva: Flávia Menezes
Produção Local SP: DR Darson Ribeiro
Produções
Produção: Armazém Companhia de Teatro
Patrocínio: Petrobras



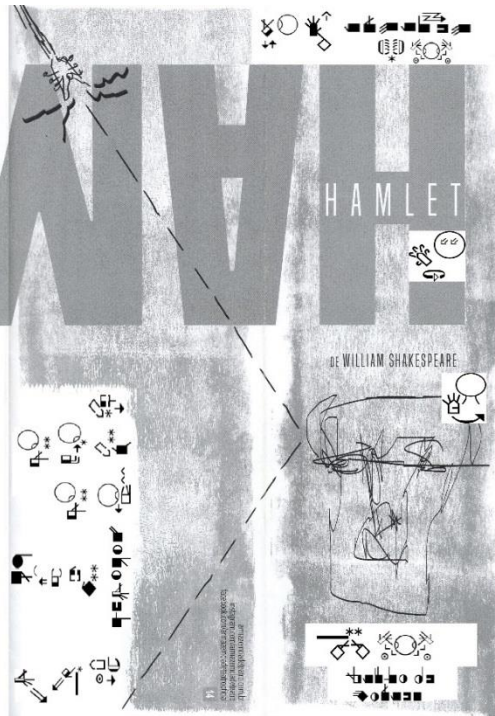
Hamlet
Da obra de
William Shakespeare

Direção
Paulo de Moraes
Versão Dramatúrgica
Maurício Arruda Mendonça

Elenco
Patrícia Selonk
Hamlet
Ricardo Martins
Claudius
Marcos Martins
Polonius/Coveiro
Lisa Eiras
Ofélia
Jopa Moraes
Laertes/Guildenstern/Ator
Isabel Pacheco
Gertrudes
Luiz Felipe Leprevost
Horácio/Rosencrantz/Loba

Versão em SingWriting

Participação em Vídeo: Adriano Garib
Cenografia: Carla Berri e Paulo de Moraes
Iluminação: Maneco Quinderé
Figurinos: Carol Lobato e João Marcelino
Trilha Sonora Original: Ricco Viana
Preparação Corporal: Patrícia Selonk
Coreografias: Toni Rodrigues
Preparador de Esgrima: Rodrigo Fontes
Fotografias e Vídeos: João Gabriel Monteiro
Programação Visual: João Gabriel Monteiro e Jopa Moraes
Canções de Horácio: Luiz Felipe Leprevost
Colaboração na Dramaturgia: Jopa Moraes e Paulo de Moraes
Assistente de Iluminação: Felício Mafra
Assistente de Cenografia: Livia Charret
Assistente de Figurinos: Gabi Castro
Cenotécnico: Marco Souza e Equipe
Costureira: Ralida Marques Lima
Técnico de Palco: Joeldes Kemenson
Assessoria de Imprensa: Ney Motta
Produção Executiva: Flávia Menezes
Produção Local SP: DR Darson Ribeiro
Produções
Produção: Armazém Companhia de Teatro
Patrocínio: Petrobras



Hamlet
Da obra de
William Shakespeare

Direção
Paulo de Moraes
Versão Dramatúrgica
Maurício Arruda Mendonça

Elenco
Patrícia Selonk
Hamlet
Ricardo Martins
Claudius
Marcos Martins
Polonius/Coveiro
Lisa Eiras
Ofélia
Jopa Moraes
Laertes/Guildenstern/Ator
Isabel Pacheco
Gertrudes
Luiz Felipe Leprevost
Horácio/Rosencrantz/Loba

Fonte: Elaborado pelos os autores (2018).



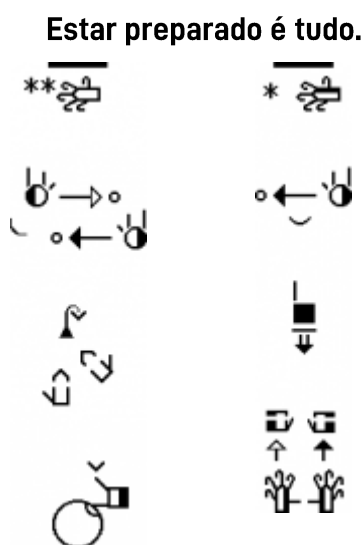
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

As discussões referentes às questões tradutórias são muitas, mas propomos pensar na tradução da frase: Estar preparado é tudo. Ela pode ser compreendida de diferentes formas, por isso propomos inicialmente duas e uma foi eleita como a possível tradução. O critério de escolha da tradução seguiu a ideia de ficar próximo da língua portuguesa. O nosso objetivo futuro é ter consultores surdos e ouvintes para julgar as traduções e verificar se estão atendendo a funcionalidade de comunicar a intenção do texto.

Veja o exemplo sobre essa questão de tradução no quadro 3.

Quadro 3 – Exemplos de tradução.



Fonte: Elaborado pelos os autores (2018).

Considerações

Diante da análise inicial da pesquisa pode-se evidenciar a necessidade de uma versão do material na primeira língua do sujeito, que em nosso estudo é o cidadão surdo. A acessibilidade pode ser um argumento neste caso para atender uma demanda linguística, sendo que o ideal é organizar o material desde sua concepção nas línguas em que os espectadores utilizam.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Como sugestão de pesquisa futura destaca-se a possibilidade de aumentar o número de ações de incentivo às produções de materiais na escrita de sinais para o sujeito surdo em outros ambientes, pois a língua portuguesa é sim a segunda língua da pessoa surda. Mas oportunizar que o surdo possa interagir com sua primeira língua pode ser um fator novo e que agrega novos valores para os materiais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto 9.404/2018**. Altera o Decreto nº 5.296, de 2 dezembro de 2004, para dispor sobre a reserva de espaços e assentos em teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, locais de espetáculos e de conferências e similares para pessoas com deficiência, em conformidade com o art. 44 da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 11 de junho de 2018. Disponível em: < http://www.trtsp.jus.br/geral/tribunal2/LEGIS/Decreto/9404_18.html>. Acesso em: 22 novembro 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626/2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436 - **Regulamenta a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**, 24 de abril de 2002.

DIAS, Sara Joana; LOPES, João Miguel Teixeira. **Relatório Final – O público vai ao teatro (Parte I)**. Departamento de Sociologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 2012.

DOMINGOS, Vanessa Sofia de Sousa. **Marketing Cultural: Estratégias Aplicadas ao Teatro**. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2010.

FERREIRA, Taís. **Teatro infantil, crianças espectadoras, escola: um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

TAMEIRÃO, Nathália. **TEASER: O QUE É, EXEMPLOS E COMO FAZER PARA SEUS VÍDEOS**. Disponível em: < <https://sambatech.com/blog/insights/teaser-para-vender-conteudos/>>. Acesso em: 22 novembro 2018.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

PARAGRAFAÇÃO EM ESCRITA DE SINAIS: análise em livros publicados em Libras

Kácio de Lima Evangelista – IFCE¹⁰

Resumo: Até recentemente a Libras não possuía escrita. E, embora, ainda hoje se afirme que não possui ou que os sistemas de escritas criados para as línguas de sinais (LS) não são utilizados comumente pela comunidade linguística, o sistema *SignWriting* (SW) criado por Valerie Sutton, em 1974, e adaptado a língua de sinais do Brasil vem cada vez mais sendo adquirido pela comunidade usuária da Libras. Isso é confirmado com as publicações de literatura surda em que se verifica a presença da escrita de sinais como representação da Libras assim como também de livros que se propõem a ensinar esse sistema com textos impressos em Libras. Assim este trabalho tem como objetivo analisar a existência ou não de paragrafação em livros escritos em Libras. Como embasamento, procurou-se discutir a relação da Libras com a cultura escrita, o SW em contraponto a outros sistemas de escrita e posteriormente se refletiu a função do parágrafo no âmbito estético e linguístico. Como *corpus* da pesquisa foram utilizados livros publicados no Brasil que possuíam o SW como registro da Libras, analisando os mesmos com foco na paragrafação. Dos quatro livros analisados em apenas um apresentou marcação de parágrafo embora dois outros tenham apresentado algo parecido ao conceito. Por fim, concluiu-se o quão é importante a questão de paragrafação nas obras que contenham esse sistema e propôs-se orientações quanto a paragrafar textos em escrita de sinais.

Palavras-chave: Escrita de sinais. Parágrafo. Libras.

Introdução

Até recentemente a Libras (Língua Brasileira de Sinais) não possuía escrita, ou seja, era considerada ágrafa, embora já se tenha conhecimento de que existiram vários sistemas de escrita e notação que se propunham a registrar as línguas sinalizadas. Isso se deve em parte pelo banimento de quase 100 anos da língua de sinais pelas instituições de ensino, que só fora encerrado devido o reconhecimento do *status* de línguas naturais com o estudo de William Stokoe em 1960, e em parte pela não necessidade de se criar um sistema de escrita já que as comunidades surdas estiveram satisfeitas apenas com sua comunicação face a face, como sugere Barreto e Barreto (2015, p. 56).

¹⁰ Graduado em Letras Libras. E-mail: <kacio.evangelista@ifce.edu.br>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

E, embora, ainda hoje se afirme que a Libras assim como outras Línguas Sinalizadas (LS) não possuem sistema de escrita ou que esses sistemas de escritas criados para as LS não são utilizados comumente pela comunidade linguística, o sistema *SignWriting* (SW) criado por Valerie Sutton, em 1974, e adaptado a língua de sinais do Brasil em 1996 vem cada vez mais sendo adquirido pela comunidade usuária da Libras.

Isso pode ser confirmado com as publicações de literatura surda ou traduzida em que se verifica a presença da escrita de sinais como representação da Libras que como comenta Gesser (2009, p. 43) foram inicialmente escritos à mão e com o avanço do sistema de escrita esse passou a possuir programas desenvolvidos para o registro da escrita via computador. Barreto e Barreto (2015, p. 103) nos lista 16 livros publicados entre 1997 a 2014: Uma menina chamada Kauana (STROBEL, 1997); Cachos Dourados (STUMPF, 2003); Rapunzel Surda (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003); Negrinho e Solimões (MONTENEGRO, 2009); dentre outros. Isso sem contar com os inúmeros trabalhos que possuem como tema de estudo o próprio sistema, sendo escritos também pelo mesmo tornando todas essas obras bilíngues, e com os livros publicados após 2014 como o próprio livro de Barreto e Barreto que possui histórias escritas em Libras como exemplos de uso do SW.

Entretanto o que se nota na maioria dessas obras literárias que possuem o SW como sistema de escrita um recurso que é tão comum aos sistemas de escrita de línguas orais: o parágrafo. Recurso esse que é de importância tanto para as questões estéticas do texto como de organização e de legibilidade. Assim, este trabalho objetiva analisar a existência ou de paragrafação em livros escritos em Libras.

Primeiramente, como embasamento, procurou-se discutir a relação da Libras com a cultura escrita, o sistema *SignWriting* em contraponto a outros sistemas de escrita e posteriormente se refletiu a função do parágrafo no âmbito estético e linguístico de produções textuais. Como *corpus* da pesquisa foram utilizados quatro livros publicados no Brasil que possuíam o sistema criado por Valerie como registro da Libras, analisando os mesmos com foco na existência ou inexistência de paragrafação. A análise resultou que em apenas um dos livros publicados aqui selecionados se verificou a existência de marcação de parágrafo que é tão comum aos textos de



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

línguas orais. Por fim, se concluiu o quão é importante a paragrafação nas obras que contenham esse sistema e indicou-se orientações para paragrafar novos textos.

Cultura Escrita e Libras

O que é cultura? Poderíamos dizer que cultura é toda característica de um povo, seus costumes, danças, artes..., ou poderíamos dizer, dentre tantos outros conceitos, que "cultura é a forma como uma pessoa faz sentido do mundo. São as ideias, conceitos, categorias, valores, crenças – o que Clifford Geertz chama de "aparelhagem" que as pessoas utilizam "para orientá-las em um mundo que, sem isso, seria opaco". (Wilcox & Wilcox, 2005). É nesse último conceito que a cultura surda pode ser entendida.

Os Surdos são seres que apreendem o mundo através de experiências visuais.

A experiência visual é a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN, 1998).

Sua língua e suas literaturas se baseiam nessa percepção. Isso permitiu, conforme Porto e Peixoto (2011 p. 168), que o surgimento das comunidades surdas possibilitasse uma produção literária sinalizada, mesmo que esta tenha se perdido devido ao amordaçamento linguístico e cultural vivido a partir da hegemonia oralista. Portanto, embora não se tenha registro dessas literaturas surdas isso não significa que não houvesse produção literária como houve por parte dos ouvintes. Araújo (2013, p. 30) nos diz que:

A poética das línguas de sinais sempre existiu, mesmo antes das tecnologias se desenvolverem. No entanto, não podiam ser registradas, porque as línguas de sinais são de modalidade gestual visual e seu signo linguístico é composto de elementos que se organizam simultaneamente. Sua principal característica é o movimento, diferentemente dos registros da poesia das línguas orais que, preponderantemente, são expressas de maneira visual, porém de forma estática, que caracteriza a linguagem.

E como "as comunidades surdas estiveram satisfeitas apenas com sua comunicação face a face. A cultura surda, por consequência, permaneceu



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

essencialmente apenas em sua via expressiva, isto é, sinalizada, o que seria equivalente às demais línguas em sua modalidade *oral*." (BARRETO; BARRETO, 2015)

É nesse ponto que podemos dizer que a comunidade surda não tinha uma cultura escrita – com foco em sua língua - até recentemente. Os motivos para isso seriam o desprestígio que sua língua sofria por parte dos ouvintes e pela clandestinidade dada aos seus usuários com a deflagração do Congresso de Milão, em 1880, que baniu as LS das instituições de ensino e do espaço público por pensar que essas línguas eram inferiores às línguas oralizadas. Como também, como observa Stokoe (*apud* SACKS, 2010, p. 164), por haver por parte dos surdos o sentimento de que qualquer esforço para transcrever sua língua em duas dimensões seria grande demais para um resultado ruim, visto que as LS são línguas cuja sintaxe usa as três dimensões do espaço além do tempo.

Esses motivos passaram a se desmoronar com o avançar dos anos em que as LS vêm conquistando espaços e sendo reconhecidas mundialmente e em seus países de origem como a Libras que fora reconhecida no Brasil por meio da Lei 10.436 de 2002 e a publicação do Decreto 5.626 de 2005 que dispõe sobre vários aspectos dessa língua. Com esse reconhecimento estudos sobre Libras e todos aspectos ligados a ela e seus usuários, como os Estudos Surdos, e, principalmente, as pesquisas sobre SW vem ganhando notoriedade acadêmica.

Em um momento em que os surdos se reconhecem como povo culturalmente constituído (Rangel, 2004), em que se organizam para estabelecer a pedagogia surda (Feneis, 2005; Reis, 2006; Schmitt, Strobel, Vilhalva, 2007), em que, enfim, constroem seus próprios espaços sem precisar de permissão da cultura dominante, a possibilidade de expressão escrita em sua LS surge como mais um elemento de expressão da sua cultura, tão fortemente representada pelo uso de sua língua. A escrita em LS absolutamente não tem o propósito de servir como ferramenta para instrumentalizá-los para terem acesso ao português, mas para ampliarem os usos da sua LS. (BARROS, 2011, p. 20)

Se é um direito do ouvinte aprender a modalidade escrita de sua língua é também direito do surdo aprender as duas modalidades de sua língua o que significa que o sistema escolar deve assumi-la integralmente e não só como meio de comunicação cotidiana subvalorizando-a e supervalorizando a escrita do português. (ALVES; PAIXÃO, 2015, p. 9)

É partir disso que “na perspectiva cultural, a escrita de sinais assume papel preponderante de ser mais uma ferramenta de produção cultural, assim como de



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

registro da cultura do povo surdo" (ALVES; PAIXÃO, 2015, p. 3), equiparando ainda mais as LS com as línguas oralizadas como línguas naturais.

SignWriting como sistema de escrita

A escrita tem papel importante na história da humanidade, pois afinal não haveria história sem a mesma. Essa prática de registrar as coisas por meio de símbolos veio da necessidade do homem de se expressar de modo permanente como Charles Higounet (2003, p.9) afirma: "diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos." E ainda diz que "[...] a escrita é, acima de tudo, 'um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia'." (HIGOUNET, 2003, p. 9)

Entretanto a escrita não se destina somente a tal ato, pois

"[...] a escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo." (HIGOUNET, 2003, p. 10).

O SW é um sistema visual de escrita direta, que respeita todos os traços fonológicos das LS (configuração de mão, movimento, localização, orientação da palma das mãos e expressões não-manuais) e sintáticos. Foi criado em 1974 por Valerie Sutton que o adaptou de um sistema de notação de passos de dança chamado *DanceWriting*.

Barreto e Barreto (2015) explicam que por ser um sistema de traços não-arbitrários os grafemas do SW representam de forma direta como os fonemas das LS são pronunciados, possibilitando assim a leitura de qualquer sinal de qualquer LS registrada através dele. Capaz de registrar todos os parâmetros fonológicos de uma LS utilizados em um sinal, o SW escreve as LS em duas dimensões onde os grafemas se combinam e formam uma unidade, ou seja, uma palavra.

Por ser um sistema não-arbitrário de escrita se confunde sua estrutura estética com a escrita chinesa, que são parecidos quanto sua organização textual.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A escrita chinesa está submetida a regras estritas. Seus caracteres são dispostos em colunas de alto a baixo, começando pela direita. Cada caractere deve se inscrever em um quadrado ideal, com o mesmo módulo, de uma ponta a outra do texto, e os traços devem ser muito exatamente desenhados nele, para evitar confusões. (HIGOUNET, 2003, p. 50).

Diferindo-se quanto a sua leitura que é da esquerda para a direita e seu tipo de sistema de escrita que é silábico-alfabético ao contrário do sistema chinês que é ideográfico e diferente do alfabeto latino em que se escreve linearmente cada fonema representados por seus grafemas ou combinações dos mesmos dependendo da língua a ser registrada.

Estética, texto e parágrafo

Com a disseminação do SW como sistema de escrita não demorou muito para que literaturas e diversos tipos de textos fossem criados o utilizando, principalmente com o advento de programas de edição de textos em SW, como o SW-Edit e o SignPuddle que substituiu aquele. Apesar disso pouco ainda se preocupa com a estética empregada nesses textos produzidos, ou seja, a sua organização textual e visual, em parte devido à pouca idade que o sistema SW apresenta em comparação ao alfabeto latino e a escrita chinesa e pela computadorização recente do mesmo.

Porém, o pouco tempo não pode ser justificativa para o não desenvolvimento da escrita em questões estéticas práticas ou de que a escrita deve refletir puramente a sinalização de seus usuários, pois "para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda, certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, "centuplicada", que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza." (HIGOUNET, p. 10).

Sendo o livro hoje ainda um dos principais suportes da escrita e que as LS vem conquistando esse suporte utilizando o SW é necessário que o mesmo se adeque, visto que "o suporte da escrita evidentemente reage aos caracteres da escrita; [...]" (HIGOUNET, p. 19), dessa forma o livro que contém o texto sinalizado impresso se difere em sua organização quanto ao texto escrito manuscrito e gigantescamente ao texto sinalizado, pois "o livro tem, de certa maneira, bloqueado a escrita ao lhe impor a obrigação de uma forma e de um sentido." (MELOT, 2012, p. 60). Isso é



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

"de um modo geral, os textos impressos são muito mais fáceis de ler do que os manuscritos. Os efeitos da maior legibilidade da impressão são enormes. A maior legibilidade, em última análise, favorece a leitura rápida, silenciosa. Essa leitura, por sua vez, favorece uma relação diferente entre o leitor e a voz autoral do texto e requer diferentes estilos de escrita." (ONG, 1998, p.140).

A escrita de sinais impressa na forma de livro deixa de servir como espelho para a sinalização das LS, pois ela não é mais a língua que se destinou a registrar, como

observa-se muito comumente nos estudos, os mais profundos, que não se realiza nunca a diferença entre a língua falada e a língua escrita, como se o livro sempre fosse a manifestação do verbo, ou assim, como o demonstrou magnificamente Françoise Waquet, como se falássemos todos como livros. (MELOT, 2012, p. 67).

A leitura não é mais "um exercício fonético, a leitura se torna um exercício reflexivo." (MELOT, 2012, p. 69) que estabelece suas próprias regras de organização obrigando a escrita a se reinventar e trazer novas soluções.

Uma das soluções criadas para que houvesse uma melhor repartição das ideias em um texto fora a criação do parágrafo em que "ao anotar uma sequência de pensamentos, o autor arranja-os na forma de frases que se agrupam. Esses grupos de frases são seguidos por uma pausa, um corte. (TSCHICHOLD, 2007, p. 135) Esses grupos eram marcados pelos símbolos § (seção) ou ¶ (parágrafo), que era colorido e poderia aparecer no meio de linhas, que ao longo do tempo deixaram de ser usados ficando ali um espaço em branco.

A escrita ou composição de textos com parágrafo trouxe para o leitor e principalmente para o escritor uma nova forma de organização linguística, pois a escrita não mais refletia a fala com suas pausas como forma de marcação e sim de outros meios escritos a linguagem escrita.

Entretanto ainda existe dúvidas quanto a paragrafação: é necessário o recuo ou isso não tem necessidade. Tschichold (2007, p 137) afirma que "a composição sem recuo torna difícil para o leitor compreender o que foi impresso. E essa é sua desvantagem mais importante." E orienta de forma resoluta e definitiva que "só há na verdade um método claro, tecnicamente infalível, muito simples e econômico, demarcar o início de um parágrafo, que é o recuo." (TSCHICHOLD, 2007, p. 138).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Metodologia

Procurou-se encontrar livros que possuísem o SW como sistema representativo de escrita para a Libras, que não tivessem ilustrações junto ao texto e que possuísem a escrita vertical devido essa ser a forma padrão de se escrever em SW conforme Barreto e Barreto (2015, p. 71; p. 157). Dos livros pesquisados 4 (quatro) foram selecionados para a análise seguindo os critérios descritos acima, sendo eles: *Escrita de Sinais sem Mistérios* (BARRETO & BARRETO, 2015), *Negrinho e Solimões* (Monteiro, 2016?), *Onze Histórias e Um Segredo* (TALES, 2016) e *Ser* (LIMA, 2018). Apesar dos quatro apresentarem gêneros textuais distintos, buscou-se recortar dos livros textos em prosa que não apresentasse estética poética ou fossem escritos em forma de verso.

Escrita de Sinais sem Mistérios

Livro que aborda o ensino do SW, possui textos escrito em libras. Nele se percebeu que embora os textos exijam paragrafação não havia nada semelhante ao conceito de parágrafo, como se pode ver nos agradecimentos (páginas 9 a 19).

Negrinho e Solimões

Livro literário que conta a história de um indiozinho surdo e uma princesa chamada Solimões, destinado a crianças. Ele é o primeiro livro da Coleção Curupira de Literatura Inclusiva. Como amostra de análise fora escolhido a parte destinada a apresentação do livro, devido esta não possuir desenho e, ou, ilustrações que influenciaram a forma que o texto tomou nas páginas do livro.

Onze Histórias e Um Segredo

É uma coletânea de lendas amazônicas organizada pela professora Taísa Aparecida Carvalho Sales cujos textos foram criados por alunos do 4º período do curso



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas. Como parte para análise foram escolhidas as páginas iniciais (páginas 19 a 20) que possuíam escrita de sinais. A estética do texto em SW permanece a mesma no restante das páginas.

Ser

É um livro de poesia escrito em Libras utilizando o SW como sistema de escrita, apesar de ser um livro de poesia em que os versos e os poemas assumem estéticas diferenciadas, há na parte destinada aos agradecimentos e introdução do livro texto em prosa. Foram analisadas as páginas 13 a 16.

Resultados

Apesar de haver dentre os livros analisados alguns que apresentaram uma espécie de paragrafação como *Negrinho e Solimões* e *Onze Histórias e Um Segredo* apenas o livro *Ser* apresentou paragrafação de modo que facilite ao leitor se localizar e condiz com o conceito usual desse recurso que é o recuo no texto.

Considerações

A publicação de livros escritos em Libras é de suma importância para o reconhecimento e valorização da Libras e da cultura surda. É devido a esses fatores que cada vez mais os textos em SW devem ser melhorados para que facilitem e auxiliem no melhor desenvolvimento de uma leitura e conseqüentemente um melhor desenvolvimento linguístico.

A implementação de recuo na paragrafação é um recurso empregado para facilitar a leitura e a localização e agrupamento de ideias em um texto, dessa forma sugere-se que esse recuo siga o exemplo utilizado no livro *Ser* que distingue bem com o uso de recuo superior o início de parágrafos. Cabe, porém ao escritor e editor de texto equilibrar esse recuo com relação ao tamanho da fonte empregada na escrita.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Há ainda a possibilidade de aprofundamento dessa pesquisa, abrangendo a análise para mais títulos publicados em Libras escrita quanto ao uso linguístico do parágrafo nesses textos e também de outros recursos linguísticos que se diferem na sinalização evidenciando ainda mais a descontinuidade entre as modalidades de língua.

ALVES, Edneia de Oliveira; PAIXÃO, Ezequiel Adney Lima da. A escrita de sinais no livro didático de Libras. In: CONGRESSO NACIONAL DE LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2015, Uberlândia. **Anais do I CONALIBRAS – UFU**, Congresso Nacional de libras da Universidade Federal de Uberlândia, 23 a 26 de novembro em Uberlândia, Minas. Uberlândia: Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial, Cepae, 2015. p. 1 - 11. Disponível em: < <https://goo.gl/YFZxCe> >. Acesso em: 25 jan. 2018.

ARAÚJO, Fernanda Machado de. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução., Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: < <https://goo.gl/DX9NLU> >. Acesso em: 25 jan. 2018.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem Mistérios**. 2. ed. Salvador: Libras Escrita, 2015. 416 p.

BARROS, Mariângela Estelita. **Elis - Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/E5s5k4> >. Acesso em: 25 jan. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: < <https://goo.gl/Nra1Af> >. Acesso em: 26 jan. 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: < <https://goo.gl/i6cLuc> >. Acesso em: 26 jan. 2016.

EVANGELISTA, Kácio de Lima. **Ser**. 1 ed. Fortaleza, CE: [s.n.], 2018. 52 p.

GESSER, Audrei. **Libras?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 87 p.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 187 p. (Na ponta da língua 5). Tradução da 10ª edição corrigida.

MELLOT, Michel. **Livro**. São Paulo; Ateliê Editorial, 2012.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

MONTEIRO, Tatyana Sampaio (Org.). **Negrinho e Solimões**. Manaus: Ifam, 2016?. 64 p. Ebook. Disponível em: < <https://goo.gl/VB1w8P> >. Acesso em: 10 out. 2018.

ONG, Walter J.. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papyrus, 1998. 223 p. Tradução de Enid Abreu Dobránszky.

SALES, Taísa Aparecida Carvalho (Org.). **Onze Histórias e Um Segredo**: desvendando as lendas amazônicas. Manaus: Dalmir Pacheco de Souza, 2016. 300 p. Disponível em: < <https://goo.gl/4c8UGQ> >. Acesso em: 10 out. 2018.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PORTO, Shirley; PEIXOTO, J. A.. Literatura Visual. In: Evangelina Maria de Brito de Faria, Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante. (Org.). **Língua Portuguesa e libras**: teorias e práticas. 1ªed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011, v. 3, p. 167-196.

SACKS, Oliver W.. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 215 p.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a Ver**: O ensino da língua de sinais americana como segunda língua. São Paulo: Arara Azul, 2005. 204 p. (Coleção Cultura e Diversidade). Tradução: Tarcísio de Arantes Leite.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

LITERATURA EM ESCRITA DE SINAIS: a tradução no papel

Caroline Barros Weiler – UFRGS¹¹

Giovanna Ceconello Mendes – UFRGS¹²

Vinicius Martins Flores – UFRGS¹³

Resumo: A pesquisa apresentada é de cunho exploratório experimental (GIL, 2008), dessa forma, o objetivo geral é refletir sobre uma proposta de tradução de um livro infantil utilizando o sistema de escrita de sinais – *SignWriting*. O objetivo específico é estabelecer uma discussão sobre a importância de fomentar a leitura para as crianças surdas em um espaço escolar bilíngue, seja ele em escola comum ou escola especial. Este artigo não apresenta uma tradução comentada, mas sim momentos de discussão sobre o texto, a tradução e a apresentação do protótipo do livro traduzido. Enfim, a criança surda em fase escolar necessitaria ter um leque maior de materiais bilíngues, ou na sua primeira língua, para assim ter acesso as diferentes informações e ampliar sua formação enquanto cidadã e aumentando assim sua proficiência leitora.

Palavras-chave: Livro. Literatura Infantil. *SignWriting*.

Introdução

O presente artigo se debruça em uma discussão da necessidade de maior oferta de materiais impressos para a Educação Infantil e para a fase de alfabetização da criança surda, pois os materiais em vídeos, digitais, são indiscutivelmente bons, mas ter materiais que se assemelham com os materiais da segunda língua da criança surda, incentiva que a mesma possa ler em qualquer espaço sem ter que se preocupar com equipamentos tecnológicos.

A pesquisa apresentada é de cunho exploratório experimental (GIL, 2008), dessa forma o objetivo geral é objetivo geral é refletir sobre uma proposta de tradução de um

¹¹ Graduanda em Letras – Bacharelado em Tradução e interpretação em Libras/Língua Portuguesa. E-mail: <carolineweiler@outlook.com>.

¹² Graduanda em Letras – Bacharelado em Tradução e interpretação em Libras/Língua Portuguesa. E-mail: <giovannaceconello@hotmail.com>.

¹³ Doutorando em Letras - Psicolinguística. E-mail: <viniciusmartinsf@gmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

livro infantil (“Onde vivem os monstros” (Where the Wild Things Are), do autor norte-americano Maurice Sendak) utilizando o sistema de escrita de sinais – *SignWriting*. O objetivo específico é estabelecer uma discussão sobre a importância de fomentar a leitura para as crianças surdas. O estudo não apresenta uma tradução comentada, mas sim momentos de discussão sobre texto, tradução e a apresentação do protótipo do livro traduzido.

As pesquisas atuais demonstram que a população que possui acesso à escola, no caso aquela parcela que finaliza os estudos, que perpassa muito tempo no universo acadêmico estão apresentando déficits na proficiência leitora. Ou seja, pelo menos nove anos no ensino fundamental, os anos de ensino médio e o período de curso de graduação estão no cenário preocupante da sociedade, por apresentarem o analfabetismo funcional. Além do alto índice de analfabetismo, temos que lidar com a falta de letramento de muitos indivíduos que fazem parte da população que frequenta a escola.

Os dados relatados anteriormente são da 4ª. Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016) que apresenta percentuais proporcionando uma reflexão sobre o cenário do universo ouvinte, e nos levando a pensar como o universo da comunidade surda está carente de atenção sobre as questões de leitura. Os dados coletados em pesquisa demonstram que a comunidade ouvinte sem deficiência é alarmante quando consultados sobre as práticas de leitura. Os percentuais são altos, pois 73% da população não estuda, ou seja, cerca de 137,8 milhões de pessoas não estão estudando, 8% não leem porque não compreendem quase nada que leem. Por outro lado, no Rio Grande do Sul tivemos um aumento de 7% de leitores em quatro anos. Esses números nos mostram que ainda há um caminho muito longo a percorrer na formação de leitores e de indivíduos alfabetizados e também letrados, pois apesar de um indivíduo ser alfabetizado isso não significa que ele seja letrado, visto que saber ler e escrever, infelizmente, não é sinônimo de responder adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Consoante com Paulo Freire (1993, p.15), “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos e é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer”. Por conseguinte, podemos refletir que a leitura precisa ser estimulada e



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

prazerosa. Dessa forma, o texto precisa seduzir o leitor, o aprisionar em uma leitura que o possibilite navegar entre as diferentes aprendizagens.

Para tanto, para termos um conceito de texto definido nós decidimos seguir Koch (2011) que nos apresenta três linhas de definição conceitual sobre texto. Numa primeira concepção, o texto é recebido como imitação mental do autor. Desse modo, o indivíduo atua de forma passiva como receptor do conhecimento. Na segunda, a autora Koch (2011) diz que "o texto é visto como código a ser decodificado". Assim, o receptor, para entender o texto, precisa apenas decifrá-lo. Na terceira, o texto é o próprio lugar de interação. É nele e com ele que tanto o locutor quanto o interlocutor participam ativamente, acontece o encontro entre ambos no texto, quando vários tipos de conhecimentos são acionados na construção dele.

Em síntese percebemos que o texto é um espaço cheio de significados, portanto, o tradutor que desejar atuar em traduções necessita compreender que a estrutura do todo é de extrema importância. Veja que a simples mudança de contexto faz com que uma palavra seja interpretada de maneiras diferentes, tudo vai depender do foco do emissor, já que é principalmente na elaboração de enunciados escritos (ou falados) que a linguagem e contexto se articulam (HANKS, 2006, 2008).

Outro fator importante que garante sentido ao texto é o conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico e, sobre isso nos diz Koch (2006, p.42) "refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo – uma espécie de thesaurus mental – bem como a conhecimentos alusivos à vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos". O contexto são as situações em torno da produção textual, que pode ser explicitado nas palavras (o texto em que se encontra a frase ou a frase em que se encontra a palavra), ou implícito, quando está imbuído na situação em que o texto é elaborado.

Concluimos que através da relevância desta relação texto-leitor é que o tradutor deve deter-se a planejar sua tradução. A capacidade de se comunicar, a palavra escrita que transmite, difunde o conhecimento só se torna concreta com a leitura, para que a relação leitor-autor aconteça, o leitor é tão essencial quanto o autor e nesse processo acrescentamos o tradutor, já que o texto não está na primeira língua deste leitor.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Questões de legislação e acessibilidade

Compreender que a pessoa surda possui direitos é sempre imprescindível. No Brasil, a Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002) reconhece e oficializa a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. As discussões então se intensificam, proporcionando um debate acerca da acessibilidade comunicacional, pois conforme Marques (2007) podemos ver a marca da diferença linguística.

Tomou-se então, como prioridade às pessoas surdas, o acesso à informação, ao saber a Libras teve seu reconhecimento através da Lei Federal 10.436, e ela é reconhecida como a Língua pela qual as pessoas surdas deverão ter esse acesso, e isto está amparado por diversas Leis. Vê-se então uma certa diferença, uma diferença entre as diferenças, algo que é comum as outras pessoas diferentes que não é comum às pessoas surdas: a Língua (MARQUES, 2007, p.138).

Cabe agora à escola assimilar e compreender que essa “nova” língua faz parte do território nacional. No ano de 2005, surge o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Enfim, a criança surda em fase escolar necessitaria ter um leque maior de materiais bilíngues ou na sua primeira língua para assim ter acesso as diferentes informações e ampliar sua formação enquanto cidadã e aumentando assim sua participação na sociedade da qual está inserida.

A Escola, o bilinguismo e o tradutor

A inclusão do aluno surdo na rede de ensino tem sido discutida frequentemente no âmbito educacional. Com a compreensão de que o indivíduo surdo possui sua própria língua e sua própria cultura, autoras como Lodi e Lacerda (2009) defendem que toda criança surda deveria ter acesso à educação bilíngue. A abordagem bilíngue parte do pressuposto de que a educação para surdos acontece em duas línguas, a Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2) na



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

modalidade escrita, sendo que o mais importante na experiência bilíngue é que ambas as línguas devem ser igualmente valorizadas.

A escola tem um grande papel se considerarmos que, a família e a sociedade desconhecem a Libras, e, portanto, não se pode negar que a responsabilidade da aquisição da Libras poderá ser transferida para a escola, onde o aluno surdo poderá ser apenas um aluno com surdez, mas que não compartilha da mesma língua dos colegas. Essa dificuldade somente será eliminada se todos os profissionais envolvidos com a instituição trabalharem com um único propósito de que a escola precisa mudar através da construção de novas formas de relacionamento linguístico no contexto educacional, considerando a Educação Infantil como um primeiro espaço de mudança.

Em certo sentido, "pedagogia" significa precisamente "diferença": educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na pedagogia como diferença. (SILVA, 1999, p. 101).

O professor terá um papel crucial no sentido de decidir o que fazer, e vital no sentido que sua escolha poderá ressignificar vidas. Implantar um projeto bilíngue vai além de ter usuários da Libras, pois será necessária uma nova estruturação pedagógica que contemple outras especificidades da comunidade surda, como literatura surda e a escrita de sinais.

Não se pode pensar somente no docente como ponte ou solução para essa situação da escola não ser bilíngue, ou simplesmente colocar um tradutor entre professor e aluno, pois a Libras não é apenas um recurso de acessibilidade, mas sim uma língua que deve ter seu status valorizado como tal. Sendo assim, a escola não pode generalizar, nem classificar, mas pode conhecer mais sobre cada aluno, deficiência, eficiência, diferenças e semelhanças. Organizar a escola como espaço inclusivo, requer ir além de receber pessoas com deficiência. No caso da comunidade surda, as políticas linguísticas em nosso país colaboraram com os espaços escolares, instituindo leis de obrigatoriedade da Libras e definindo a língua do sujeito surdo.

Compreender a Libras como língua, ter consciência que a mesma é uma língua minoritária, auxilia para compreender a complexidade que envolve esse contexto das políticas linguísticas. Ser bilíngue pode ser algo natural, mas ofertar uma educação



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

bilíngue não é tão simples e comum já que o ensino é tradicionalmente realizado por meio de nossa língua majoritária, o Português Brasileiro. Não é uma questão de retirar isso da escola, mas apresentar uma nova possibilidade para a sociedade, mostrando que existem outras línguas, e que uma delas é a Libras, nossa segunda língua oficial do país (BRASIL, 2002).

Proposta de livro bilíngue

A ideia das discussões é de fomentar uma escola comum ou especial, com uma variedade de obras da literatura traduzidas utilizando a escrita de sinais. Para tanto, realizamos uma amostragem do livro "Onde vivem os monstros" (Where the Wild Things Are), do autor norte-americano Maurice Sendak (viveu entre 1928-2012). O autor é vencedor dos principais prêmios literários de literatura infantil, ele foi traduzido para mais de vinte idiomas, sendo que não localizamos nenhuma versão do mesmo em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Trata-se de uma bela obra sobre a infância e a eterna luta entre a liberdade almejada pelas crianças e a autoridade dos pais. O autor reconstruiu, de forma imaginativa e sensível, os sentimentos e as emoções silenciados na infância.

Na história escrita em 1963, o garoto Max (Personagem principal), vestido com sua fantasia de lobo, faz tamanha malcriação que é mandado para o quarto sem jantar. Lá, ele se transporta para uma floresta, embarca em um miniveleiro, navega pelo oceano, por dias, semanas, meses, até chegar na ilha onde vivem os monstros. Max, então, fica livre para mandar e desmandar, longe de regras ou restrições. Mas, quando a saudade de casa e daqueles que realmente o amam começa a apertar o peito, Max fica em dúvida sobre suas escolhas. Perceba que a história pode ser interessante para uma criança surda em alfabetização, e apresenta-la em *SignWriting* pode ajudá-la a compreender partes ou a história como um todo.

Segue parte do livro para demonstrar a nossa proposta de tradução e editoração.



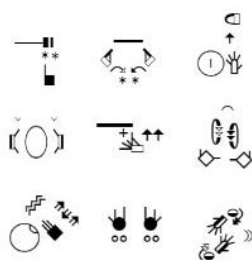
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Quadro 1 – Proposta de tradução de livro.



ONDE VIVEM OS MONSTROS



Na noite em que Max vestiu sua fantasia de lobo e saiu fazendo bagunça



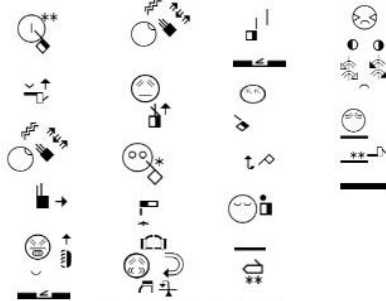
uma atrás da outra



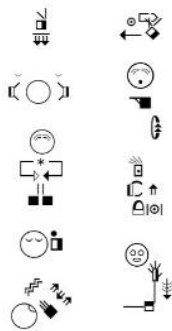


I CIELS-SUL

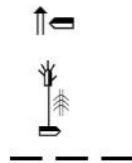
I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul



a mãe dele o chamou de "MONSTRO!"
e Max disse "OLHA QUE EU TE COMO!"
e acabou sendo mandado para a cama sem comer nada.



Naquela mesma noite nasceu uma floresta no quarto de Max



que cresceu...



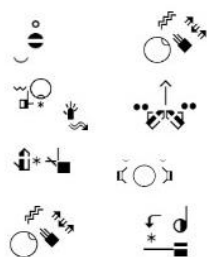


I CIELS-SUL

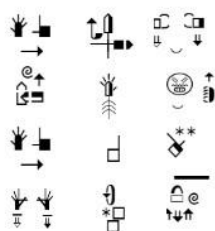
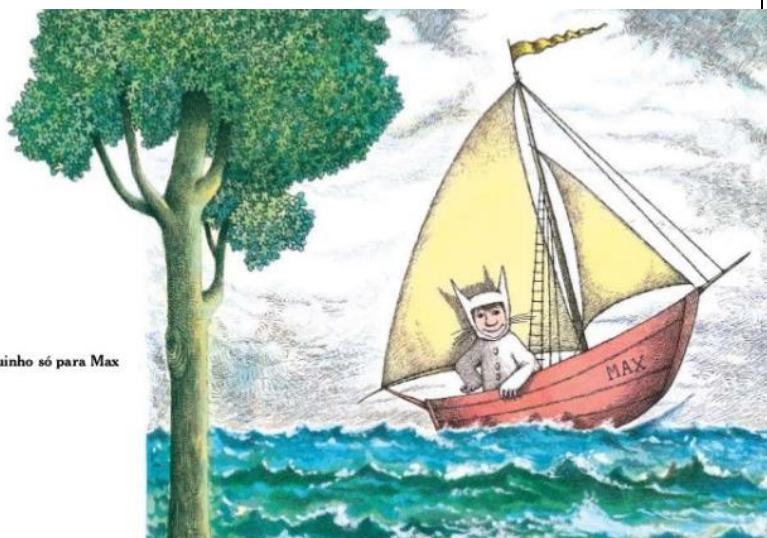
I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul



e cresceu até aparecerem cipós pendurados no teto
e as paredes se transformarem no mundo inteiro



e um oceano surgiu ondulante com um barquinho só para Max
e ele navegou noite e dia



semana vem semana vai
durante quase um ano
para onde vivem os monstros.



Fonte: Elaborado pelos os autores (2018).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Considerações finais

Realizar um fechamento nessa pesquisa seria inconsistente, visto que é uma primeira reflexão com uma amostra do produto obtido em uma proposta de tradução. Observa-se que existe necessidade de aprofundar as discussões referentes a terminologia, já que é um produto para crianças em fase de aquisição de (muitas vezes) primeira e segunda língua, além das formas de registros escritos.

Percebe-se que se faz necessário mais estudos que verifiquem a funcionalidade da tradução e da editoração dos materiais. Ao debater sobre status linguístico, temos que rever a percepção que a Libras possui no mercado comercial, já que a oferta de literatura infantil é escassa para a compra/venda.

Referências

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 de dez. 2005. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 17 novembro 2018.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 17 novembro 2018.

FLORES, Vinicius Martins. **Um estudo sobre o perfil do professor ouvinte bilíngue que atua na educação de surdos**. Dissertação Mestrado. UFRGS: Porto Alegre, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Editora Atlas, 2008.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **27.02 – Dia Nacional do Livro Didático. 2016**. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/newsletter/noticias/70-2702-dia-nacional-do-livro-didatico-4438>>. Acesso em: 18 novembro 2018.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997, Col. Caminhos da Linguística.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

LACERDA, C.B.F. **É preciso falar bem para escrever bem?** In: Smolka AL, GÓES, M.C.R, organizadores. *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus; 1995.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **Educação de Jovens e Adultos: um diálogo sobre a educação e o aluno surdo**. In: QUADROS, Ronice Müller de. PERLIN, Gladis (org.). *Estudos Surdos II* – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. *Capítulo 5*.

Paulo:Cortez, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STUMPF, Marianne Rossi. **Mudanças Estruturais para uma Inclusão Ética**. In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A TRADUÇÃO AUTOMÁTICA DO PORTUGUÊS ESCRITO PARA A LIBRAS ESCRITA

Ricardo Oliveira Barros – UFSC¹⁴

Débora Campos Wanderley – UFSC¹⁵

Resumo: O presente trabalho analisa traduções automáticas (TA) da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais (Libras) na modalidade escrita - por meio do sistema Sign Writing (SW)- utilizando a ferramenta de tradução do software online Sign Puddle (SP). O objetivo dessa pesquisa é identificar as possíveis contribuições do sistema de TA do SP para o trabalho do tradutor do par linguístico Português – Libras. Baseia-se principalmente nos escritos sobre TA de Martins e Nunes (2006), a respeito do SW de Sutton (2006) e acerca do SP de Slevinski (2015). O trabalho descreve a abordagem utilizada pelo sistema de TA sob investigação e analisa os resultados de traduções realizadas por esse. O processo foi registrado por meio da captura da tela. Com a pesquisa, concluiu-se que o programa Sign Puddle utiliza a abordagem direta de tradução; exige edição do texto em português para glosas e pós-edição, essa última demanda 60% (sessenta por cento) do tempo gasto na atividade; possui fatores que tornam a tarefa mais morosa, como a forma que os sinais são editados. O sistema ainda possibilita busca terminológica nas duas direções e formação de corpus bilíngue, mostrando ser assim um gerador de ferramentas de apoio à tradução.

Palavras-chave: Tradução Automática. Sign Writing. Sign Puddle. Libras.

Introdução

O uso de programas de computador que realizam tradução automática tem sido amplo entre tradutores profissionais e demais pessoas que buscam entender enunciados em outras línguas. Esse processo se fomenta com os avanços tecnológicos implementados para aprimorá-los, isso possibilita que novos trabalhos se voltem para uma necessidade emergente: o de *softwares* de tradução entre línguas orais e línguas de sinais. Essa premência se amplia com o desenvolvimento de sistemas de escrita para línguas de modalidade cinesico-visual.

Esta pesquisa analisa traduções automáticas da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais (Libras) na modalidade escrita por meio do sistema Sign

¹⁴ Mestrando em Estudos da Tradução. E-mail: <ricardo.oliveira.barros@live.com>.

¹⁵ Doutora em Linguística. E-mail: <deboraufscibras@gmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Writing (doravante SW) feitas com o uso do software online Sign Puddle (SP)¹⁶. E descreve o método de tradução utilizado por esse programa, investigando-o como possível ferramenta de apoio ao trabalho do tradutor do par português – Libras.

Mesmo entre os adeptos do SW, percebe-se ainda pouco conhecimento quanto às ferramentas que o programa mencionado disponibiliza; portanto justifica-se a pesquisa que aqui se apresenta, no sentido de descrever as funcionalidades e dificuldades do sistema, evidenciando também ferramentas de apoio ao trabalho de tradução a ele associadas.

Acredita-se que esta averiguação estimula a utilização mais frequente do referido tradutor automático, fomentando a pesquisa para resolução de problemas enfrentados no uso desse, resultando no melhoramento da ferramenta. E ainda, que a isso se suceda um aumento na produção de materiais traduzidos para a Libras escrita em SW e como consequência dos corpora bilíngue português – Libras, de forma a estimular tanto o letramento dos surdos na escrita da língua de sinais como nos estudos da tradução do aludido par linguístico.

A tradução automática e as línguas de sinais

A Tradução Automática (TA), em seu conceito mais simplista, consiste na atividade tradutória realizada completamente por um sistema de computação automatizado. Levando em conta que a tradução é uma atividade fundamentalmente humana, torná-la automática não é uma incumbência simples.

Com as várias investidas para o desenvolvimento da TA, percebeu-se que havia a necessidade de intervenção humana no processo de automação da tradução, seja por edição do texto original (alterando-o antes de submetê-lo ao sistema de TA), seja por pós-edição (alterando o produto gerado pelo sistema de TA).

Assim, outros termos surgiram na ânsia de abarcar as reais características do processo, como: Tradução Automática Auxiliada por Humanos (HAMT – *human-aided machine translation*) e Tradução Humana Auxiliada por Máquina (MAHT – *machine-aided human translation*). Embora com suas dessemelhanças, esses termos tratam da

¹⁶ Disponível em: <<http://www.signbank.org/signpuddle2.0/translate.php?ui=12&sgn=46>>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

diminuição da automação presente na TA, admitindo a interferência mencionada. Assim, cunhou-se a expressão Tradução Assistida por Computadores (CAT – *computer-aided translation*), contemplando as formas ditas anteriormente (FERNANDES; JUNIOR, 2009).

Esse fato evidencia que a TA não substitui o trabalho do tradutor, mas o complementa, tornando o trabalho mais ágil, auxiliando o profissional na tomada de decisões e na resolução de problemas na tradução.

A TA pode ser classificada, de acordo com Su & Wu (apud LIMA, 2015) em três grupos principais, segundo a abordagem utilizada, são eles: Tradução Automática Baseada em Regras, Tradução Automática Estatística e Tradução Automática Baseada em Exemplos. Dentro dessas abordagens, cabem métodos diferentes. Ainda pode-se classificar a TA como unidirecional ou bidirecional (FERNANDES e JUNIOR, 2009)¹⁷.

O SP segue a Tradução Automática Baseada em Regras, nesta abordagem há um conjunto de regras a ser seguidas no momento da translação; neste caso, a regra consiste basicamente na substituição da palavra em uma língua por uma palavra que se acredita equivalente em outra língua, processo conhecido como “tradução direta”; para tanto o sistema se servirá de um dicionário bilíngue. É também unidirecional, visto que traduz somente de uma língua fonte (oral, escrita) para uma língua alvo (sinalizada, escrita), sem realizar a tradução no caminho inverso desse.

Para executar a tarefa, o programa busca no banco de dados do dicionário um sinal que tenha sido registrado com a entrada igual à palavra digitada, e apresenta os sinais na mesma ordem. O tradutor basicamente realiza cinco ações para traduzir no sistema:

- (1) uma edição do texto fonte, o manual do sistema recomenda inseri-lo em forma de glosa, pois isso melhora o produto da TA;
- (2) a submissão do texto ao sistema de TA, ao clicar em “traduzir” serão apresentados variações de escrita para um mesmo sinal, resultado dos arquivamentos de sinais no banco de dados do dicionário;
- (3) seleção dos sinais que considera escritos mais adequadamente;

¹⁷ Este trabalho se concentrará no tipo de tradução utilizada pelo programa analisado, sem explicar detalhadamente as demais abordagens que já foram melhor descritas em outras pesquisas (BARROS, 2018; MARTINS e NUNES, 2005).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

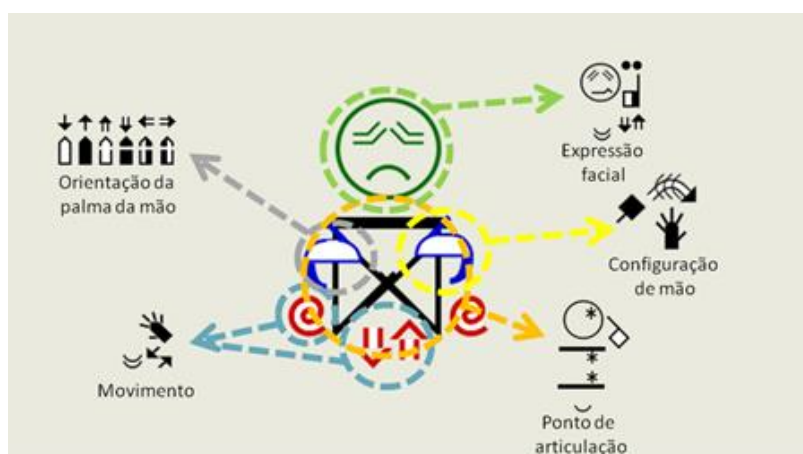
- (4) uma pós-edição do produto gerado;
- (5) o arquivamento do texto final no corpus do SP.

O SignWriting

O SW foi desenvolvido em 1974 por Valerie Sutton. Atualmente este é o sistema que parece ser mais conhecido e aceito no Brasil, tendo sido adotado nas disciplinas de Escrita de Sinais na maioria das universidades brasileiras (COSTA, 2017).

O sistema se baseia nos parâmetros fonológicos das línguas de sinais. Para tanto, utiliza o *International Sign Writing Alphabet* (Alfabeto Internacional do Sign Writing) – ISWA, um conjunto de símbolos que possibilita escrever qualquer língua de sinais do mundo (SUTTON, 2015). Assim há símbolos para as configurações de mãos, e nestes já se incluem as orientações das palmas das mãos. Há representações para os pontos de articulação quando estes se encontram na cabeça, pescoço, ombros, braço, tronco ou mão oposta, e convenções para sinais articulados no espaço neutro. É possível representar expressões não manuais. E o movimento é representado por setas ou símbolos que indicam a alteração na configuração dos dedos e os contatos dos membros entre si ou com partes do corpo (BARRETO; BARRETO, 2015) A figura a seguir apresenta de forma sucinta como todas essas marcas são representadas simultaneamente na escrita (Figura 01).

Figura 1 – Escrita do sinal FRIO em SignWriting



Fonte: Elaborado pelos autores.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Com o passar do tempo, o SW sofreu várias interferências até chegar à forma que o conhecemos hoje (BARRETO e BARRETO, 2015). Essas mudanças envolvem a perspectiva de visão para a escrita dos sinais, que passou de ser escrita do ponto de vista de quem observa a sinalização de outro, para o de quem está sinalizando; também inclui o alinhamento da escrita, que passou da horizontal para a vertical.

A pesquisa

Essa pesquisa é de abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa, aplicada às traduções de língua portuguesa para a língua de sinais, e seus meios. Considerando os objetivos propostos tem características de pesquisa explicativa e com o olhar dos procedimentos, podemos classificar a pesquisa como experimental, e também bibliográfica (PRADANOV E FREITAS, 2003).

Para o experimento escolheu-se a biografia do antropólogo e escritor brasileiro Darcy Ribeiro presente na coletânea de textos do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, do Ministério da Educação (BRASIL, 2001), visto ser um gênero textual comumente utilizado na educação.

Quando da submissão do texto à tradução do SP, foi utilizado o *software Screencastify* que funciona como *spyware*, gravando em vídeo tudo o que acontece na tela do computador; assim foi possível manter um registro do procedimento, permitindo que não acontecessem interrupções da operação do sistema para eventuais anotações, ao mesmo tempo que possibilitou a análise posterior do processo. O vídeo está disponível para consulta no seguinte link: <<https://www.youtube.com/watch?v=jgZwBs00wLA>>.

Análise dos dados

O texto traduzido possui título, dois subtítulos, caixa de texto com informações adicionais e seis parágrafos. Neste trabalho apresenta-se como demonstração o texto



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
 13 a 15 de dezembro de 2018
 Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
 R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

do primeiro parágrafo (0'03"41 a 0'28"03 do vídeo de coleta). As análises quantitativas das ações se referem ao texto completo.

O primeiro parágrafo foi salvo no banco de dados de literatura em libras escrita do SP com o título "Darcy Ribeiro". Os estágios da tradução são apresentados no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1– Estudo do texto em cada etapa do processo de tradução

<p>Texto original</p>	<p>Darcy Ribeiro foi um brilhante antropólogo e escritor brasileiro e um grande educador. Destacou-se pelo seu compromisso com a defesa dos povos indígenas diante da expansão da civilização moderna.</p>				
<p>Glosa pré-editada submetida ao sistema do SP.</p>	<p>Pessoa nome Darcy importante antropologia também escrever brasil também famoso ensinar. Lutar promessa combinar defender população índio porque cidades nova aumentar.</p>				
<p>Resultado apresentado pelo sistema do SP.</p>					



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Texto final, após pós-edição.				
-------------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores

Observando as alterações feitas durante os processos de edição do TF para glosas antes da submissão do texto à TA e pós-edição, constatou-se a presença de dois tipos de alterações na edição do TF: a inserção de termos na glosa que não estavam no TF; e a exclusão de termos que estão no TF. As razões que levam à qualquer uma dessas ações está relacionada, às vezes, com questões tradutórias propriamente ditas, e às vezes tem relação com o funcionamento do sistema de TA.

É interessante notar que essa necessidade de tratamento do texto surja anteriormente à submissão do texto ao tradutor automático. Stupiello (2010) chama atenção a uma prática semelhante que vem se disseminando entre empresas que utilizam sistemas de TA desde a década de noventa. A autora chama essa estratégia de "controle lexical", e envolve restrições aplicadas pelos autores do texto original, que são recomendados a evitar palavras que possam gerar ambiguidade e empregar construções de frases simplificadas. Essas técnicas visam facilitar o trabalho de TA, e com isso diminuir o trabalho de pós-edição.

Já no trabalho de pós-edição, percebe-se um maior número de intervenções. Graziuso (2014) apresenta o conceito de pós-edição de vários autores, e todos concordam que consiste na correção de um texto gerado por um sistema de TA. Nos dados apresentados acima, percebe-se a ocorrência de cinco tipos de retificações: (1) exclusão de sinais inteiros, (2) inserção de sinais completamente novos, (3)



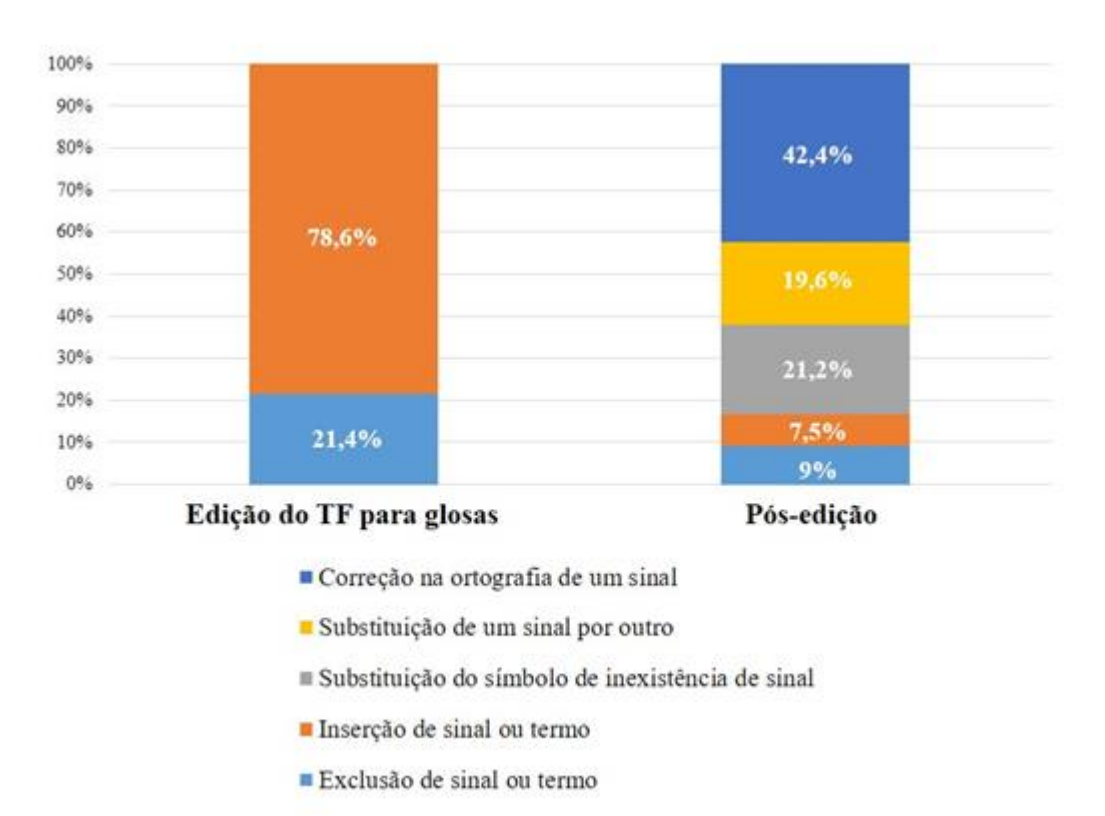
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

substituição do símbolo de inexistência de sinais (apresentado pelo sistema sempre que não encontra no dicionário um sinal correspondente à palavra digitada), (4) substituição de um sinal por outro, e (5) correção na escrita de um sinal.

Todas as intervenções realizadas nos estágios de edição do TF para glosas e pós-edição em todos os parágrafos estão representadas quantitativamente no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Intervenções edição do TF para glosas e pós-edição



Fonte: Dados da pesquisa.

Essas intervenções, como visto, envolvem mais do que questões tradutórias, mas também ortográficas e às vezes de compensação das deficiências do sistema, quando esse não responde satisfatoriamente por falta de registros no seu banco de dados.



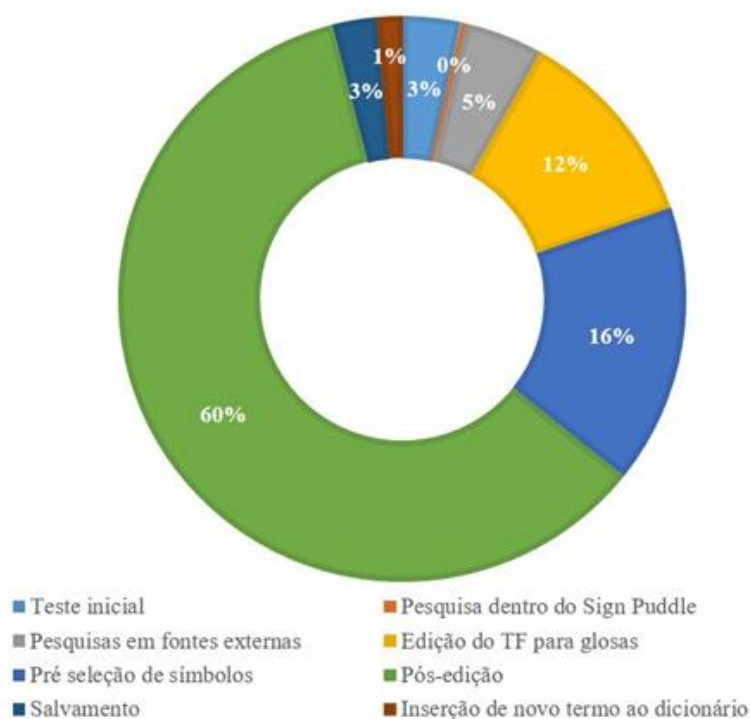
I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A maior parte dessas ações, é de correção de ortografia. Essa não deveria ser a preocupação principal do tradutor na pós-edição, nessa etapa deveria se ocupar primordialmente das questões semânticas e sintáticas, visto que o banco de dados que gera a tradução registra os termos já escritos corretamente. No entanto, no caso do dicionário online do SP por ser aberto, qualquer pessoa pode inserir novos termos, por isso muitas variações surgem.

Outra variável a ser analisada no processo de tradução é o tempo. Alfaro e Dias (1998) incluem o tempo como um dos parâmetros que determinam o custo/benefício de um tradutor automático. Para os autores, o sistema precisa agilizar a tarefa de tradução de maneira tal que valha a pena o uso dessa. Ao mesmo tempo, alertam que a velocidade da máquina não deve prejudicar o trabalho do tradutor, gerando uma quantidade de erros tão grande que a pós-edição se torne demasiada morosa. Os gráficos a seguir demonstra a porcentagem de tempo gasta em cada tipo de atividade quando somadas de acordo com o tipo.

Gráfico 2 – Porcentagem de tempo gasto em cada atividade do processo de tradução



Fonte: Dados da pesquisa



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Como pode ser notado, o tempo gasto em pós-edição, representa 60% do tempo gasto na tradução, o que corresponde a uma hora, sete minutos e 18 segundos (1'07"18). Esse fato é compreensível, visto que tanto Garcia quanto Pym (apud GRAZIUSO, 2014) alegam que a tarefa de pós-edição é o que ocupará os tradutores diante do avanço da TA. Para eles, a atividade de tradução de fato, será somente entregue à máquinas.

E Martins e Nunes (2005) falam de "tradução crua", que seria planejada para pós-edição e, portanto, propositadamente imperfeita. O objetivo de um produto parcial é justamente que este sirva de ponto de partida para o trabalho humano, e é válido por reduzir o tempo de tradução. Segundo os autores, o tempo dedicado à pós-edição corresponde de 40% a 50% em cada lauda.

Considerações finais

Com esta investigação constatou-se que a maior parte do trabalho quando um texto é submetido ao sistema de TA do SP, é o trabalho de pós-edição. Demonstrou-se que a máquina comete erros de significação de sinais e organização frasal. Isso evidencia que o trabalho do sistema de TA do SP não se distingue ao dos que operam línguas orais quanto aos aspectos semânticos e sintáticos, os dois cometem erros, que já são esperados quando se utilizam tais programas (ALFARO; DIAS, 1998; MARTINS; NUNES, 2005).

A abordagem de tradução direta – usada pelo sistema – exige que aconteça uma edição prévia do texto para glosas, e essa diminui as ocorrências de erros que exigem uma pós-edição. Essa é uma tendência entre instituições que utilizam tradutores automáticos, que geram textos já pensados para esse resultado (ALFARO e DIAS, 1998). A aplicação requer um tempo proporcionalmente maior na pós-edição do texto se comparado a ferramentas de TA para línguas orais, isso devido à forma como o editor de texto opera.

Uma otimização ocorreria se houvesse a possibilidade de uso do teclado, ou se o texto pudesse ser melhor visualizado nessa etapa. Na versão atual do sistema o texto



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

é apresentado em uma única coluna, e o tradutor precisa lançar mão da barra de rolagem sempre que precisa editar determinado sinal.

O fato de o sistema apresentar uma grande variedade de símbolos relativos a um mesmo sinal para seleção, mostra que é urgente a necessidade de padronização da escrita, o que pode ser impulsionado com a produção de mais materiais escritos em língua de sinais por meio do SW.

O corpus gerado pelo sistema é uma fonte riquíssima de traduções que podem servir a estudos de tradução. O dicionário online também é uma proveniência de terminologias diversas que podem ser facilmente garimpadas nas duas direções. Dessa forma o sistema também é gerador de ferramentas de apoio ao trabalho do tradutor. Mas é necessário que mais pessoas se voltem para o uso do sistema, o alimente com vocábulos corretamente escritos e com textos traduzidos.

A tradução gerada para este estudo apresenta erros de escrita mesmo na sua versão final, que foi registrada no corpus de Literatura do SP. Não foi possível submeter o texto a uma revisão. Isso revela a necessidade emergente de qualificação profissional para operar com o SW em todas as etapas do processo de tradução.

O sistema de TA do SP pode contribuir para o tradutor que opere entre a língua portuguesa escrita e língua de sinais escrita. Esse é o programa mais utilizado atualmente para esse fim, mas ainda pouco dominado, mesmo entre aqueles que se dedicam aos estudos do SW.

Este trabalho tem sua importância no esclarecimento da abordagem e funcionamento do sistema de TA do SP e no aguilhão para seu uso por cada vez mais profissionais tradutores língua português e libras. A produção de materiais em libras escrita é um fomento para que os surdos se apropriem da sua língua no papel.

Referências

ALFARO, Carolina & DIAS, Maria Carmelita P. **Tradução automática: uma ferramenta de auxílio ao tradutor**. Cadernos de Tradução. UFSC: GT de tradução. n° 3, 1998.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.
- BARROS, Ricardo Oliveira. **Contribuições da tradução automática para o trabalho do tradutor de português e libras escrita**. Monografia do curso de Bacharelado em Letras Libras. UFSC. São Luis, 2018.
- BRASIL. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Brasília: MEC, 2001.
- COSTA, Edivaldo da Silva. **Tendências atuais da pesquisa em escrita de sinais no Brasil**. Revista Diálogos (RevDia). "Educação, inclusão e Libras". v. 5, n. 3, 2017.
- FERNANDES, Lincoln Paulo; JUNIOR, Lautenai Antonio Bartholamei. **Estudos da Tradução II**. UFSC. Florianópolis, 2009.
- GRAZIUSO, Luciana. **A influência da Tradução Automática (TA) na produtividade do tradutor: um experimento prático com uma ferramenta gratuita online**. Florianópolis, SC, 2014.
- KOGUT, M. K. **As descrições imagéticas na transcrição e na leitura de um texto em SignWriting**. **Dissertação em Linguística**. Florianópolis: UFSC, 2013.
- LIMA, Manuella Aschoff Cavalcanti Brandão. **Tradução automática com adequação sintático-semântica para LIBRAS**. Dissertação, UFPB, João Pessoa, 2015.
- MARTINS, Ronaldo T.; NUNES, Maria das Graças V. **Noções gerais de Tradução Automática**. USP/ UFSCar/ UNESP. São Paulo, 2005.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed.** – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SLEVINSKI, Steve. **The SignPuddle Standard for SignWriting Text**. Center for Sutton Movement Writing. La Jolla, CA, 2015.
- SLEVINSKI, Steve; SUTTON, Valerie. **Sign Puddle Reference Manual**. Center for Sutton Movement Writing. La Jolla, CA, 2007
- STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. **O texto adaptado à máquina: estratégias de controle autoral para implementação da tradução automática**. In: Estudos linguísticos, São Paulo, 39 (2): p.696-706, mai-ago. 2010.
- SUTTON, Valerie. **Writing sign language on your computer**. ComputerEdge: San Diego's computer & internet magazine. Vol.24, nº 28, Jul/2006. San Marcos, 2006.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A TECNOLOGIA E A ESCRITA DE SINAIS: uma proposta de tradução de campanha impressa da área da saúde

Sharon Leonel da Costa – UFRGS
Vinicius Martins Flores – UFRGS

Resumo: A motivação da pesquisa surge a partir de discussões sobre o papel do tradutor e o uso da escrita de sinais como possibilidade de ampliar o acesso do sujeito surdo ao mundo das informações que estão na modalidade escrita da língua portuguesa e da constatação de que nem sempre é possível realizar uma tradução para a Libras (Língua Brasileira de Sinais) na modalidade sinalizada (versão em vídeo). Nesse sentido, o objetivo deste artigo é propor um protótipo de cartaz de uma campanha sobre prevenção ao suicídio e realizar, de forma inicial, uma discussão sobre acessibilidade comunicacional para surdos em formato impresso.

Palavras-chave: Libras. Escrita de sinais. Tradução. Saúde.

Introdução

Ao adentrar em espaços hospitalares e postos de saúde observa-se um mundo de cartazes espalhados pelas paredes com intuito de informar sobre doenças, geralmente com o foco de preveni-las. Até que ponto esses materiais impressos, com tamanha diversidade de temas são compreendidos pela população surda? Quais outras formas de propor cartazes referentes a campanha da área da saúde para pessoas surdas usuárias de Libras? Essas questões permearam as discussões iniciais deste estudo desenvolvido na disciplina de Escrita de Sinais II do curso de graduação em Letras – com ênfase em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Dessa forma, as discussões referentes ao uso da escrita de sinais como recurso de informar algo para alguém começou a ser debatido. Estabelecendo um objetivo geral de propor um protótipo de cartaz de uma campanha sobre prevenção ao suicídio. Para tanto, o estudo analisou os seguintes materiais em busca de subsídios para realizar o objetivo geral desta pesquisa: (I) a estrutura organizacional básica do



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Ministério da Saúde; (II) a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (doravante, Conitec); (III) Conselho Nacional de Saúde; (IV) e as campanhas relacionadas a prevenção ao suicídio.

A motivação da pesquisa imerge a partir de discussões sobre o papel do tradutor e o uso da escrita de sinais como possibilidade de ampliar o acesso do sujeito surdo ao mundo das informações que estão na modalidade escrita da língua portuguesa e que nem sempre é possível realizar uma tradução para a Libras (Língua Brasileira de Sinais) na modalidade sinalizada. Consideramos também as discussões educacionais, já que o movimento pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica. O documento da política atual de educação especial na perspectiva da educação inclusiva traz a problematização de que os sistemas de ensino "universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola" (BRASIL, 2009, p. 6).

A legislação educacional evoluiu e buscou aprimorar-se nas práticas, mas e as diferentes realidades da área da saúde? E o acesso as informações do cotidiano? Ao longo do trabalho buscamos desenvolver algumas ideias e informações para contemplar tanto a proposta de cartazes, quanto a outros materiais impressos dessa área importante que é a saúde.

Discussões iniciais

A educação especial se realiza em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino e tendo o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como parte integrante do processo educacional. Por isso, é necessário fazer uma breve retrospectiva destacando mais especificamente a fase de 1990, por ser um marco no Brasil para a escolarização de alunos com deficiência. Na Conferência Mundial de Educação para Todos, que ocorreu em Jomtien, na Tailândia, com a participação de 155 (cento e cinquenta e cinco) países, o Brasil se tornou um dos signatários da Declaração gerada no evento. A partir desse evento, lentamente a proposta de educação inclusiva foi ganhando espaço enquanto política educacional.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Não podemos esquecer o grande marco histórico da política inclusiva no Brasil, a Conferência Mundial de Educação Especial, que ocorreu em Salamanca, em 1994, que originou assim a “Declaração de Salamanca”. Dessa forma, essas declarações passam a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva no Brasil – LDBEN 9394/96 e o Plano Nacional de Educação de 2001. De modo que, até os dias atuais, vários são os dispositivos legais que têm como objetivo cumprir com as regras geradas nos grandes acontecimentos em âmbito mundial. Atualmente, está em vigência a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” (BRASIL, 2008).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, alterada pela Lei nº 12.796, de 2013, artigo 4º, inciso III, prevê o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 2013). De maneira que, a Lei nº 13.146, de 2015, que institui o Estatuto da Pessoa com deficiência, preconiza em seu artigo 27 que:

[...] a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, on-line).

Essa legislação vem a contribuir por contemplar uma parte significativa da população que possui algum tipo de deficiência. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) 6,2% da população brasileira tem algum tipo de deficiência. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) considerou quatro tipos de deficiências: auditiva, visual, física e intelectual. As pessoas com deficiência auditiva representam 1,1% da população brasileira, e esse tipo de deficiência foi o único que apresentou resultados estatisticamente diferenciados por cor ou raça, sendo mais comum em pessoas brancas (1,4%), do que em negros (0,9%). Cerca de 0,9% dos brasileiros ficaram surdos em decorrência de alguma doença ou acidente e 0,2% nasceu surdo. Do total de deficientes auditivos, 21% têm grau intenso ou muito intenso de limitações, o que compromete atividades habituais. O levantamento de dados



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

apresentados no presente estudo foi elaborado e apresentado pelo IBGE e feito em parceria com o Ministério da Saúde (VILLELA, 2015).

Percebe-se que a preocupação e atenção ao público educacional é enorme em nosso país, mesmo que ainda os estudos atuais demonstrem que devemos continuar dialogando sobre o acesso e permanência de estudantes surdos na escola comum. A área da saúde deve abordar a acessibilidade de forma educativa e não apenas com o olhar clínico.

O suicídio, a saúde, a tecnologia e a escrita de sinais

O tema suicídio é intenso, para elucidar a discussão apontamos os dados informados pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) em 2018, que apresenta os seguintes dados:

Tabela 1 – O que é suicídio?

<p>Principais fatos</p> <ul style="list-style-type: none">• Mais de 800.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos.• Para cada suicídio, há muito mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano. <p>A tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral.</p> <ul style="list-style-type: none">• O suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos.• 75% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda.• Ingestão de pesticida, enforcamento e armas de fogo estão entre os métodos mais comuns de suicídio em nível global.
<p>Quem está em risco?</p> <p>Embora a relação entre distúrbios suicidas e mentais (em particular, depressão e abuso de álcool) esteja bem estabelecida em países de alta renda, vários suicídios ocorrem de forma impulsiva em momento de crise, com um colapso na capacidade de lidar com os estresses da vida – tais como problemas financeiros, términos de relacionamento ou dores crônicas e doenças.</p>



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Além disso, o enfrentamento de conflitos, desastres, violência, abusos ou perdas e um senso de isolamento estão fortemente associados com o comportamento suicida. As taxas de suicídio também são elevadas em grupos vulneráveis que sofrem discriminação, como refugiados e migrantes; indígenas; lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (LGBTI); e pessoas privadas de liberdade. De longe, o fator de risco mais relevante para o suicídio é a tentativa anterior.

Prevenção e controle

Suicídios são evitáveis. Há uma série de medidas que podem ser tomadas junto à população, subpopulação e em níveis individuais para prevenir o suicídio e suas tentativas, incluindo:

- Redução de acesso aos meios utilizados (por exemplo, pesticidas, armas de fogo e certas medicações);
- Cobertura responsável pelos meios de comunicação;
- Introdução de políticas para reduzir o uso nocivo do álcool;
- Identificação precoce, tratamento e cuidados de pessoas com transtornos mentais ou por uso de substâncias, dores crônicas e estresse emocional agudo;
- Formação de trabalhadores não especializados em avaliação e gerenciamento de comportamentos suicidas;
- Acompanhamento de pessoas que tentaram suicídio e prestação de apoio comunitário.

Fonte: ORGANIZAÇÃO... (2018, on-line).

Devido à complexidade e densidade do tema, foi inviável abordar o tema suicídio de forma aprofundada durante o nosso trabalho, portanto optou-se por apresentar os dados gerais. Isso reforça a ideia de que os esforços de prevenção necessitam de difusão entre os múltiplos setores da sociedade, incluindo a área da saúde. Principalmente quando pensamos na população surda usuária de Libras.

A tecnologia em saúde se refere à aplicação de conhecimentos com objetivo de promover a saúde, prevenir e tratar as doenças e reabilitar as pessoas. São exemplos de tecnologias em saúde: medicamentos, produtos para a saúde,



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

procedimentos, sistemas organizacionais, educacionais, de informação e de suporte e os programas e protocolos assistenciais por meio dos quais a atenção e os cuidados com a saúde são prestados à população. (BRASIL, 2016, p. 8)

Para a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos localizada no Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde do Ministério da Saúde, a tecnologia serve para informar, ou seja, a tecnologia faz parte de uma estrutura de prevenção.

As tecnologias em saúde estão presentes desde a prevenção de doenças até o tratamento e recuperação da saúde das pessoas. A utilização correta das tecnologias em saúde e a atualização constante das informações sobre elas são imprescindíveis para um maior benefício para os pacientes e também para os seus cuidadores e familiares. (BRASIL, 2016, p. 8)

Para Berbel e Rigolin (2011) as contribuições da educação e da promoção da saúde através de campanhas públicas são limitadas e insuficientes. No entanto, o aumento de recursos financeiros e humanos para conscientização e orientação da população geraram benefícios tanto no sentido de cativar a atenção do público, quanto da legitimação dos preceitos de saúde. Na atualidade, a televisão, o rádio, as revistas e a internet são os principais meios de promoção de campanhas da área da saúde, considerados indispensáveis para Berbel e Rigolin (2011), não excluindo outros recursos de campanhas, como os materiais de cartilhas e folders, adesivos e manuais.

Nesse sentido de materiais impressos, a escrita de sinais pode ser uma forma de apoiar o processo informativo da comunidade surda através de campanhas da saúde. Para tanto, o presente trabalho adota, entre os sistemas de escritas disponíveis para a Libras, o sistema *SignWriting*, que é um sistema de escrita elaborado por Valerie Sutton em 1974. No Brasil esse sistema é discutido de forma ampla e aprofundado por Stumpf (2005) e por Silva (2009).

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória e intervencionista (GIL, 1999). A escolha deste tipo de pesquisa deu-se pelo conceito de Baldissera (2001) no qual esta estratégia é vista como forma de engajamento sócio-político, a serviço da causa das classes populares.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Da mesma forma, a autora a seguir coloca sobre a vida coletiva e individual e seu dinamismo enquanto fonte inesgotável de riqueza.

A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. (MINAYO, 2002, p. 15).

Entendendo-se a realidade vivenciada pelos surdos, como usuários de uma língua minoritária sem uma definição de sistema de escrita como padrão. E pode-se compreender o caráter social desta pesquisa como uma procura pela transformação, já que os sujeitos surdos são obrigados por uma legislação nacional a serem bilíngues (BRASIL, 2002), o que os autores do presente estudo consideram como algo bom, mas questionam se o cidadão surdo deve sempre ser informado através da escrita de sua segunda língua. O que parece num primeiro momento ser algo nada atrativo, já que nem todos os sujeitos surdos possuem uma proficiência leitora de mesmo nível.

Processo de tradução e discussão dos resultados

O estudo foi realizado em sala de aula na disciplina de Escrita de Sinais II do curso de graduação em Letras – com ênfase em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), perpassando por diferentes etapas. As mesmas serão apresentadas e discutidas.

- **1ª Etapa:** Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa: o tema foi selecionado por ocorrer notícias em redes sociais sobre suicídios de jovens surdos na região de Porto Alegre, uma questão: Como propor uma tradução de campanha da área da saúde utilizando o sistema de escrita *SignWriting*?
- **2ª Etapa:** Pesquisar as campanhas ofertadas pelo Ministério da Saúde: a pesquisa iniciou pelo site: <<http://portalms.saude.gov.br/campanhas>> - localizando uma campanha de 2017 e uma vigente em 2018. Nenhuma das duas consta acessibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual ou auditiva, e nenhuma das campanhas proporciona o material em Libras, por serem materiais impressos.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

- **3ª Etapa:** Escolher uma campanha: optou-se pela campanha atual, por ser um material que está em circulação e distribuição.
- **4ª Etapa:** Preparar a tradução: o presente trabalho não apresentara o processo de tradução de forma comentada, mas a estratégia de tradução utilizada foi a cultural. O conceito de tradução cultural adotado foi de Albert (1995), que o apresenta como algo individual e relacionado as experiências do tradutor com a comunidade e as culturas/línguas envolvidas.
- **5ª Etapa:** Planejar o produto final: a ideia é permanecer o mais próximo do produto inicial, ou seja, a tradução deverá mexer na parte de representação escrita e não na estética. O que se percebe em alguns momentos é a estética do material não pode ser mantida, já que uma escrita é linear e a outra não. O que se percebe em alguns momentos é a estética do material não pode ser mantida, já que uma escrita é linear e a outra não.
- **6ª Etapa:** O material inicial: o material inicial escolhido foi o cartaz com maior número de informações, retirado do link: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/jpg/2018/setembro/13/cartaz-suicidio-2018-297x420.jpg>> (Acesso em: 20 out. 2018).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 1 – Cartaz original



Fonte: <<http://portalms.saude.gov.br/campanhas/44379-prevencao-o-suicidio>>. Acesso em: 10 out. 2018.

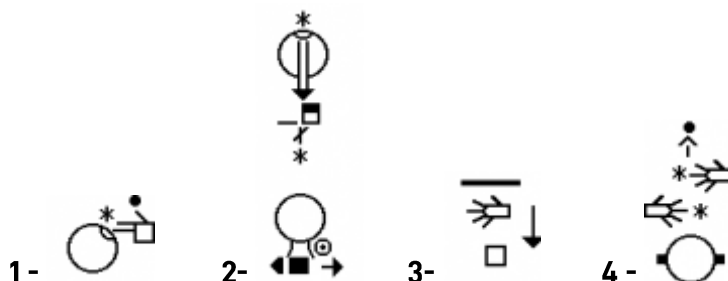
O presente artigo propõe apresentar um trabalho inicial sobre a tradução do cartaz acima, no entanto as questões de tradução não serão detalhadas, mas sim será dada ênfase sobre o grande trabalho terminológico. Além disso, por falta de um estudo de frequência de ocorrência de grande escala, a escolha do sinal-termo foi embasada pela comunidade onde os pesquisadores/tradutores estão inseridos, assim pode-se optar por sinais que sejam comuns para o cotidiano onde estão inseridos.

Um exemplo interessante, é o termo suicídio, pois foram localizados quatro sinais, que seguem:



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul



Os quatro sinais são identificados pelo rótulo (nomeação) suicídio, então para escolha, optou-se por utilizar o sinal de número 3. Já que o mesmo é utilizado pelos surdos próximos como um sinal que abrange todas as formas de suicídio.

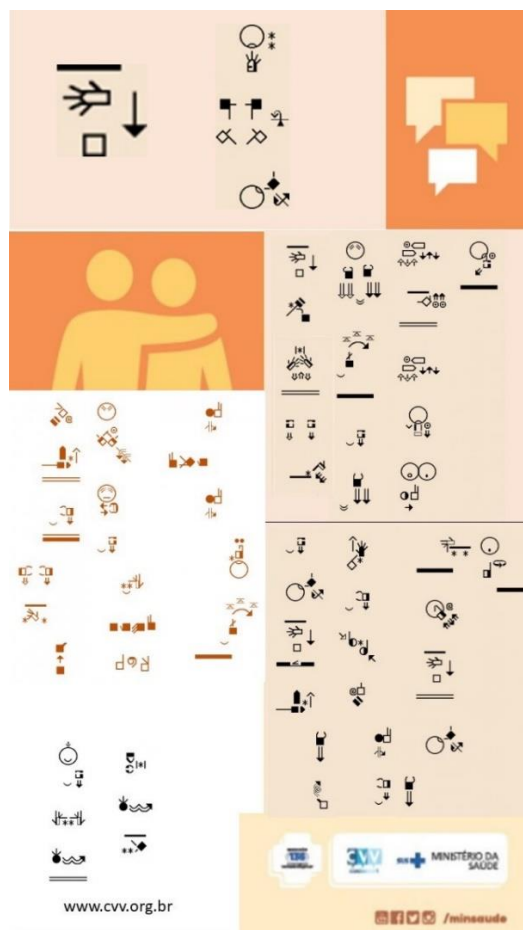
- **7ª Etapa:** Discussão de quais sinais e quais as formas que o texto final teria em Libras. Considerando que o texto original é extenso, com diferentes informações. Cabe aos pesquisadores/tradutores decidirem quais informações são cabíveis e em que ordem devem ser apresentadas. O desafio foi o limite de espaço gráfico, de linhas para o uso do *SingWriting*, além dos desafios de buscar equivalência entre as línguas nas modalidades escritas.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 2 – Proposta de cartaz em SignWriting



Fonte: Elaborado pelos os autores (2018).

Considerações finais

O desafio inicial de propor um protótipo de cartaz de uma campanha sobre prevenção ao suicídio foi realizado. Para tanto, foram analisadas as normas de estrutura organizacional básica do Ministério da Saúde e constatado que nada apresenta sobre orienta sobre a acessibilidade, mas informa a necessidade de ter acessibilidade em geral. Na análise dos materiais da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS observa-se que existe uma abertura sobre o uso de tecnologias para a informação, mas não fala sobre acessibilidade comunicacional. E o Conselho Nacional de Saúde apresenta uma possibilidade de acessibilidade, mas



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

na prática as campanhas dos últimos 4 anos possuem um número insuficiente de materiais acessíveis.

A ideia é continuar a produzir materiais nessa área com intuito de fomentar a acessibilidade em espaços onde não há possibilidade de recursos de mídia digital. A escrita de sinais – *SignWriting* – pode ser um recurso de menor custo, de mais facilidade para estar em locais sem ou de pouco acesso digital. A experiência foi gratificante e desafiadora, podendo ser ainda discutida de outras formas e possibilidades.

Referências

AUBERT, F. (1995). **Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden)**. Tradterm, 2, 31-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.23179511.tradterm.1995.49913>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BALDISERRA, A. **Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo**. Sociedade em debate, Pelotas, n. 7, p. 5-25, ago. 2001. Disponível em: <<http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BERBEL, D. B.; RIGOLIN, C. C. D. Educação e promoção da saúde no Brasil através de campanhas públicas. **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 25-38, 2011.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde**. Entendendo a Incorporação de Tecnologias em Saúde no SUS: como se envolver [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 34 p.: il.

BRASIL. **Resolução nº 4 de 2 de outubro de 2009**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/legislacao/>. Acesso em: 10 out. 2018.

CONITEC. COMISSÃO NACIONAL DE INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO SUS, 2018. Disponível em: <<http://conitec.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2018.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. 2018. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/>>. Acesso em: 26 novembro 2018.

GIL, A. C.. **Métodos técnicas e pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1999.

IBGE. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 26 novembro 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/>>. Acesso em: 26 novembro 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2018. Disponível em: <<https://www.paho.org/bra/>>. Acesso em: 26 novembro 2018.

SILVA, F. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting**. Florianópolis: UFSC, 2009.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SUTTON, V. **Lições sobre o SignWriting - Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais** - Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro "Lessons in SignWriting", de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC – Deaf Action Committee for SignWriting. Disponível em <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BRLicoes-SignWriting.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018

VILLELA, F. **IBGE: 6,2% da população têm algum tipo de deficiência**. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-08/ibge-62-da-populacao-tem-um-tipo-de-deficiencia>>. Acesso em: 26 novembro 2018.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

AS NTICs ADAPTADAS PARA SURDOS

Daldemiro Madeiro de Lima – UNIASSELVI

Márcio Machado Rodrigues – UNIASSELVI

Marcio Rogério Cantanhede – UNIASSELVI

Renata de Arruda Câmara Silva – UNIASSELVI

Resumo: Vivemos no momento de grande fluxo de informação, somos “bombardeados” a todo instante e precisamos filtrar o que é importante. Sabemos que não podemos viver sem essas NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), buscamos cada vez mais um convívio harmonioso com elas, afinal, facilitam nosso processo de acesso ao mercado de trabalho no mundo globalizado. Nesse contexto encontramos o surdo que também precisa viver essa mesma experiência que o ouvinte vive, no entanto não percebemos qual a realidade do surdo. Observamos algumas escolas de Fortaleza-Ce e percebemos que as NTICs não fazem parte do processo escolar, os jovens surdos estão em uma situação de exclusão digital. Essa inclusão digital do surdo precisa acontecer, a língua não é um obstáculo, pois a questão visual do surdo é beneficiada nesse aspecto. Existem vários os programas que permitem ao surdo mergulhar nesse universo de informação e acreditamos que os docentes precisam também experimentar essas tecnologias para que possam promover essa inclusão e provocar as políticas públicas para esse novo desafio, incluir o surdo no mundo digital.

Palavras-chave: Libras. NTICs. Inclusão digital.

Introdução

Desde o começo dos anos 2000, vivemos a era digital. Depois de 20 anos já estamos mergulhados na tecnologia. A internet representa: trabalho, facilidade, localização, informação e educação. No entanto a comunidade surda ainda não tem acesso de forma igualitária a essa tecnologia em relação aos ouvintes, não somente às questões econômicas, mas, muitas vezes, por falta de acessibilidade.

Faremos uma exposição de atividades utilizando as NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), que são adaptadas e acessíveis ao surdo, são recursos tecnológicos capazes de promover uma aprendizagem significativa para o surdo.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos)". (BAKHTIN, 1992, p. 379).

Inserir o surdo no mundo das novas tecnologias é uma forma também de permitir que possa interagir com culturas diversas e, sobretudo permiti-lhe uma educação igualitária, pois hoje a tendência educacional das novas tecnologias da informação e comunicação - NTICs são necessárias a qualquer currículo escolar.

Fundamentação teórica

Quando se pensa em utilizar as NTICs como recurso didático/pedagógico logo pensamos em software educativo, que são recursos que tem como objetivo ser um suporte a mais nos processos de ensino e de aprendizagem ajudando nossos alunos a formular, assimilar e desenvolver sua capacidade de manipular os conhecimentos adquiridos. O software educativo precisa: desenvolver autonomia, ter objetivos claros, ser interessante, criativo e acessível ao aluno surdo.

Segundo Fernandes (2003, p. 17), "A forma de recepção não-grafada (não-escrita) é a audição e a forma de reprodução (não-escrita) é a oralização". Por conseguinte, as línguas espaço visuais são "naturalmente reproduzidas por sinais manuais e sua recepção é visual. Ambas as modalidades possuem gramáticas próprias que as diferenciam umas das outras, e entre si, em sua própria modalidade." (FERNANDES, 2003, p. 17).

Os primeiros softwares educativos ainda seguiam o método oralista, que buscavam o treinamento da fala e da leitura labial do sujeito surdo e hoje eles objetivam o respeito à língua de sinais e sua modalidade visuo-espacial.

A uma capacidade de produção e compreensão especificamente linguística ou a uma modalidade singular de processamento cognitivo. Experiência visual envolve todo tipo de significações, representações e/ou produções, seja no campo intelectual, lingüístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural e etc. (SKLIAR, 1999, p. 11).

Conforme definido por Skilar (1999), essa experiência visual do surdo não o limita em absolutamente em nada, com essa modalidade os surdos conseguem conversar sobre vários assuntos tais como: política, citar poesias, compreender uma música, isso tudo porque a LIBRAS é uma língua comum as línguas orais. A revista da



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

FENEIS número 2: 16 nos esclarecem a LIBRAS, como toda Língua de Sinais, sendo uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p. 19).

Se a língua oral é adquirida de forma institucionalizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais essa é a proposta bilíngue na intenção do surdo. É exatamente nessa perspectiva que podemos analisar a questão controversa da inclusão escolar de crianças com necessidades especiais. Como procuraremos mostrar mais adiante, é preciso superar o moralismo abstrato para encontrar uma ética concreta que permita abordar a questão dos modos de acolhimento e de educação dessas crianças, identificando os obstáculos nas diferentes situações. Portanto, a convicção deve ser articulada ao emprego de modalidades práticas da ação (PLAISANCE, 2010, p. 21).

Buscamos fundamentar nossa pesquisa através do *Web Content Accessibility Guidelines - WCAG* que representa parte um conjunto de diretrizes elaboradas por um consórcio internacional (*World Wide Web Consortium - W3C*) que visa à normatização do conteúdo *web* para que pessoas com deficiências possam cada vez mais acessar e utilizar os mais variados serviços disponíveis na internet (WCAG 1.0, 2008).

Através desses documentos internacionais e nacionais adaptados através desse WCAG, que firmam a importância das pessoas com deficiência terem acesso as NTICs, que o surdo tem o seu direito de aprender todo conhecimento disponível, através da sua língua natural, a língua de sinais. Assim buscamos fundamentar nossa pesquisa em tecnologias, já disponíveis no mercado e de fácil acesso a todos.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Metodologia

Nossa pesquisa teve um caráter qualitativo. O método qualitativo descreve uma relação entre o objetivo e os resultados que não podem ser interpretadas através de números, nomeando-se como uma pesquisa descritiva. Todas as interpretações dos fenômenos são analisadas indutivamente (FERNANDES, 2009).

A pesquisa desenvolveu-se no período do estágio obrigatório I do curso de Letras/LIBRAS da UNIASSELVI, de agosto a setembro de 2018, com carga horária total de 100h divididas em: 12 horas de observação, 20 horas de regência de sala de aula nas escolas de referência de Fortaleza – CE e 68h de produção acadêmica.

Durante nossas observações percebemos que a tecnologia não faz parte da sala de aula do aluno surdo, as escolas até tem os laboratórios de informática, porém não são utilizados como ferramenta que auxiliem nesse processo de ensino e aprendizagem, são utilizados mais como pesquisas no contra turno. Como levar essa tecnologia para sala de aula?

Buscamos no celular essa resposta, as novas tecnologias que estão ao alcance de todos, porém ressignificamos a maneira de utilizar. Um aplicativo chamado *Play Store*, oferece material adaptado para o surdo. Esse aplicativo também pode ser instalado no computador através do emulador de Android *Blue Stacks*, sendo possível utilizá-lo sem o acesso à internet.

Dentre várias matérias adaptados para surdos encontramos: *Librário*, *Força em LIBRAS*, *Jogo da memória em LIBRAS*, *Quiz de LIBRAS*, *Torre de Hanói*, *Ler e contar*, *Game Kids 5* e *Guess the ASL sing-basics*.

Buscamos saber dos colegas de curso se esses materiais pesquisados por nós eram utilizados e/ou conhecidos nas escolas de referências para surdo em Fortaleza-CE. Constatamos que não. Logo que seria interessante apresentá-los, daí surge a ideia do artigo, como ferramenta para divulgar esses aplicativos que podem ser utilizados na sala de aula.



I CIELS-SUL

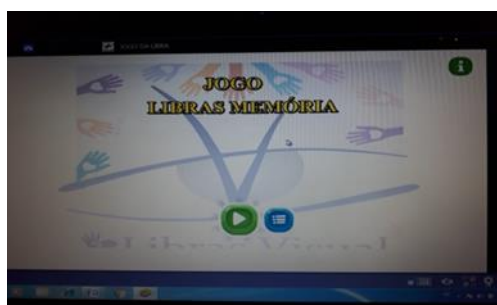
I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Figura 1 – Torre de Hanói



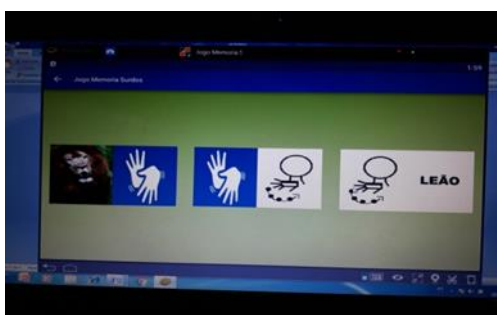
Fonte: Aplicativo disponível na Play Store.

Figura 2 – Jogo Libras Memória



Fonte: Aplicativo disponível na Play Store.

Figura 3 – Jogo da Memória em Libras



Fonte: Aplicativo disponível na Play Store

Os jogos educativos apresentados nesse trabalho podem ser trabalhados com surdos de diversas idades com o nível de escolaridade mínima exigida equivalente ao fundamental I e II.

A *Torre de Hanói* (Figura 1) trabalha a questão do raciocínio lógico matemático, desenvolvendo capacidade de resolução de problemas; *Jogo da memória em LIBRAS*



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

(Figura 2 e 3) permite o surdo desenvolver sua capacidade de memorização na sua língua materna, propiciando a aquisição de sua língua e permitindo conhecer à escrita *Sign Writing*.

No século XXI é possível usar o computador no ensino, não só para quantificar, mas também para simular situações reais, realizar operações matemáticas e outras funções de maneira rápida e precisa (FREITAS, 2007).

Resultados e discussão

Buscamos observar durante as visitas nas escolas de referência na educação dos surdos e com debates dentro de sala de aula do curso de Letras/LIBRAS da UNIASSELVI, quais matérias adaptados são utilizados para o processo de ensino-aprendizagem e inclusão digital dos surdos. Percebemos que não existe essa inclusão digital e ainda não se utilizam das NTICs.

Apresentamos os aplicativos que pesquisamos para os colegas do curso de Letras/LIBRAS e todos apresentaram grande interesse de utilizar como ferramenta de construção do ensino e aprendizagem significativa para o sujeito surdo. Nosso próximo passo será apresentar para os docentes das escolas de referências e juntos promovermos o desenvolvimento de novas metodologias de ensino, utilizando esse recurso disponível no *Play Store*.

Conforme Valente (1999, p. 199), tomadas em seu sentido mais geral, pedagogia e tecnologia sempre foram elementos fundamentais e inseparáveis da educação. Assim, tecnologia é uma forma de conhecimento. "Coisas" tecnológicas não fazem sentido sem o "saber como usá-las, consertá-las, fazê-las".

Considerações finais

Nossa pesquisa nos trouxe momentos de reflexões significativas sobre a educação dos surdos em nossas escolas de referência em Fortaleza-CE. Podemos observar que, avançamos muito no tocante ao respeito a LIBRAS, a compreensão da escola/educação bilíngue e sobre a busca da inclusão dos surdos nos espaços



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

escolares. No entanto hoje o mundo vive em uma aldeia global, todos estão conectados e interligados de forma econômica e cultural, o mercado competitivo exige que tenhamos acesso a essas NTICs.

Precisamos promover uma educação para os surdos com acesso também as NTICs, isso é possível, o mercado já disponibiliza essas ferramentas que aqui demonstramos. Precisamos nos apropriar dessas ferramentas para dispensar uma educação acessível aos surdos e promover sua inclusão digital.

Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BISOL, C. A; VALENTINI, C. B. Objeto virtual de aprendizagem *incluir*: recurso para a formação de professores visando à inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, SP, v. 20, n. 2, p. 223-234, jun. 2014. [ISSN 1413-6538].
- FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FREITAS, M. E. d. **Cultura organizacional**: evolução e crítica. São Paulo: Thompson Learning, 2007.
- FLOR, C. d. S; VANZIN, T; ULBRICHT, V. **Recomendações da WCAG 2.0 (2008) e a acessibilidade de surdos em conteúdos da Web**. *Rev. bras. educ. espec.*, Jun 2013, vol.19, no. 2, p.161-168. ISSN 1413-6538.
- PLAISANCE, E. **Denominações da infância**: da anormal ao deficiente. Educação e Sociedade, Unicamp, v.26, n.91, p.405-417, 2005.
- REVISTA DA FENEIS. Números 1 ao 13. RJ. 1999/2002.
- SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- VALENTE, J. A. **Informática na educação**. Revista Pátio, ano 3., n. 09. Porto Alegre, maio/jul, 1999.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

WCAG 1.0. G. Vanderheiden, W. Chisholm, I. Jacobs Editores. **Web Content Accessibility Guidelines 1.0**, Recomendação W3C, 5 de maio de 1999, <http://www.w3.org/TR/1999/WAI-WEBCONTENT-19990505/>. A última versão das WCAG 1.0 está disponível em: <<http://www.w3.org/TR/WAI-WEBCONTENT/>>. Acesso em: 18 set 2018.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A TECNOLOGIA E A TERMINOLOGIA EM LIBRAS: relato de uso da Escrita de Sinais no registro de termos LGBTI+

Diego Rafael Machado da Silva – UFRGS¹⁸

Vinicius Martins Flores – UFRGS¹⁹

Resumo: Quando pensamos sobre Libras (Língua Brasileira de Sinais) remetemos frequentemente à ideia de produção da sinalização em vídeo ou até mesmo em imagem estática (foto), e não abrangemos o sistema de escrita da Libras. Destaca-se, que de forma incipiente, existe em algumas escolas de surdos em nosso país o uso do sistema de escrita - *SignWriting*. O presente estudo teve como objetivo relatar o processo de registro de termos utilizando o sistema de escrita SignWriting, considerando a variação linguística encontrada no GETLibras – Grupo de Estudos de Terminologia da Libras, desenvolvido na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O grupo estudou os termos em Língua Brasileira de Sinais em ambiente LGBTI+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros, intersexuais) e verificou a função do sinal-termo e sua equivalência semântica com o conceito empregado em língua portuguesa. O estudo é inicial, portanto, uma análise de materiais do YouTube, e também contou com a participação de pessoas surdas e intérpretes de Libras na coleta de termos e informações. Para estabelecer uma análise e registro da pesquisa, todos os termos/sinais foram registrados em vídeo e na escrita da Língua de Sinais (SignWriting). Dessa forma, cada sinal-termo foi registrado nas suas variações. Salienta-se que é importante, em estudos futuros, considerar existência da Libras em sua forma escrita por meio do sistema SignWriting como forma de registro escrito para garantir o acesso futuro nos detalhes das informações linguísticas.

Palavras-chaves: Signwriting. Terminologia. Libras.

¹⁸ Graduando em Letras – Bacharelado em Tradução e interpretação em Libras/Língua Portuguesa. E-mail: <diego.rafael@ufrgs.br>.

¹⁹ Doutorando em Letras - Psicolinguística. E-mail: <viniciusmartinsf@gmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Introdução

O presente estudo teve como objetivo relatar o processo de registro de termos utilizando o sistema de escrita *SignWriting*, considerando a variação linguística encontrada no GETLibras – Grupo de Estudos de Terminologia da Libras, desenvolvido no curso de graduação em Letras – Bacharelado em Tradução e Interpretação de Libras / Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O grupo estuda os termos em Língua Brasileira de Sinais em ambiente LGBTI+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros, intersexuais), área da saúde (Anatomia) e religiosa, verificando a função do sinal-termo e sua equivalência semântica com o conceito empregado em língua portuguesa. O estudo da área LGBTI+ é inicial, e portanto, analisa materiais do YouTube, também contou com a participação de pessoas surdas e intérpretes de Libras na coleta de termos e informações.

Ao longo do trabalho apresentaremos o funcionamento, os benefícios tecnológicos aplicados e as limitações tecnológicas em uma pesquisa sobre termos LGBTI+ em Língua Brasileira de Sinais, assim demonstrando a utilidade de ferramentas como filmagem, edição, uso de plataforma moodle e outros recursos digitais.

O processo de pesquisa

Para estabelecer uma análise e registro da pesquisa, todos os termos/sinais foram registrados em vídeo e na escrita da Língua de Sinais (*SignWriting*). Em seguida eles foram analisados com critérios linguísticos e também com um enfoque semântico que considera a cultura religiosa envolvida na comunidade analisada. Seguindo uma metodologia exploratória descritiva e com uma análise qualitativa, os termos foram divididos em dois tipos, conforme nos aponta Barnwel (2011): a) palavras recorrentes que possuem o mesmo significado independente do contexto; b) palavras que alteram o significado dependendo do contexto em que estão inseridas.

Por isso, faz-se necessário um estudo referente as palavras/termos, visando auxiliar o processo de interpretação simultânea, evitando trocas/deturpações de sentido. Os resultados iniciais demonstram a necessidade de aprofundar as



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

discussões sobre os termos específicos da comunidade religiosa. Por serem palavras/sinais com uma carga semântica (SCHOLZ, 2006; RÓNAI, 1976), repletas de significado, elas necessitam de um estudo maior para compreender a sua criação e uso. Pela falta de formação linguística e tradutória dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais, os sinais ganharam forma sem um estudo conceitual, sendo muitas vezes um empréstimo linguístico (GESSER, 2009), uso de um sinal existente ou ainda a soletração manual da palavra.

No que se refere a interpretação (VASCONCELLOS, 2009), evidencia-se o aumento da demanda de interpretação simultânea em espaços LGBTI+ e a necessidade de se aprofundar nos estudos de interpretação para uma maior qualificação dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais (doravante, TILS) nessa área.

As possíveis contribuições da pesquisa para os TILS

Na constituição de um TILS, além da proficiência nas línguas que serão traduzidas/interpretadas, é fundamental haver o conhecimento teórico sobre o processo de tradução (VASCONCELLOS, 2009) e a realização de práticas voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências (RÓNAI, 1976) para que o mesmo possa estar atuando em diferentes situações. Apresentamos a seguir uma afirmação de Pagano (2005, p 19) que de forma interessante pode elucidar nossa discussão, em que ele coloca que "a competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores".

A questão não é julgar ou discutir a importância da formação para o TILS atuante em espaços LGBTI+, mas de buscar apoiar os TILS em suas práticas, possibilitando que o TILS possam ter acesso aos sinais-termo, registrando além de variação linguística as diferentes formas de sinalizar o mesmo sinal-termo. Visto ser importante estudar o conteúdo a ser traduzido/interpretado antes do ato em si, estar familiarizado com o tema a ser mediado é de suma importância para facilitar o encontro de escolhas interpretativas e auxiliar num melhor entendimento do assunto



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

para a pessoa que está recebendo a tradução. Nesse contexto, encontra-se a necessidade de conhecer de forma mais abrangente os termos a serem interpretados no espaço LGBTI+.

Portanto, a importância de debater o significado de determinados sinais-termo utilizados em ambientes LGBTI+ está no fato que, esses sinais específicos não compreendem de modo amplo o conceito do termo interpretado, dando ênfase apenas em uma parte semântica. O problema não é essa característica própria da interpretação semântica, afinal Scholtz (2006, p 119) elucida que esse processo de entendimento do significado perpassa pelo "conjunto de traços ou componentes semânticos", mas sim qual significado fora escolhido para ser representado em determinado sinal.

Por vezes, é possível perceber que o sinal utilizado para interpretar algum termo não contempla de forma segura seu conceito e acarreta para o Surdo o entendimento deturpado do conceito real do termo em questão. Sendo assim, promover esse debate e oferecer instrumentos de tradução dos termos religiosos e a criação dos sinais para a interpretação dos mesmos, qualificará a função do Tradutor/Intérprete de Libras nos espaços religiosos e propiciará maior qualidade no comprimento da acessibilidade para a pessoa Surda nesses espaços.

A tecnologia apoiando a pesquisa – resultados

A atividade inicial de coleta de termos e informações foi realizada pelos participantes do GETLibras e apoiada pelos colaboradores externos (surdos e intérpretes de Libras). Utilizando uma metodologia de cunho exploratório descritivo com uma análise qualitativa, os passos metodológicos foram divididos em sete etapas. Segue:

1. Verificar os sinais utilizados pela comunidade de uso (vídeos de YouTube, materiais digitais e a Comunidade Surda LGBTI+);
2. Registrar os sinais-termo em vídeo;
3. Catalogar e analisar se o mesmo sinal é usado apenas por uma ou mais comunidade;



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
 13 a 15 de dezembro de 2018
 Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
 R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

4. Fazer um registro em vídeo do(s) sinal(is) localizados;
5. Apresentar para uma banca de consultores surdos e ouvintes para verificação se o sinal foi reproduzido de forma adequada;
6. Organiza-los por frequência de uso;
7. Registrá-lo em escrita de sinais utilizando o sistema SignWriting.

Quadro 1 – Termos registrados em 2018.

Termo	Sinal 1	Sinal 2	Sinal 3
Gay			
Lésbica			-----
Bissexual			-----
Travesti			-----
Transexual			
Homossexual			-----



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
 13 a 15 de dezembro de 2018
 Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
 R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Heterossexual			-----
Assumir			-----
Drag			-----
Nome social		-----	-----
Gênero			-----
Viado			-----
Afeminada		-----	-----
LGBTI+			

Fonte: Material elaborado pelos os autores (2018).



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Para estabelecer uma análise e registro da pesquisa, todos os sinais-termo foram registrados em vídeo e na escrita da Língua de Sinais (*SignWriting*). Nesse sentido, o *SignWriting* auxilia no processo de registro de cada sinal-termo, pois por exemplo, o sinal-termo GAY sendo empregado tanto como um homônimo para o termo LGBTI+. Ou seja, dependendo de quem produz a tradução, o sinal-termo GAY é empregado com diferentes sentidos.

Na tabela 1, visualizamos as colunas do Sinal 1, que se refere aos sinais-terminos com maior frequência de ocorrência em nossa região. Obviamente os estudos precisam avançar, mas já conseguimos visualizar que existem uma gama de sinais sendo criados pela falta de um banco terminológico e de pesquisas de terminologia da área.

Outro exemplo, é o sinal-termo GÊNERO, que por muitas vezes por falta de conhecimento do TILS, acaba por utilizar o Sinal 2 da Tabela 1, sendo que este refere-se ao gênero textual. E o sinal-termo heterossexual apresentado pelo Sinal 2 da tabela 1 é também rotulado de machismo, ou seja, para alguns o sinal de machismo e heterossexualidade é o mesmo sinal.

Considerações finais

As discussões que permeiam essa discussão de sentido estão iniciando e terão continuidade em 2019 através do GETLibras, para assim aprofundar os resultados iniciais. Por serem palavras/sinais com uma carga semântica (SCHOLZ, 2006), repletas de significado, elas necessitam de um estudo maior para compreender a sua criação e uso. Pela falta de formação linguística e tradutória dos Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais, os sinais ganham forma sem um estudo conceitual, sendo muitas vezes um empréstimo linguístico, uso de um sinal existente ou ainda a soletração manual da palavra.

Com relação as questões linguísticas referentes a construção do sinal em Libras (como os itens de composição: fonológica, morfossintaxe e semântica) para determinados termos LGBTI+, observa-se que alguns sinais criados para a interpretação desses termos não possuem equivalência com o conceito sugerido em



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

língua portuguesa. Assim, nota-se que a função do sinal não contribui para um entendimento claro do conceito interpretado. Isso ocorre, provavelmente, por não ser comum a abertura de espaços de discussão para um estudo conceitual dos sinais nas comunidades LGBTI+ e na comunidade surda.

Referências

BARNWELL, Katharine. **Tradução bíblica – Um curso introdutório aos princípios básicos de tradução**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis, GO: Associação Internacional de Linguística, 2011. 3. ed.

BRASIL. **DECRETO nº 5.626** - Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436 - **Regulamenta a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**, 24 de abril de 2002.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. (Org.) **Competência em Tradução: Cognição e discurso**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2005.

RÔNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Educom, 1976.

SCHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários**. Canoas: ULBRA, 2006.

VASCONCELLOS, Maria Lucia; JUNIOR, Lautenai Antônio Bartholamei. **Estudos da Tradução I**. Material didático do curso Letras Libras Bacharelado. Florianópolis, SC: UFSC, 2009.

PARTE III

Resumos de Pôsteres



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

LATU SENSU EM ESCRITA DE SINAIS: uma real necessidade?

Kácio de Lima Evangelista – IFCE²⁰

Daniela Gomes Gumiero – UFES²¹

Resumo: Tendo em vista que os sistemas de Escrita de Sinais (ES) vem sendo aperfeiçoados com o passar dos anos, a exemplo do SignWriting, e que os cursos de Letras Libras possuem em sua grade curricular disciplinas que buscam ensinar a utilizar o sistema para registro da Libras, este trabalho objetiva levantar discussão sobre a necessidade de haver pós-graduação, precisamente a *Lato Sensu*, para aperfeiçoar e profissionalizar indivíduos para que possam trabalhar com a ES nas várias áreas existente: do ensino de Libras à produção de literatura, da biblioteconomia ao design, da tradução à arquivologia. Baseamos nossa discussão na revisão do parecer CESU 977/1965, que consolida a pós-graduação no Brasil e averiguação da ementa da disciplina de Escrita de Sinais no Projeto Político Pedagógico - PPP de 2007 do curso a distância ofertado pela UFSC, conforme Quadros (2014), contabilizando a carga horária total de disciplinas que trabalhem a ES e considerando o conteúdo trabalhado. Por fim, consideramos a necessidade de aprofundar a discussão ampliando a quantidade e diversidade de cursos de Letras Libras que contemple a escrita de sinais em seu PPP para analisar se a quantidade de horas voltadas a essa escrita é suficiente para tornar todos os indivíduos formados em proficientes e profissionais nessa escrita.

Palavras-chave: Escrita de Sinais. Lato Sensu. SignWriting.

²⁰ Graduado em Licenciatura em Letras Libras. E-mail: <kacio.evangelista@ifce.edu.br>.

²¹ Mestranda em Letras. E-mail: <danielagumiero@hotmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

A ESCRITA DE SINAIS E SEU USO NAS ESCOLAS DE SURDOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL: uma análise quantitativa e qualitativa a partir dos professores e gestores de escolas de surdos

Priscila Paris Duarte – IFSC²²

Grasiele Pavan – UCS²³

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo e investigação do uso da Escrita de Sinais nas escolas de surdos da região sul do Brasil, no ano de 2018. Essa pesquisa foi realizada a partir de questionários enviados as escolas, com questões objetivas e dissertativas, que foram analisadas e quantificadas a fim de verificar quais escolas estão ou não utilizando o recurso da escrita de sinais, baseada no sistema SignWriting, e quais os resultados perceptíveis através dela. A escrita de sinais tem sido difundida e defendida nos meios acadêmicos no Brasil através de dissertações e teses, como forma de apropriação da própria língua na modalidade escrita pelos usuários surdos, para então estabelecer relações de aprendizagem com a segunda língua, também em modalidade escrita, e é nessa perspectiva que entra essa pesquisa, pela busca de informações que nos tragam um parâmetro da realidade do uso dessa escrita na educação de surdo, através do recorte espacial e temporal determinado. O Sistema SignWriting foi desenvolvido em 1974 por Valerie Sutton, e no Brasil foi a partir do ano de 1996 iniciaram as pesquisas sobre escrita de sinais com o Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa e a professora Márcia Campos na PUC-RS, nas quais fez parte a pesquisadora Marianne Rossi Stumpf, que hoje é professora e referência na área, possibilitando assim uma escrita da Língua Brasileira de Sinais para os surdos brasileiros.

Palavras-chave: Escrita de Sinais. Escolas de Surdos. SignWriting, Língua de Sinais. Educação de Surdos.

²² Bacharel em Serviço Social. E-mail: <priscilaparis@gmail.com>.

²³ Mestranda em Letras e Cultura. E-mail: <grasyp@gmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

UMA PROPOSTA DE DICIONÁRIO BILÍNGUE *SIGNWRITING*/PORTUGUÊS: discutindo a importância de acesso a leitura em língua materna pelos surdos

José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho – UFRA²⁴

Resumo: Este trabalho busca apresentar uma discussão acerca da relevância de dicionários em escrita de sinais, *SignWriting*, como instrumento facilitador no processo de apreensão de significados em língua brasileira de sinais (L1) pelos surdos brasileiros, bem como; situar uma revisão histórica sobre a produção de dicionários em língua de sinais no país e como o *SignWriting* foi sendo inserido nesses manuscritos; e discutir uma proposta de dicionário bilíngue *SignWriting* / português como acesso a leitura em língua materna por esses indivíduos. A pesquisa foi do tipo bibliográfica de abordagem qualitativa. O procedimento de coleta de dados consistiu no levantamento de um conjunto de obras que tematizam a discussão da escrita de sinais e o dicionário na área da educação de surdos. Assim, o referencial teórico utilizado foi, principalmente, Stumpf (2002, 2005, 2008), Barreto & Barreto (2015), Barros (2008) e Sofiato e Reily (2014). Os resultados, dessa forma, evidenciaram que os dicionários de língua de sinais existentes no Brasil não estão escritos na língua de comunicação e expressão das comunidades surdas, portanto, dificultam o acesso destes aos significados das palavras e sinais. Portanto, considera-se que o registro dos significados das palavras em *SignWriting* (L1) nos dicionários é importante, pois possibilita aos surdos a compreensão do vocabulário, principalmente em sua L1, a Libras.

Palavras-chave: Dicionário bilíngue. Libras. *SignWriting*. Surdos.

²⁴ Mestre em Educação. E-mail: <sinesiofilho@hotmail.com>.



I CIELS-SUL

I Congresso Interdisciplinar sobre Escrita da Língua de Sinais da Região Sul
13 a 15 de dezembro de 2018
Escola Especial para Surdos Frei Pacífico
R. Paulino Chaves 235, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

AS PERSPECTIVAS FAMILIARES A RESPEITO DO APOIO SOCIAL PESSOAL E ENFRENTAMENTO DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS RELATADAS POR FAMÍLIAS CODAS

Maria Carolina Abianna – UFCSPA²⁵

Mariana Gonçalves Boeckel – UFCSPA²⁶

Resumo: O contexto cultural do surdo com ênfase em seus emergentes psíquicos, é carente de investigações científicas, principalmente na área da Psicologia. A comunidade surda no Brasil é complexa no que tange a influência da cultura ouvinte, em detrimento da preservação da identidade surda. Neste ínterim, há integrações surdo-ouvinte de maneira dinâmica, sendo que há diversas formas de associação cultural, assim, destacamos aquelas que concernem a pais surdos que tem filhos ouvintes (Children of deaf adults - CODAS). Com foco na configuração familiar dos CODAS, neste projeto objetiva-se entender as diferentes perspectivas, de pais e filhos, referente ao apoio social pessoal recebido. Nesta perspectiva, também essa investigação dará foco em como as famílias organizaram-se para dar resolutividade à situações de violências ocorridas durante o ciclo vital. Estima-se entrevistar cinco famílias, tendo o critério de saturação teórica como crivo de encerramento da coleta de dados. Será aplicada nos participantes a escala de Rede/Apoio Social de Sluzki, que será traduzida na escrita de sinais, além de ser originalmente construída em português. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com todos os integrantes, sendo que ambos instrumentos serão analisados qualitativamente. As entrevistas serão transcritas e examinadas através de análise de conteúdo de Bardin, sendo o aporte teórico para discussão dos dados a teoria de Sluzki. As conclusões esperadas neste estudo serão fundamentais para o entendimento de qual são os pontos fortes da rede destas famílias, bem como quais fatores podem ser dados que estimulem a criação de políticas que visem a promoção de saúde para estes.

Palavras-chave: Children of Deaf Adults (Codas). Relações familiares. Rede social de apoio.

²⁵ Mestranda em Psicologia e Saúde. E-mail: <carolina.abianna@gmail.com>.

²⁶ Doutora em Psicologia. E-mail: <mariana_boeckel@yahoo.com.br>.